

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ANA ELIZABETH LEÓN GONZÁLEZ

Práticas e trabalhos do cuidado de um grupo de mulheres migrantes latino-americanas no Rio de Janeiro

**RIO DE JANEIRO
2018**

ANA ELIZABETH LEÓN GONZÁLEZ

Práticas e trabalhos do cuidado de um grupo de mulheres migrantes latino-americanas no Rio De Janeiro

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Orientador:

Prof. Dr. Mohammed Elhajji

Co-orientadora:

Prof.^a Dra. Catalina Revollo Pardo

**RIO DE JANEIRO
2018**

CIP - Catalogação na Publicação

L643p León González, Ana Elizabeth
Práticas e trabalhos do cuidado de um grupo
mulheres migrantes latino-americanas no Rio De
Janeiro / Ana Elizabeth León González. -- Rio de
Janeiro, 2018.
142 f.

Orientador: Mohammed Elhajji.
Coorientadora: Catalina Revollo Pardo.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa
de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e
Ecologia Social, 2018.

1. migração intra-regional. 2. gênero. 3.
cuidado. 4. práticas sociais. I. Elhajji, Mohammed,
orient. II. Revollo Pardo, Catalina, coorient. III.
Título.

Ata da Reunião da Banca Examinadora da aluna Ana Elizabeth León Gonzalez candidata ao grau de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Aos onze dias do mês de abril de dois mil e dezoito, às quatorze horas, no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, reuniram-se os membros da Banca Examinadora aprovada pelo conselho de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, para examinar a Dissertação de Mestrado da aluna **Ana Elizabeth León Gonzalez**, registro nº **116069453**. Fizeram parte da Banca os(as) Professores(as) Doutores(as) Doutores(as) **Mohammed Elhajji** (orientador), CPF nº **028.111607-52**, **Catalina Revollo Pardo** (coorientadora), CPF nº **0662756700**, **Cláudio de São Thiago Cavas**, CPF nº **332765877-34**, **Angela Mercedes Facundo**, CPF nº **061.100.357-00** e **Camila Daniel**, CPF nº **099930547-63**. O prof. Mohammed Elhajji, na qualidade de Presidente da Banca, abriu os trabalhos concedendo à aluna tempo para exposição oral de sua dissertação intitulada **"Dimensões do cuidado em mulheres imigrantes latino-americanas no Rio de Janeiro"**. Dando prosseguimento, a aluna foi argüida pelos(as) professores(as) examinadores(as). Ato contínuo passou a Banca a proceder à avaliação e julgamento da dissertação, concluindo pela **Aprovação**. A aluna, portanto, foi declarada **Apta** a receber o grau de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Nada mais a declarar, eu, Ricardo Antonio Xavier de Barros Fernandes, lavrei e assinei a presente ata, sendo seguida da assinatura dos membros da banca e da aluna. Rio de Janeiro, onze de abril dois mil e dezoito.

Secretário: Ricardo Fernandes

Banca:

Mohammed Elhajji
Catalina Revollo Pardo
Cláudio de São Thiago Cavas
Angela Mercedes Facundo
Camila Daniel
Aluna: Ana Elizabeth León Gonzalez

Observações: _____

AGRADECIMENTOS

Às mulheres que aceitaram falar e se encontrar comigo, pelo tempo e disposição de contar suas experiências; agradeço por permitirem escutar histórias das suas vidas e seus cotidianos.

Agradeço aos meus orientadores e minha co-orientadora, professores excepcionais com os quais tive o privilégio de realizar o mestrado: ao Prof. Mohammed Elhajji pela agudeza de suas reflexões, pelas valiosas contribuições nos seus cursos; ao Prof. Claudio Cavas, com quem iniciei e qualifiquei meu projeto, pelo empenho, orientação criteriosa e sentido prático; e de forma especial, à Profa. Catalina Revollo Pardo, mais do que grata pela dedicação e empenho com nossos projetos, pela atenta e amorosa escuta, pelos espaços de orientação-psicoterapêutica, pela compreensão de vida do que significa migrar, e por permitir, como amiga, compartilhar um pedacinho da sua vida de mãe-acadêmica-Dj-migrante- admiro sua tenacidade.

Às professoras que participaram na minha banca de defesa: Professora Dra. Camila Daniel, Professora Doutora Ângela Facundo, pelos valiosíssimos apontamentos, sugestões e ensinamentos.

Meus agradecimentos ao Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social–EICOS do Instituto de Psicologia. De maneira mais específica ao *Laboratório de Memórias, Ocupações e Territórios: Rastros Sensíveis*; esta pesquisa não seria a mesma sem as reflexões e discussões fundamentais e sem as amizades construídas no Laboratório. Também sou grata à professora Claudia Miranda da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, por todo o que suas aulas me ensinaram para a vida.

Agradeço à Carolina León e Elena Valdivia, companheiras com as quais caminhei este processo. *Gracias* por me receberem nas suas casas, me darem luzes, mãos e carinho em tantos momentos.

Aos amigos e amigas do Coletivo Colombianxs pela Paz-RJ, ao grupo de Mulheres Latino-americanas, e aos outros “estrangeiros” que cruzei no caminho, por serem uma rede de família, de solidariedade e de criação de espaços para sublimar nossa *dupla ausência*.

Agradeço à Kelly Lima, pela amizade e pelo amor recebido da sua família. Por ter aberto o caminho para que fosse possível ficar no Brasil, sem seu apoio nos

primeiros anos, seria literalmente, impossível estar aqui. A Acer-Brasil e aos amigos e amigas voluntários, porque foram meu primeiro lar.

Agradeço, sem que caiba na textualidade, aos mais incondicionais: a minha mãe, por compreender meu desejo de ir, por ser um exemplo de confiança e luta. A meu pai, à Maggie, e aos meus irmãos, Gabriela e Mateo, por me ensinar o valor da persistência e da ternura.

De forma especial agradeço ao Samuel, pela escuta, paciência, por fazer mais cálido e familiar os itinerários do dia a dia. Sou muito grata pelos anos andados com você, obrigada por abrir seu universo musical e por estar presente neste processo.

Finalmente, agradeço à CAPES por me conceder uma bolsa de estudos no segundo ano do mestrado.

RESUMO

As atividades do cuidado estão ancoradas nas experiências históricas de reprodução social e sua organização envolve diferentes tipos de relações dentro e fora dos espaços domésticos. Esta dissertação é o resultado de uma pesquisa sobre a imigração e as formas em que se estabelecem as práticas e os trabalhos dos cuidados de um grupo de mulheres no Rio de Janeiro. O projeto, indaga as estratégias da organização familiar do cuidado no cotidiano de dez mulheres imigrantes, contemplando as assimetrias das posições de classe e raça e as relações que constroem com outras pessoas ao redor da manutenção e produção do bem-estar físico. Os cuidados são atividades, tarefas e disposições, materiais e afetivas indispensáveis para a reprodução de vida das pessoas, diariamente. As pessoas responsáveis pelos cuidados, seja no contexto das atividades salariais ou não, são geralmente mulheres. Esta pesquisa se destaca no seu caráter participativo, dada a qualidade da pesquisadora como imigrante e trabalhadora como babá. Para investigar as práticas e trabalhos dos cuidados de um grupo de mulheres imigrantes da cidade do Rio de Janeiro, foram realizadas entrevistas abertas individuais com dez mulheres entre 25 e 69 anos, provenientes de países sul-americanos, 9 delas com filhos, e dessas, duas trabalhadoras dos cuidados, e incluídos também os relatos da observação participante da pesquisadora. Após análise de conteúdo das entrevistas as mesmas foram organizadas em quatro categorias empírico-analíticas. A migração intra-regional configura outras formas de trabalhos dos cuidados. As qualidades dos afetos que circulam entre cuidadoras e pessoas cuidadas, assim como o intercâmbio intercultural são elementos de suma importância que requerem ser aprofundados para o estudo da temática das migrações e os cuidados.

Palavras chave: migração intra-regional, gênero, cuidado, práticas sociais.

ABSTRACT

Care activities are based on historical experiences of social reproduction and their organization involves different types of relationships inside and outside of domestic spaces. This dissertation is the result of research on immigration and the ways in which the practices and / or care work of a group of women in Rio de Janeiro are established. The project explores the strategies of the family care organization in the daily life of ten immigrant women, contemplating the asymmetries of class and race positions and the relationships that are built with other people, around the maintenance and production of physical and emotional well-being. The cares are activities, tasks and dispositions, material and affective essential for the reproduction of life of the people, that are realized daily. In general, women are the people who take care of their care either through paid work or through their homes. This research is highlighted in its participatory nature given the quality of the researcher as an immigrant and her work as a nanny. To investigate the practices and care work of a group of immigrant women from the city of Rio de Janeiro, we conducted individual open interviews with ten women between 25 and 69 years old, from South American countries, 9 of them with children, and between those, two are specifically dedicated to the work of care. Content analysis of the interviews was conducted and organized into four empirical-analytical categories. The intraregional migration configures other forms of care work and the qualities of the affections that circulate between caregivers and well-cared for people, as well as intercultural exchange, are extremely important elements that need to be deepened in order to study the topic of migrations and care.

Keywords: intra-regional migration, gender, care, social practices.

RESUMEN

Las actividades del cuidado están basadas en las experiencias históricas de reproducción social y su organización involucra diferentes tipos de relaciones dentro y por fuera de los espacios domésticos. Esta disertación es el resultado de una investigación sobre la inmigración y las formas en que se establecen las prácticas y / o trabajos del cuidado de un grupo de mujeres en Río de Janeiro. El proyecto indaga las estrategias de la organización familiar del cuidado en el cotidiano de diez mujeres inmigrantes, contemplando las asimetrías de las posiciones de clase y raza y las relaciones que se construyen con otras personas, alrededor del mantenimiento y producción del bienestar físico y emocional. Los cuidados son actividades, tareas y disposiciones, materiales y afectivos indispensables para la reproducción de vida de las personas, que se realizan diariamente. Esta investigación, se destaca en su carácter participativo dada la calidad de la investigadora como inmigrante y su trabajo de niñera. Para investigar las prácticas y trabajos de los cuidados de un grupo de mujeres inmigrantes de la ciudad de Río de Janeiro, realizamos entrevistas abiertas individuales a diez mujeres entre los 25 y los 69 años, provenientes de países sudamericanos, 9 de ellas con hijos, y entre esas, dos específicamente se dedican al trabajo de los cuidados. Se realizaron análisis de contenido de las entrevistas y se organizaron en cuatro categorías empírico-analíticas. La migración intrarregional configura otras formas de trabajo de los cuidados y las cualidades de los afectos que circulan entre cuidadoras y personas cuidadas, así como intercambio intercultural son elementos de suma importancia que requieren ser profundizados para el estudio de la temática de las migraciones y los cuidados.

Palabras clave: *migración intrarregional, género, prácticas sociales, trabajo del cuidado.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. TIPO CAFÉ NO COPO: PERSPECTIVAS DOS ESTUDOS DAS MIGRAÇÕES.....	18
1.1 OS ESTUDOS DAS MIGRAÇÕES NAS CIÊNCIAS SOCIAIS.....	18
1.2 MIGRAÇÕES COLONIAIS.....	26
1.3 MIGRAÇÕES SUL-SUL.....	30
1.4 MIGRAÇÃO NO CONTEXTO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.....	37
2. DE COTIDIANOS IMPRESCINDÍVEIS: OS TRABALHOS E AS PRÁTICAS DO CUIDADO.....	43
2.1 APORTES DO FEMINISMO MARXISTA.....	44
2.2 DEFINIÇÕES DA CATEGORIA DO CUIDADO.....	47
2.3 COLONIALIDADE, PRÁTICAS E TRABALHOS DOS CUIDADOS NO COTIDIANO BRASILEIRO.....	51
3. O TEMPO DO CARRINHO: CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS....	59
3.1 O MEU PERCURSO.....	64
3.2 TRABALHO DE CAMPO.....	67
3.2.1 Colaboradoras da Pesquisa	69
Bruna	69
Paula.....	70
Laura.....	71
Fernanda	71
Julia	72
Isabel	73
Geiza	73
Aline.....	74
Carmen.....	74
Bianca.....	75
3.3 RELATOS DE EXPERIÊNCIA.....	78
3.3.1 Relato de experiencia I	79

3.3.2	Relato de experiência II	81
3.3.3	Relato de experiência III	82
3.3.4	Relato de experiência IV	83
3.3.5	Relato de experiência V	85
3.3.6	Relato de experiência VI	86
4.	RESULTADOS EM LONTANANZA.....	87
4.1	CATEGORIAS E ANÁLISE DE RESULTADOS.....	89
4.1.1	Ela é meu apoio, mas não meu par	90
4.1.2	Tramas tecidas com cuidado	100
4.1.3	Vivências imigrando	110
4.1.4	Você [Não] Parece Brasileira.....	116
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
	REFERÊNCIAS.....	128
	ANEXO.....	140

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se localiza dentro do campo dos cuidados e as migrações internacionais os quais são abordados a partir do cotidiano de um grupo de mulheres oriundas de países latino-americanos no Rio de Janeiro. A temática do cuidado se introduz nos países anglo-saxões e francófonos a partir das demandas do feminismo da segunda metade do século XX, movimentos que levantaram críticas sobre o papel das mulheres dentro do sistema capitalista a analisaram as repercussões da divisão sexual do trabalho. Os debruçamentos sobre esta temática geraram várias posturas analíticas da compreensão do trabalho doméstico, priorizando a relação entre o trabalho e a desigualdade da participação das mulheres na reprodução social nas sociedades modernas.

A perspectiva do cuidado procura, além de discutir a dimensão econômica do trabalho doméstico, abordar as dimensões históricas e psicossociais que se apresentam no âmbito das migrações. Exemplo disso são as contribuições teórico-conceituais sobre o fenômeno de migração de mulheres trabalhadoras de países do Sul global que entram no mercado laboral através dos trabalhos do cuidado.

A respeito da migração, entendemos que este é inerente à organização das sociedades e se apresenta em tempos e formas variáveis. Em termos quantitativos, a migração Internacional vem aumentando ao longo dos últimos quarenta anos (ZLOTNIK, 2003) sendo que em 2015, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU) (2016), o mundo contava com aproximadamente 243.700.236 imigrantes, dos quais 48.2% eram mulheres. O conjunto de países latino-americanos e caribenhos ocupa o penúltimo lugar dos destinos escolhidos para imigrar e o Brasil está na quarta posição dos mais procurados.

Tendo em conta os diferentes fluxos de mobilidade entre o Norte e o Sul global, a migração intra-regional de países América Latina pode ser compreendida a partir de vários pontos de vista. Por exemplo, pode-se entender através dos fatores de desigualdade social ancorada diretamente na estrutura produtiva e econômica dos países desta região, e é caracterizada pela heterogeneidade estrutural que se reflete nas poucas possibilidades que têm os latino-americanos de ter um emprego formal, como também na alta concentração de renda. Estas e outras características produzem consequências graves para as mulheres, principalmente às que fazem parte das

comunidades indígenas e negras, segundo a Comissão Econômica para América Latina (CEPAL) (2016).

De acordo com este órgão, a falta de reconhecimento das atividades e labores domésticos aumenta a desigualdade nos países da região, dado que nos setores com menores níveis de renda, as mulheres são mais sobrecarregadas com as tarefas dos cuidados e trabalham mais horas dentro e fora dos espaços domésticos. Considerando estas informações, resulta importante revelar outros aspectos da feminização das migrações e dos fatores que fazem prevalecer as brechas econômicas e sociais dos grupos generizados e racializados.

Ao falar da categoria do cuidado são definidas as atividades e tarefas que as pessoas realizam diariamente para si mesmas e/ou para outras, seja voluntariamente ou por trabalho remunerado. O cuidado consiste na geração e manutenção do bem-estar físico e emocional das pessoas; e nas ações e disposições de intercâmbio do cuidado, circulam afetos, emoções e conhecimentos. Porém, as atividades do cuidado são desvalorizadas e reproduzem ao mesmo tempo a desigualdade e a hierarquização da sociedade. Nesse sentido, partimos do pressuposto de que as atividades do cuidado surgem de muitas formas e os contextos e marcadores sociais modificam o sentido que se lhe atribui.

Portanto, assumimos que os cuidados são práticas sociais que são transmitidas entre gerações dos níveis mais próximos aos mais estruturais. Segundo Michael de Certau (1999) as práticas são maneiras ou artes de fazer cotidianas que precisam ser tiradas “do fundo noturno da atividade social”. Na proposta deste autor, os cuidados são o que se dá no dia a dia, se trata de uma história sobre nós mesmos que se compõe de um mundo de memória. Guiados por essa proposta, identificamos alguns motivos pelos quais as práticas cotidianas são um objeto importante da pesquisa psicossociológica.

Em seguida apresentamos as justificativas pessoais, acadêmicas e sociais.

Começando pelo contexto latino-americano, identificamos que a perspectiva do cuidado se incorpora mais recentemente nas ciências sociais e a partir dos anos 2000 começa a ter maior centralidade em diferentes campos de estudo. A partir daí tem início as aproximações com os corpos teórico-conceituais. Abordagens da teoria das “cadeias globais do cuidado” introduzida nos EE. UU por Arlie Hochschild (2001) foram aplicadas em países sul-americanos através de agências como a ONU (ARRIAGADA; TODARO, 2012). De acordo com Herrera (2013), o conceito de *cadeias globais do*

cuidado foi importante para visibilizar a migração de mulheres em diferentes regiões do mundo e também o deslocamento e transformação das estratégias da reprodução social. No entanto, ele foi limitado por não abordar as características da organização social dos cuidados nos países de emigração. Desta maneira, trazer esses enfoques para os países do Sul, implica atender este tipo de demanda na medida em que se relacionam com as desigualdades específicas que se apresentam nas dinâmicas laborais e de migração nestes países.

Citamos como exemplo o Sistema Nacional do Cuidado do Uruguai, uma política que foi desenhada para gerar corresponsabilidade entre famílias, o Estado, a comunidade e o mercado, se distinguindo por ser uma iniciativa pioneira, considerando que os estados latino-americanos são fracos e com muitas ausências de políticas públicas em relação ao cuidado. A transformação dos governos nos anos oitenta gerou consequências importantes e podemos pensar que o papel do Estado e do mercado evidencia grandes distâncias no tratamento dos cuidados.

Neste sentido, consideramos importante questionar as práticas e trabalhos dos cuidados no âmbito migratório latino-americano, já que coloca outros elementos: a migração transnacional, a cidadania, as práticas interculturais e as estratégias organizativas, que pouco são levados em conta na migração Sul- Sul.

Esta pesquisa parte da premissa de que a migração serve como uma lente com a qual é possível enxergar estratégias da sociedade em torno das práticas do cuidado de mulheres imigrantes e estrangeiras. Considera-se que nos estudos migratórios é necessário olhar para as formas do cuidado, as protagonistas e os tipos de relação que fazem parte dessa dinâmica. A partir destas considerações, surge a pergunta: como se configuram as práticas e trabalhos dos cuidados das mulheres migrantes latino-americanas no Rio de Janeiro?

O objetivo geral definido é: investigar as práticas e trabalhos dos cuidados de mulheres migrantes latino-americanas no Rio de Janeiro. Como objetivos específicos foi proposto (a) refletir sobre as contribuições dos estudos migratórios ligados à pesquisa participante na perspectiva da crítica decolonial latino-americana, (b) discutir os desdobramentos da categoria do cuidado a partir da colonialidade e das contribuições dos diferentes enfoques feministas, (c) analisar as práticas dos cuidados no cotidiano a partir da trajetória de migração das participantes, (d) problematizar as características da migração intra-regional através das experiências das participantes para a análise dos cuidados.

Situamos o começo deste processo de investigação a partir da trajetória pessoal¹, com minha chegada ao Brasil em 2013. As experiências sobre minha nacionalidade, meu sotaque e restrições burocráticas, fizeram com que me reconhecesse como imigrante, um lugar que antes eu não conhecia. E, em um segundo momento, gerou o interesse em levar essas questões para o âmbito acadêmico. A partir da procura por um curso de pós-graduação que chamasse minha atenção para desenvolver um projeto sobre a temática de migração, se deu o ingresso ao programa de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social –EICOS da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o que resultou em um segundo deslocamento (primeiro de país: da Colômbia para o Brasil, depois da cidade de São Paulo para o Rio de Janeiro).

Junto com a mudança de residência surgiu a necessidade econômica que me levou a trabalhar como babá. Esse trabalho foi iniciado através de minhas redes de apoio constituídas por outras pessoas no Rio, e, com o tempo, me aproximei de mulheres estrangeiras com filhos e das dinâmicas cotidianas dos cuidados. Isto também permitiu conhecer as trabalhadoras domésticas e babás com quem compartilhei as tardes em algumas praças da cidade. Com elas eu ia entendendo como se teciam as relações e os afetos entre empregadas, crianças e as próprias trabalhadoras do cuidado.

Também justificamos o interesse por abordar a questão do cuidado e as migrações nesse contexto, reconhecendo que a colonialidade nas práticas dos cuidados tem herança na escravidão e no lugar das “mães pretas”, “amas de leite” ou “amas-secas”, mulheres escravizadas que cumpriam o papel de amamentadoras e cuidadoras dos bebês brancos, ao mesmo tempo em que eram privadas dos cuidados dos seus próprios filhos.

Consideramos que manifestações desse processo histórico são reproduzidas nas formas atuais do trabalho. No contexto brasileiro, são identificadas práticas marcantes. De acordo com Brites e Picanço (2014) o número de empregadas domésticas no Brasil supera os seis milhões (6. 516.995), sendo 61% mulheres negras. As características desta realidade apontam que raramente o trabalho doméstico é uma escolha profissional desejada pelas mulheres brasileiras e quanto mais baixo o nível de escolaridade, maior probabilidade que elas ingressem nas

¹¹ Ao longo do texto, se mudará o tempo da primeira pessoa no plural para a primeira pessoa do singular, nos casos em que seja importante destacar a voz da pesquisadora individualmente.

ocupações do cuidado (babás, acompanhantes de crianças, faxineiras, caseiras, empregadas domésticas diaristas, interna ou por jornada, cuidadoras de idosos). E, finalmente, as autoras indicam que quanto maior a expectativa em função do estilo e da qualidade de vida, maior a desvalorização do trabalho doméstico. Estes e outros aspectos se relacionam com a colonialidade (QUIJANO, 1992; 2007), que reproduz práticas atravessadas pela “raça” e não só pelo gênero.

Outro ponto que diz respeito aos antecedentes sociais deste fenômeno, tem relação com as consequências dos projetos de “modernização” e urbanização das cidades: o deslocamento da população vinda do campo para a cidade (migração rural-urbana) recebeu influência da transformação nas formas do trabalho e criou novas demandas de ofícios e ocupações (HERRERA, 2013). As mulheres que já eram cuidadoras na época da escravidão continuaram a realizar estas tarefas, desta vez sobre a lógica do trabalho, a precarização não se transformou, continuando representada nos baixos salários e direitos laborais.

Aquelas mulheres que no período da escravidão não tinham sido forçadas aos trabalhos domésticos, obtiveram pela modernização do trabalho, a entrada no mercado laboral. Até os dias de hoje o valor social das tarefas básicas cotidianas continua a ser pouco valorizado e, embora seja fundamental para a economia capitalista, não é por ela reconhecido. Assim, como diz Hirata e Kergoat (2007, p. 597), sobre os cuidados, “tudo muda, mas nada muda”.

Passando para o campo das migrações, entendemos que, embora seja tratado como “o problema” contemporâneo, os deslocamentos populacionais são um “fenômeno histórico incontestavelmente irreversível” (ELHAJJI, 2014, p. 117). A perspectiva sociológica que seguimos, sugere que, este fenômeno social apresenta uma condição interdependente: a imigração e a emigração. Esta complexidade desafia a ortodoxia social e política, já que significa a presença da ordem nacional de indivíduos não nacionais (imigrantes) e a ausência da ordem nacional de nacionais pertencentes a dita ordem (emigrantes) (SAYAD, 1998). Por outro lado, a perspectiva decolonial coloca que as migrações são expressões da formação global racial/colonial, que produz uma hierarquia étnico-racial assim como identidades geoculturais (QUIJANO, 2007; GROSGUÉL, 2007) e nacionais em conflito.

Ao longo desta pesquisa ressaltamos a necessidade da compreensão do fenômeno migratório latino-americano a partir da concepção das migrações Sul-Sul. Com a ideia de “mulheres latino-americanas” esta pesquisa não pretende representar

um sujeito feminino único (que se figura comumente como mestiço/a). Entende-se os perigos da representação que se reproduz com nomeações tais como: mulheres do Terceiro mundo, mulheres dos países “em desenvolvimento” e outras formas, que terminam essencializando a diversidade de intersecções dos grupos femininos.

Outro elemento importante para a pesquisa é o contexto específico da cidade do Rio de Janeiro. Considerando a experiência prévia em São Paulo, houve uma inquietude por conhecer onde e como estavam organizados os grupos e comunidades imigrantes, quais ferramentas de participação política possuíam e que experiências de produção cultural se criava nesse contexto. Com o passar do tempo, foi possível entender que a presença das comunidades imigrantes é mais dispersa e com poucas ferramentas de participação cultural e política.

Levando em conta os elementos expostos anteriormente, este trabalho de dissertação se compõe de quatro capítulos. O primeiro se refere à perspectiva dos estudos das migrações que nomeamos “*tipo café no copo*”, como uma metáfora que indica a forma em que compreendemos a análise teórica-metodológica das migrações. Resumimos algumas referências da tradição deste campo de estudos, o enfoque da migração Sul-Sul e brevemente mencionamos a migração colonial, como proposta dos estudos decoloniais.

No segundo capítulo, abordamos a categoria dos cuidados articulada aos antecedentes históricos e às migrações. Chamamos esta secção “*De cotidianos imprescindíveis: os trabalhos e as práticas do cuidado*”. Nesta secção descrevemos enfoques que têm abordado esta questão, as perspectivas das migrações e os cuidados, e algumas considerações sobre o legado da escravidão.

O terceiro capítulo está centrado na descrição do processo teórico metodológico desenvolvido, as ferramentas de coleta e análise de dados. Com inspiração na experiência de pesquisa participativa pudemos compreender a elaboração a partir do que chamamos “o tempo do carrinho”.

No último capítulo da pesquisa nomeado “*resultados em lontananza*” apresentamos a análise das quatro categorias elaboradas a partir das enunciações e usando os recursos das metáforas para refletir e questionar os elementos conceituais propostos.

Por último, este estudo está escrito na primeira pessoa do plural e, quando conveniente, na primeira pessoa do singular, ainda que, como sugere Mourão apud Elhajji (2017, p. 205) “‘O Nós’, todavia, ‘pressupõe algum nível de identificação entre

instâncias enunciativas, cada uma delas proferindo seu 'eu' particular, cada uma consistindo em um 'tu' e um 'ele' virtuais”.

1. TIPO CAFÉ NO COPO: PERSPECTIVAS DOS ESTUDOS DAS MIGRAÇÕES.

Cafezinho como no Brasil? Não tem igual. Passado em casa, servido no boteco ou na padaria. E aquele café da tia a um real na esquina? Impossível não viciar e ficar com enxaqueca quando na correria acaba fazendo falta. Beleza. Agora vamos beber este café! Como assim tia, que copo de vidro e esse? Ay, ay, tá queimando meu dedo, la puta madre!...Quando vim pro Rio há 14 anos atrás, me neguei a adotar o costume...café no copo? Ainda no copo de geleia? Que ordinário, meu deus! Posso me adaptar a tudo, ao calor, as multidões, mas na minha casa, na minha casa café é na xícara! Dizia eu, ai de mim... O Brasil te passa na manteiga e você nem reparou, tá servida na mesa.
Fernanda “Cabra Solta”, (postagem da rede social, 2017)

Neste capítulo nos propomos apresentar enfoques para a análise das migrações contemporâneas, dos quais retomamos algumas propostas teórico-conceituais para tratar as migrações no contexto da pesquisa. Na primeira parte, apresentaremos, brevemente, correntes teóricas da sociologia e de outras disciplinas, que influenciaram e fundaram o campo de estudos das migrações. Um enfoque mais recente é a teoria das migrações coloniais proposta por Ramón Grosfoguel (2007) que trata da articulação entre nação, raça e colonialidade. Seguidamente, fazemos referência à categoria de Migração Sul-Sul e encerramos com dados relevantes para o contexto do Rio de Janeiro.

Com as diferentes correntes citadas, tentamos construir uma interpretação para o campo da psicossociologia e trazer a discussão sobre migração e os cuidados do cotidiano. Nesse sentido, o título deste capítulo tem ligação com as formas como apreendemos e incorporamos visões e paradigmas ao longo das experiências; ele remete às relações entre práticas sociais que se transformam.

Por outro lado, consideramos que os conceitos de *migração*, *mobilidade* e *deslocamento* sejam comuns, requerendo um esforço para entender as circunstâncias e fatores deste fenômeno que o fazem mais complexo. Nessa medida propomos articular algumas teorias com as quais seja possível refletir sobre as trajetórias das participantes da pesquisa. Iniciamos com um breve apanhado de autores clássicos.

1.1 OS ESTUDOS DAS MIGRAÇÕES NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Esta seção tem o objetivo de ressaltar autores conhecidos na tradição dos estudos das migrações nas ciências sociais, que se distinguem por diversas escolas e correntes europeias e norte-americanas. Para este levantamento, apoiamos-nos no trabalho da Délia Dutra (2012) que estabeleceu uma genealogia dos autores mais destacados.

Um dos primeiros autores, pioneiros, do campo sociológico que abordou as migrações no século XIX foi George Simmel (1858-1918). Na obra “O estrangeiro” ele define esta figura “como o que vem hoje e amanhã pode permanecer” (SIMMEL, 2005, p. 265). O sujeito estrangeiro, na visão simmeliana, se trata de um ser que guarda uma posição particular com o espaço, dado que possui uma “firmeza transfronteiriça” que faz com que o espaço não lhe pertença; também é um sujeito que se encontra mais perto do distante assim como se considera pertencente ao grupo, mas ao mesmo tempo não se encontra vinculado organicamente a nada nem a ninguém “em relação aos estabelecidos parentais, locais e profissionais” (SIMMEL, 2005, p. 287).

Em “Filosofia do Dinheiro” Simmel identifica o estrangeiro com os judeus e aborda o comércio como inerente deste grupo étnico; o estrangeiro é quem produz a economia do dinheiro e o capitalismo, a partir da sua marginalidade. O autor posteriormente modifica sua ideia para considerar que o estrangeiro é o produto da economia monetária e a divisão do trabalho (BUCHENHORST, 2017). A vasta obra deste reconhecido fundador da sociologia versou sobre o dinheiro, a cidade moderna, a urbanidade, entre outros objetos que continuariam a ser trabalhados pela conhecida, entre outras, como “Escola de Chicago”.

A Universidade de Chicago se formou por volta do início do século XX, num contexto no qual a metade dos habitantes da cidade (1,700.000) eram imigrantes europeus e afro-americanos do sul dos EE. UU (EUFRASIO, 1995). Produto das doações do magnata Rockefeller, a Universidade foi fundada por intelectuais importantes como William I. Thomas, autor da obra “*The Polish Peasant in Europe and America*”, junto com Florian Znaniecki; este centro também teve como diretor um aluno de Simmel, Robert Ezra Park.

A reconhecida obra “O Camponês Polonês na Europa e América” de Thomas e Znaniecki foi publicada entre 1918 e 1920, e marcou a ascensão nacional e internacional da sociologia norte-americanas. Esta obra foi uma referência importante pela novidade metodológica que fez uso da correspondência e de documentos pessoais na pesquisa social. Embora ela tenha maior semelhança com a antropologia,

importa salientar que para muitos intelectuais esse trabalho foi marcante para o campo sociológico, justamente pela forma em que teoria e metodologia se unem (EUFRASIO, 1995).

De acordo com Dutra (2012), ao estudar os poloneses na Europa, Thomas e Znaniecki identificaram que o sentimento de grupo era muito mais relevante do que os costumes que traziam dos países de origem, e que, portanto, “a tese de que quando as pessoas migram, em geral, fazem-no como grupo e não como indivíduos isolados, pois eles mantêm sua ligação com as suas origens” (DUTRA, 2012, p. 25) ecoa em outros teóricos e abriu um amplo panorama para as migrações. Além disso, sua pesquisa também aportou para o campo das migrações com a noção sobre a *atitude e desorganização social*, unidades de análise que posteriormente seriam fundamentais para o desenvolvimento da sociologia como ciência.

Considera-se que Thomas também influenciou bastante as linhas de pensamento de Robert Park, outro referente desta área. Park esteve interessado nas relações raciais ao longo da sua vida. Seu conceito chave foi o “homem marginal”, definido como,

sendo um híbrido cultural. Ele se inspira na experiência do judeu (sempre migrante), que sai do gueto e participa da vida da cidade (trabalha, estuda), para identificar nele um novo tipo de personalidade de indivíduo que vivencia de forma simultânea duas tradições e experiências culturais. Nesse sentido, poderia o migrante, em geral, também ser entendido como indivíduo marginal. Ou seja, aquele que busca ser aceito, se integrar na economia da cidade e também na vida cultural dessa nova sociedade. Na maioria das vezes, ele não será completamente aceito por conta dos preconceitos raciais, assim como de classe, gênero e status migratório (DUTRA, 2012, p. 26).

Esta figura de homem marginal também inspirou muitos trabalhos. Como visto, o judeu era o grupo social que se distinguia entre as produções acadêmicas das ciências sociais para discutir os deslocamentos populacionais. Seguindo com o legado Park, juntamente com Burgess, publicaram a reconhecida obra “*Introduction to the Science of Sociology*” em 1921 onde foi introduzida a proposta dos “quatro tipos grandes de interação”: competição, conflito, acomodação e assimilação. Para eles, este último conceito está estreitamente relacionado ao fenômeno das migrações. A assimilação era considerada como a “interpenetração e fusão no qual pessoas e grupos adquirem as memórias, os sentimentos e as atitudes de outras pessoas ou grupos, e, compartilhando sua experiência e história, são incorporados em uma vida cultural comum” (PARK; BURGESS, 2014, p. 136).

Dita visão sobre a assimilação formada na sociedade americana, concebia que o imigrante que contribuiu no passado pode contribuir no futuro da sociedade que o adotou, e portanto, este mecanismo favoreceria, não necessariamente a pluralidade cultural, mas sim sua homogeneidade. A assimilação foi uma categoria abordada também pela psicologia e, como Park e Burgees colocam, seu escopo principal remete à estruturação de uma ordem social, à ideia de nação.

Pelo lado da acomodação e da adaptação, como mecanismos que também interatuam conjuntamente, segundo Park e Burgees (2014, p. 135), se distinguem ao afirmarem:

A eugenia pode ser considerada como um programa de adaptação biológica da raça humana na tomada de consciência dos ideais sociais. A educação, por outro lado, representa um programa de acomodação ou uma organização, modificação e cultura de características originais.

Pretendemos destacar com tal citação a relação entre as práticas eugenésicas, a estruturação das sociedades modernas e as migrações, dado que com esses tipos de interação, esses autores colocam fatores importantes para pensar as migrações em muitos contextos ocidentais do século XX. Por exemplo, no caso brasileiro, Seyferth (2002, p.148) destaca que no país “a política imigratória delineada para o pós-guerra continuou vinculando a nacionalidade (dependente do abasileiramento) a questões biológicas conformadas pela ideia de raça e eugenia”. Nesse sentido, inferimos que o legado dos autores mencionados, influenciaram em grande escala projetos e pesquisas de diferentes temáticas; sendo a migração um campo que teve um desenvolvimento significativo para as sociedades modernas, e foi objeto de estudo de destacados sociólogos da escola de Chicago.

A produção desses três autores clássicos dos estudos das migrações, se localiza nos contextos: da virada do século XX na Alemanha, onde Georg Simmel desenvolveu seu trabalho intelectual e; da pós-guerra nos Estados Unidos na Escola de Chicago. Seu legado, junto com outras referências não mencionadas, permitiu a emergência de fenômeno que se relaciona com a sociedade e suas diferentes dimensões e da qual pouco se tratava na sua complexidade, posto que foram as teorias econômicas que definiram as causas e consequências da migração, sem levar em conta as dinâmicas socioculturais como aporte para as sociedades modernas.

Examinando outro intelectual, a sociologia das migrações também foi o centro da obra do argelino Abdelmalek Sayad (1933-1998). Depois de abordar a sociologia rural na Argélia, Sayad se envolve com os deslocamentos, ao vivenciar as emigrações

de populações inteiras produto da atuação do exército durante a guerra de independência. Devido à conjuntura no seu país, Sayad visita a França, onde conheceu Pierre Bourdieu, com quem pesquisou sobre o trabalho, o desemprego e habitação. É possível identificar que este autor se interessou pela migração argelina na França, à medida que foi se assentando no país europeu.

No livro *“A Imigração: ou os paradoxos da alteridade”* publicado pela primeira vez em 1991, ele define a imigração como um ‘fato social complexo’ ou “fato social total” dado que “falar da imigração é falar da sociedade como um todo” (SAYAD, 1998, p. 16). Como objeto de estudo, Sayad (1998, p.15) se posiciona considerando que “todo itinerário do imigrante é, pode-se dizer, um itinerário epistemológico, um itinerário que se dá, de certa forma, no cruzamento das ciências sociais, como um ponto de encontro de inúmeras disciplinas”. Em relação à ideia de permanência ou temporalidade, tal como Simmel também apontou, a visão de Sayad indica que o imigrante se constitui pelo caráter provisório de acordo com aquilo que se espera dele, ou seja, sua dimensão dependerá da utilidade como força de trabalho e, por outro lado, poderá ser esquecido com maior facilidade como emigrante, efetivamente pela ausência na sua sociedade.

Uma ênfase da sociologia das migrações na perspectiva de Sayad, era que devia-se tratar as condições sociais que engendraram o emigrante e aquelas vivenciadas pelo imigrante no seu novo contexto, não só abordar a segunda dimensão da migração. Isto, na medida em que a existência de duas ordens – a ordem da emigração e da ordem da imigração - está fundada à ordem nacional. O imigrante se revela na tensão desse paradoxo (SAYAD, 1998).

Em geral, são vários os elementos que Sayad apontou para pensar as migrações contemporâneas e que requerem uma análise aprofundada, posto que suas observações continuam a vigorando. Consideramos que ao pensar a migração argelina para a França, Sayad já se aproximava de um enfoque crítico associado à teoria sociológica tradicional que não questionava o papel da colonização e as consequências dela nos territórios colonizados. Nesse sentido, ele adverte que a imigração de trabalho está relacionada também à imigração de povoamento (SAYAD, 1998), sendo um aspecto que envolve as questões raciais no centro desta perspectiva.

Como já apontado, podemos relacionar o processo de migração e o projeto de fundação das repúblicas e dos países no século XX. No caso do Brasil, houve uma

relação importante na construção da nação e a presença de imigrantes que coincidem com o ideal concebido. Como Sayad (1998) refere, o imigrante como força de trabalho se permeia ainda hoje nas formas em que se organiza sua presença e se lhe garante seus direitos. Outro aporte importante para a pesquisa reside na identificação da relação entre o lugar econômico das sociedades - ordens sociais - as quais pertence o imigrante, dado que o autor define que essas ordens sociais ocorrem dentro de um sistema que inclui o mundo dominante e o mundo dominado, “o imigrante é sempre oriundo de um país pobre, ‘subdesenvolvido’, ‘selvagem’, país do Terceiro Mundo etc.” (SAYAD, 1998, p. 75).

Esses elementos não definem a vasta e profunda obra deste destacado autor. Consideramos que várias das suas ideias permanecem vigentes para pensar as migrações intra-regionais. Deixando os aportes da sociologia e passando para outras visões recentes, encontramos outros referenciais de compreensão que valem a pena ressaltar brevemente.

O enfoque trabalhado por Estupiñan (2013) tem como alvo as agências internacionais e as formas como assumem as questões migratórias na atualidade. Ela identifica que no enfoque do *managment migration* (gestão da migração), órgãos reconhecidos como a Organização Internacional das Migrações (OIM) da ONU, trabalham em função de um controle dos fluxos estabelecendo relações com os governos e o setor privado emitindo sugestões e pareceres para agir sobre políticas sociais que envolvam aos imigrantes e refugiados. Esta perspectiva se caracteriza por,

fazer os movimentos de pessoas mais ordenados e previsíveis assim como produtivos e humanos, baseados em associacionismo e uma reciprocidade de interesses de todos os atores envolvidos –países de origem, países receptores e países de transito assim como os mesmos migrantes (GOSH apud ESTUPIÑAN, 2013, p. 10).

Chamamos a atenção para o conceito de gestão (“managment”) pois ele nos parece problemático na medida em que pode cair na criminalização da migração. A pesquisadora Estupiñan (2013) revela que há um interesse em controlar os fluxos e a participação de órgãos multilaterais cumpre um papel importante nesse sentido. Vemos como questionável considerar o associacionismo como princípio para os países emissores e receptores sem questionar as responsabilidades nas conjunturas sociopolíticas que se encontram envolvidas nas migrações forçadas.

Para Mezzadra (2011), na perspectiva do *migration management* se consideram dispositivos de controle e de produção de fluxos de imigrantes como se fossem um sistema de “diques”, ou seja, onde se propõem gerar um excedente de trabalhadores migrantes para cobrir as demandas do mercado e assim estabelecer um processo ativo de inclusão do trabalho migrante por meio de sua *ilegalização*. Este autor também é muito importante para o campo dos estudos das migrações internacionais. Propõe o enfoque da “autonomia das migrações” compreendendo os processos de deslocamento como um objeto autônomo mediado pelos modos de subjetivação no terreno das práticas individuais e coletivas (BOCAYUVA, 2013).

De acordo com Mezzadra, a ideia da autonomia pretende destacar o caráter conflitivo da produção de subjetividade, defendendo a importância que têm os estudos das migrações no potencial subjetivo, cultural e organizativo. Ou seja, as migrações são compreendidas em dois sentidos, por um lado, “‘choque’ que se produz cotidianamente a partir, da ação de dispositivos heterogêneos de assujeitamento e, por outro, de uma multiplicidade de práticas de subjetivação” (MEZZADRA, 2011, p. 71).

Com o conceito de *multidão*, ele sugere que no núcleo da história de lutas, que se encarnam nas práticas cotidianas, vive a subjetividade tão potente como vulnerável: “as migrações, na perspectiva que procuro desenvolver, mostram isto de maneira clara. E a tarefa que acreditamos essencial para uma política da multidão é aquela de construir muitas “pontes” e destruir muitas “barreiras”. (MEZZADRA, 2011, p.73).

É importante ressaltar que o trabalho desse autor influencia os estudos das migrações no campo da comunicação e da psicossociologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde se tenta aportar através das pesquisas e eventos uma perspectiva da cidadania transnacional das migrações. Identificamos a potência do conceito de Mezzadra sobre *multidão* em função de proporcionar esse outro olhar - não uma romantização - que prioriza as práticas subjetivas intrínsecas aos movimentos e conflitos migratórios. A começar do campo da psicossociologia se considera significativo que os desejos e as expectativas também sejam tratados como questões para os estudos migratórios e sejam enxergadas a partir de visões críticas e emancipatórias sem que se percam os entendimentos sobre os sistemas de poder e opressão que afetam e se imprimem nos sujeitos migrados e suas trajetórias.

Elhajji (2017), recolhe vários aspectos dos autores mencionados para problematizar a questão da minoria, em diálogo com a proposta de Appadurai sobre o “pequeno número”. De acordo com sua perspectiva:

O migrante se revela, então, um reflexo oposto da média, maioria e ‘normalidade’; um catalisador da diferença na estrangeiridade e da própria diferença, até então despercebida, daqueles que se colocam ou se veem como norma ou medida. A figura do estrangeiro, atualizada na presença do migrante, tem esse potencial subversivo de provocar no observador estranheza e estranhamento; seja positivamente, suscitando maravilhamento e fascínio, ou negativamente, provocando medo e repulsa. (ELHAJJI, 2017, p. 205)

Adotando a visão de Appadurai sobre os discursos das “maiorias” e “minorias” como invenções históricas que a época moderna tem aperfeiçoado para contar e classificar em função das ideias de “nação, população e representação e enumeração”, o autor percorre várias perspectivas para retomar a “figura de imigrante enquanto uma minoria transnacional excluída” (APPADURAI apud ELHAJJI, 2017, p.206) através do enfoque da comunicação comunitária. Do seu ponto de vista, a ação comunicativa é o instrumento mais adequado de autonomização dos grupos minoritários, devido à riqueza oferecida pela comunicação como “recurso político, social e simbólico para a organização das comunidades migrantes e seu posicionamento favorável no país de destino e para com o resto da sociedade de acolhimento” (ELHAJJI, 2017. p. 218).

Nesse sentido, o conceito de *webdiáspora*² articula um modus de produção de memória coletiva que cumpre o papel de tecer e reforçar as redes econômicas, políticas, culturais, transnacionais, além de produzir narrativas que ligam o presente e o passado nas comunidades imigrantes (ELHAJJI, ESCUDERO, 2016).

Finalizando esta secção, concluímos que foram eleitos um apanhado de autores e colocadas algumas categorias usadas por eles, para evidenciar as riquezas do campo de estudos das migrações e a necessidade da interdisciplinaridade para abordá-lo. Os enfoques provenientes da sociologia e da comunicação convergem em vários pontos com a proposta dos cuidados. Contudo, vemos que a tradição acadêmica pouco refletiu sobre as mulheres nesses processos contemplados, reforçando a visão do homem como a figura central da mobilidade humana.

²Conceito que Elhajji retoma de vários autores francófonos, entre eles: Claire Scopsi, Angeliki Koukoutsaki Monnier e Tristan Mattelart.

Um aspecto importante é sobre a estrangeiridade que se coloca como uma afronta a um modelo nacional. As correntes tradicionais estavam enquadradas em paradigmas mais positivistas, portanto se reconhecem os autores citados como referências desse entendimento neoclássico do “push and pull”.

Também nos parece relevante considerar que outros autores como Mezzadra (2011) e Elhajji (2017) ampliam os recursos de interpretação da imigração partindo da ênfase do presente em conflito dos imigrantes. Destacar as estratégias de comunicação e as intersubjetividades presentes, nos permite aterrissar mais tranquilamente no campo dos cuidados.

Por outro lado, sabemos que a condição do imigrante se constitui sobre a base de uma complexidade, ou seu “paradoxo” como refere Sayad (1998). Levando em conta esta pesquisa, reconhecemos que a sociologia das migrações estabelece parâmetros que não podemos deixar de lado nas migrações contemporâneas, quando ele destaca os benefícios da economia dominante/hegemônica, assim como permite extrapolar as novas formas de representação e discursos do imigrante como força de trabalho que se mantêm à margem da cidadania.

Os trabalhos dos cuidados surgem como um elemento interessante nessa perspectiva. Nesse sentido, se o trabalho doméstico não é contemplado pelo valor social das sociedades de destino, seguramente as pessoas que desenvolvem estas ocupações em outros países são colocadas nos lugares de maior incômodo para os Estados-nação, pois desvelam uma falha e muitas vezes uma dependência dessa mão de obra.

Sayad também levanta as problemáticas de migração colonial que serão abordadas por Grosfoguel (2007) no próximo tópico. Essa segunda corrente coloca outros aspectos importantes, como a “raça”, nos contextos das metrópoles ocidentais.

1.2 MIGRAÇÕES COLONIAIS

Considerando que não existe uma única “resposta” sobre as migrações, o interesse sobre esta temática nos leva a procurar enfoques que reconheçam as complexidades psicossociológicas e históricas. Para isso, retomamos a corrente com a qual nos identificamos para interpretar as narrações sobre processos de migração das mulheres de países latino-americanos. Embora esses enfoques não olhem

explicitamente para as diferenças e desigualdades nas relações de gênero, promovem uma análise que centraliza o papel do sistema de poder e da hierarquia racial através dos deslocamentos populacionais no chamado sistema mundo/colonial (QUIJANO, 2007).

Descrevemos a proposta que surge do enfoque dos estudos decoloniais de Ramón Grosfoguel, com a qual é possível identificar a articulação das categorias de *nação*, *raça* e *colonialismo*. O propósito de relacionar as migrações coloniais e a temática do cuidado surge da divisão racial e sexual do trabalho, assim como amplia uma perspectiva dos “imigrantes desejados” que se manifestam implicitamente na imigração no Brasil.

Para o autor o racismo atua em dupla direção, por um lado, justifica a reprodução de mão de obra barata que gera a exclusão do trabalho formal (GROSFOGUEL, 2007). Isto também foi observado na perspectiva de Sayad (1998). Outro elemento que interessa para a pesquisa se deriva da ideia do “racismo cultural”, baseado “em um discurso sobre os comportamentos, hábitos, atitudes e valores culturais inadequados à comunidade imaginada dominante” (GROSFOGUEL, 2007, p. 43). Por um lado, o racismo como prática estruturante das dinâmicas sociais e das inter-relações, se coloca através de manifestações diretas ou indiretas, que criam os limites/fronteiras “dos que pertencem e os que são excluídos”, e por outro lado, podemos localizar nosso trabalho para entender os espaços que coexistem, nas narrativas das participantes e a relação dos cuidados como práticas e trabalho.

A partir do apontado por Quijano (2007), sabemos que a categoria de colonialidade do poder consolida o marco analítico para compreender os efeitos e latências de como os processos históricos dos países latino-americanos confluem para a fundação do capitalismo, o eurocentrismo e a modernidade em escala global. O eurocentrismo, afirma Quijano (2007, p. 102, tradução nossa) “chega a ser atuado com a espontaneidade da respiração, ou seja de forma inquestionável”³. Conseqüentemente, as práticas sociais e ações políticas governamentais, as agência internacionais e ONGs, fundamentam os deslocamentos Sul-Norte e Sul-Sul aplicando o enfoque eurocêntrico e os valores cognitivos do capitalismo para entender os imigrantes como uma questão de controle de fluxos suprimindo as necessidades

³“Llega ser actuado con la espontaneidad de la respiración, esto es de manera inquestionable” (QUIJANO, 2007, P. 102)

nacionais, ou concebem os deslocamentos como um fator de segurança nacional por representarem uma ameaça à estabilidade da sociedade.

Na articulação entre *nação, raça e colonialidade* Grosfoguel (2007) propõe esta visão para investigar as migrações caribenhas para os centros metropolitanos (Estados Unidos, França, Países Baixos, Reino Unido). Para isso, o autor parte dos postulados de Immanuel Wallerstein sobre o sistema-mundo capitalista, assim resumidos : a divisão internacional do trabalho é a forma como se organizou no nível transnacional o sistema-mundo capitalista, gerando assim os centros, periferias e semiperiferias; as formas de trabalho “livres” foram desenvolvidas nos centros e as formas de trabalho coercitivas nas periferias e semiperiferias, desta maneira o sistema-mundo capitalista guarda uma dependência histórica da força de trabalho barata; e através do racismo, a força trabalhadora colonial acontece não só nas periferias mas também nos centros metropolitanos (WALLERSTEIN apud GROSGOUEL, 2007, p. 7- 8).

Segundo essas qualidades do sistema-mundo capitalista, entendemos os cuidados com uma categoria vinculada à divisão internacional do trabalho ao analisar as migrações femininas Sul-Norte e a ocupação dos trabalhos domésticos nos últimos tempos. Sem tocar na questão da divisão sexual, percebemos que a relação centro-periferias está diretamente envolvida com a esfera dos trabalhos reprodutivos.

Continuando com a proposta das “migrações coloniais”, este enfoque utiliza os mitos fundacionais que permeiam as “comunidades imaginadas” como as que criam as nações; desta forma, se mergulha entre os limites/fronteiras das identidades nacionais formadas sobre categorias raciais que impõem um tratamento aos emigrantes caribenhos, a partir da dupla direção do racismo: justificando a mão de obra barata, portanto utiliza aos imigrantes caribenhos trabalhadores, e excluindo-os do trabalho formal.

Uma característica deste fenômeno consiste em que a presença dos imigrantes caribenhos nas metrópoles europeias e norte-americanas, contribuiu para a emergência de uma crise na “identidade nacional” (GROSGOUEL, 2007, p.12). Esta pesquisa não se caracteriza pelas mesmas condições de migração, posto que se trata de processos de deslocamento entre países do Sul global na região latino-americana. Porém, guarda semelhanças enquanto a produção das “identidades nacionais” se espalha pelos contextos sul-americanos. Também nos chama a atenção na medida

em que coloca questões como o “racismo cultural” identificado na reprodução das “fronteiras históricas imaginadas”. Grosfoguel e Maldonado-Torres (2008) advertem:

Os migrantes não chegam em um espaço neutro ou vazio. Pelo contrário, os migrantes chegam a espaços metropolitanos já "contaminados" por uma história colonial, um imaginário colonial, um conhecimento colonial, uma hierarquia étnica racial ligada à história do império. Ou seja, os migrantes chegam a um espaço de relações de poder que já é informado e constituído pela colonialidade. Não há espaço neutro de incorporação para migração. (GROSGOQUEL; MALDONADO-TORRES, 2008, Pp122, tradução nossa).⁴

Levando em conta esses espaços carregados de legados coloniais específicos, as mulheres latino-americanas no Rio de Janeiro oferecem outros entendimentos dessa construção da comunidade nacional que as coloca em diferentes posições. Complementando, os autores definem três tipos de migrantes de acordo com a perspectiva da migração colonial nos Estados Unidos:

- ‘Os sujeitos coloniais raciais do império’: foram aqueles que pertenceram à história colonial como imigrantes forçados no império, por meio do processo de colonização de territórios, eles e elas são os grupos de afro-estadunidenses, indígenas, chicanos, os porto-riquenhos, isleños do pacífico, filipinos, etc;
- ‘Os imigrantes’: são aqueles sujeitos racializados como ‘brancos’ que experimentam mobilidade social em ascensão na primeira ou segunda geração, tais como os migrantes europeus como os euro-australianos, euro-latinos, euro-africanos ou aqueles provenientes de Grã Bretanha, Holanda, Alemanha, França, Itália, Polônia, os/as judeus: ‘Estes são os migrantes que, uma vez adotando as formas metropolitanas, o comportamento, o sotaque e a linguagem, são assimilados, dentro do domínio público, com as populações metropolitanas dominantes.’
- ‘Os imigrantes coloniais’: são aqueles que provém das localidades neocoloniais periféricas na economia-mundo capitalista, os quais não têm sido colonizados diretamente pelos países metropolitanos aos quais migraram, mas foram ‘racializados’ em formas semelhantes aos do primeiro grupo, os ‘sujeitos coloniais do império’. (GROSGOQUEL; MALDONADO-TORRES, 2008, P. 123).

Podemos pensar que a construção social de nação baseada na hierarquia étnico-racial se relaciona de formas particulares no contexto brasileiro e especificamente do Rio de Janeiro. Assim, a ideia de nação no Brasil é conformada a partir de uma divisão social determinante para os povos escravizados e sua

⁴“Los migrantes no arriban a un espacio neutral o vacío. Antes bien, los migrantes arriban a espacios metropolitanos que están ya «contaminados» por una historia colonial, un imaginario colonial, conocimientos coloniales, una jerarquía racial étnica vinculada a la historia del imperio. Es decir, los migrantes arriban a un espacio de relaciones de poder que ya está informado y constituído por la colonialidad. No existe un espacio neutral de incorporación para la migración”. (GROSGOQUEL; MALDONADO-TORRES, 2008, P.122).

eliminação e segregação, como forma de dar conta do modelo eurocêntrico branco que se pretendia na época em que se funda a república, e que até hoje se reproduz de formas políticas culturais e econômicas.

Ressaltamos que o enfoque abordado por Grosfoguel (2007) abrange a migração Norte-Sul e nesse sentido, não corresponde às mesmas condições geopolíticas que se relacionam com o contexto da pesquisa.

Outro aspecto importante desta visão, diz respeito à presença da migração, embora não dos povos das colônias para as metrópoles, mas das regiões rurais para as capitais do Sudeste, relacionadas à atração da força de trabalho por parte das regiões com maior crescimento econômico. No âmbito do trabalho dos cuidados resulta evidente esta construção da mão de obra barata ao identificar o acesso a direitos laborais e ao crescimento da demanda de trabalhadoras paralelamente ao crescimento da classe-média e média-alta. Por último reconhecemos a relevância de pensar como a identidade nacional se coloca diante das participantes da pesquisa.

Considerando tais relações, continuamos nas duas seções a seguir, que compõem o capítulo ‘tipo café no copo’: o enfoque Sul-Sul e as migrações no Brasil e no Rio de Janeiro.

1.3 MIGRAÇÕES SUL-SUL

Os estudos das migrações, incluindo as abordagens que vêm dos organismos internacionais, por muito tempo têm colocado seus esforços nos fluxos de populações dos países chamados “em desenvolvimento” para os países do Norte. Para Nawyn (2016) os governos dos países do Norte estão muito preocupados com o impacto que a imigração acarreta para seus países, conforme indicado pelos bilhões de dólares e euros investidos para intensificar os controles das fronteiras, e os recursos econômicos destinados às universidades desses países para desenvolver pesquisas nessa área. Por trás disso há motivos profundos para a existência de um sistema complexo que atinge desde as macroestruturas até os níveis mais próximos da vida das pessoas.

A perspectiva das migrações Sul-Sul e da migração inter-regional recebe maior atenção na virada do século e pouco a pouco tem adquirido maior interesse acadêmico em comparação com a migração Sul-Norte. Depois da Segunda Guerra

Mundial o continente latino-americano despontou como “receptor” de fluxos migratórios internacionais transatlânticos, principalmente, nos países do Cone Sul (CERRUTTI. PARRADO, 2015). Como campo de estudos, a migração Sul-Sul vem se consolidando na medida em que parece ser relevante em termos numéricos para órgãos governamentais dos Estados-nação, embora os deslocamentos populacionais dentro da região latino-americana acontecem há muito tempo.

Antes de confrontar esse processo de migração inter-regional na América Latina, procuramos relacionar a categoria “Migrações Sul-Sul” com as classificações de caráter *desenvolvimentistas* predominantes nas agências supranacionais que concentram o poder econômico no ocidente. Trazemos esta perspectiva, como uma forma de entender o discurso que se reproduz ainda hoje.

Para entender a ideia de desenvolvimento, Arturo Escobar (2007) menciona que a expansão do *desenvolvimento* como projeto e plataforma de alcance político, econômico e cultural se remete ao contexto norte-americano no fim da década dos anos 50, com o discurso do recém-eleito presidente Harry Truman. Seu projeto político sobre o “trato justo” pertencia às necessidades do ocidente após a segunda guerra mundial, e tinha como objetivo reproduzir um padrão de sociedades avançadas que se caracterizavam por ter altos níveis de urbanização e industrialização, crescimento nos níveis de vida, estabelecimento de modelos educativos homogêneos e valores culturais baseados na modernidade. Para Truman isso se refletia em: capital, ciência e tecnologia.

Nessa empreitada, a ONU produziu ideias fundamentando as bases para reestruturar as sociedades “subdesenvolvidas”. Como assinala Escobar (2007), a ONU visava um projeto de apagamento cultural e social: “Há um sentido em que o progresso econômico acelerado é impossível sem ajustes dolorosos. As filosofias ancestrais devem ser erradicadas; as velhas instituições sociais têm que se desintegrar; os laços de casta, credo e raça devem ser quebrados” (UN apud ESCOBAR, 2007, p. 20, tradução nossa)⁵. Nos anos de 1970 a natureza do desenvolvimento nas regiões da América Latina, África e Ásia era o alvo para consolidar os projetos e programas governamentais que geraram o longo trânsito do “sonho ao pesadelo” como tem sido, segundo o autor, a invenção do “Terceiro Mundo”.

⁵UN citado conforme Escobar (2007, P. 20) “Hay un sentido en el que el progreso económico acelerado es imposible sin ajustes dolorosos. Las filosofías ancestrales deben ser erradicadas; las viejas instituciones sociales tienen que desintegrarse; los lazos de casta, credo y raza deben romperse;”

Conforme perspectiva de Campillo-Carrete (2013), os organismos que promovem os projetos de desenvolvimento influenciam, através de parâmetros quantitativos, a composição do Sul e Norte global, e, incidem sobre eles os movimentos migratórios internacionais. Esta autora analisa como as agências internacionais determinam os extremos em que se agrupam as regiões do mundo, de acordo com medidas tais como: o rendimento per capita, as condições educacionais, de saúde e de qualidade de vida, e pelas dinâmicas macroeconômicas dos países. Estas medidas são determinadas pela ONU⁶, o Banco Mundial e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) a ONU e sobre esses componentes Campillo-Carrete (2015) estabelece um diagrama que é útil para identificar, por um lado, os países com maior resultado de acordo com eles (corresponde às regiões da Europa Ocidental, Estados Unidos, Japão, Austrália e Nova Zelândia) e de outro lado, os que revelam os resultados mais baixos (vinte países do continente africano mais Afeganistão, Quiribati e Timor –Leste)⁷.

De forma geral, o Sul Global se compõe dos territórios de quase todo continente africano, e em vários critérios coincidem a maioria dos países latino-americanos e da Ásia oriental, o que se entende a partir dessa visão do poder econômico capitalista e de “desenvolvimento”, além de demonstrar que há uma estrutura hierárquica racial presente na qual a migração revela muitas das suas dinâmicas.

A mobilidade entre os países que não estão no topo do diagrama, se reflete segundo Campillo-Carrete (2015), em questões locais e regionais importantes tais como: o aumento e a queda de polos migratórios, a diversificação dos destinos, a "feminização" da mobilidade e a mistura de tipos de migrantes (refugiados/econômicos)⁸.

⁶Estas medidas são: o *Índice de Desenvolvimento Humano* (IDH) que indica as dimensões de saúde, educação e renda; os tipos de renda de cada país (alta, mediano alta, mediana baixa e baixa) de acordo ao Banco Mundial, e a classificação convencional da ONU em relação ao desenvolvimento (mais, menos e o pior desenvolvidos) (CAMPILLO-CARRETE, 2015).

⁷No diagrama desenhado pela autora, se observa que ao Sul pertencem os territórios com os índices mais altos de população refugiada das últimas décadas: Afeganistão, Sudão, Somália, República Democrática do Congo e Nigéria (UN, 2016), entanto a Síria – o país com maior população em refúgio -, no diagrama se encontra no grupo dos que possuem um Índice Médio de Desenvolvimento Humano, colocando o país em uma posição com maiores níveis de desenvolvimento, mas não semelhantes aos do Norte global.

⁸ Sobre a figura diferencial entre migrantes econômicos e refugiados, Facundo (2017, p.216), sugere que há certa fragilidade nas bases com as quais se têm tentado separar as duas categorias, “talvez a maior similaridade seja que existe uma predileção pelas pessoas que possam oferecer sua força laborar e, por meio dela, servir aos propósitos culturais, sociais e simbólicos. É por esse e outros motivos, que na atualidade, governos enfrentam os desafios e as tensões de fluxos migratórios como o atual

Nesse sentido, o projeto de desenvolvimento tem gerado a concepção de que os países com altos níveis de emigração –os mesmos conhecidos como “em desenvolvimento” ou o Sul Global- podem corrigir as brechas de desigualdade e pobreza e procurar melhorias e bem-estar de suas populações através de transferências (monetárias, materiais e simbólicas) no contexto da imigração internacional (HERRERA, 2013). Desta forma, os trabalhos dos cuidados são parte deste modelo ao ser uma alternativa de sobrevivência produto das mudanças nas estruturas econômicas e políticas que foram aplicadas nos países “desenvolvidos”. Porém, concordamos com a visão de que,

Até agora, a relação entre migração e desenvolvimento é baseada principalmente no impacto das remessas, ativos e suas consequências sobre o crescimento e o capital humano. A importante contribuição da população migrante para as pensões e o seguro social das populações no destino também foi examinada e destacada, especialmente no contexto dos processos estruturais de envelhecimento. No entanto, fizemos poucos progressos na avaliação da contribuição econômica do trabalho de assistência a migrantes para o crescimento e o bem-estar de muitas famílias e qual tem sido seu papel crítico neste momento da crise com todos os cortes na área social que foram feitas (HERRERA, 2013, p. 29, tradução nossa).⁹

Finalmente, concordamos com a perspectiva de que há uma necessidade dentro dos estudos das migrações Sul-sul, para aprofundar nas estruturas da desigualdade e concentrar “menos na concepção sobre as mudanças no desempenho econômico dos países e mais em termos das consequências que os compromissos nacionais na globalização têm sobre a ‘in/seguridade’ na vida das pessoas” (CAMPILLO-CARRETE, 2015, p. 42). Também ressaltamos que são principalmente os deslocamentos populacionais do Sul global os que mais recebem as consequências do reforço das fronteiras políticas, econômicas e culturais através de práticas violentas, de discriminação e segregação social.

Até aqui, podemos dizer que o paradigma do desenvolvimento ancorado nesses padrões e indicadores, define uma contingência na localização geográfica pela

venezuelano que à luz de determinados governos e instituições se trata de um problema de refúgio e para outros de migração associada a crises econômica”.

⁹ “Hasta ahora, la relación entre migración y desarrollo se fundamenta principalmente en mirar el impacto de las remesas, los activos y sus consecuencias sobre el crecimiento y el capital humano. También se ha examinado y se resalta la importante contribución de la población migrante a las pensiones y el seguro social de las poblaciones en destino, sobre todo en el marco de los procesos estructurales de envejecimiento. Sin embargo, hemos avanzado muy poco en evaluar cuál es la contribución económica del trabajo del cuidado de las migrantes al crecimiento y al bienestar de muchas familias y cuál viene siendo su rol crítico en estos momentos de la crisis con todos los recortes en el área social que se han realizado”. (HERRERA, 2013, p 29).

diferença de critérios e estimacões diferentes, para dar conta dos volumes de migraão entre as duas partes do globo, o Sul e o Norte (LEÓN BOLOGNA; FALCÓN, 2016). Por esses motivos, as definiões cumprem uma funão classificatória que para os estudos das migraões favorecem na identificaão de extremos cujas desigualdades afetam diferencialmente os fluxos migratários e, portanto as localizaões se atravessam entre si, como vemos no caso da Síria, ou por exemplo, entre fluxos migratários do Peru para a Argentina, embora o primeiro seja inferior na escala de desenvolvimento, mas ambos se catalogam como países *em* desenvolvimento.

Ditas diferenciaões são úteis enquanto ampliam as imagens da realidade que se materializa nos discursos institucionais e governamentais sobre as migraões contemporâneas, e servem como uma dicotomia de caráter metodológico mais do que geográfico (LEÓN BOLOGNA; FALCÓN, 2016), permitindo ilustrar diferenas na composião e nas motivaões dos deslocamentos.

De igual forma, o enfoque intra-regional também resulta relevante para interpretar as características dos fluxos migratários atuais. Aspectos como a colonizaão, as guerras de independências e inclusive as ditaduras são processos compartilhados por muitos dos territórios latino-americanos, gerando proximidades étnico-raciais, de língua e práticas culturais entre países vizinhos, as quais são necessárias considerar no momento de distinguir a migraão-Sul-Sul e a migraão intra-regional na América latina

Nesse sentido, identificou-se em algumas comunidades da região sul-americana, determinados fluxos que estão incorporados como um “*habitus*”, por exemplo de bolivianos na Argentina, que assumem os trânsitos constantes como “óbvios” pelas práticas sociais, tradicionais e culturais internalizadas nas suas comunidades de pertencimento. (HINOJOSA; MALLIMACI, BARRAL, apud CERRUTTI; PARRADO, 2015).

Outro elemento tem relaão com os processos de violência e conflitos internos que ocorreram na década dos 70 e que permanecem ainda como práticas dos estados em uma grande maioria dos países. Os golpes civis e militares que geraram permanentes estados de violência e conflitos internos promoveram processos migratários, não só para as pessoas que sofreram perseguião política, mas também para muitos cidadão e cidadãs que fugiam dos seus países por medo à repressão e à instabilidade econômica dos regimes ditatoriais. De acordo com Cerrutti e Parrado

(2015), a perseguição, tortura, e assassinato de opositores e líderes sociais gerou uma das maiores diásporas da América Latina e não só deu lugar à migração intra-regional de exilados como ampliou os fluxos para outros lugares como México, Espanha, Estados Unidos, Austrália, entre outros:

A Guerra Civil no Paraguai em 1947, seguida pela ditadura militar de Alfredo Stroessner (1954–1989) foi uns dos primeiros fluxos significativos em termos do deslocamento populacional para um país vizinho: Argentina; a Ditadura no Uruguai em 1973 até o final de 1985, também gerou um deslocamento significativo de nacionais para a Argentina e a Venezuela, e muitas pessoas com ascendência europeia aproveitaram para se estabelecer na Espanha e na Itália. O regime ditatorial de Augusto Pinochet no Chile entre 1973 e 1991, obrigou a saída de pessoas mudando o perfil do deslocamento por se tratar principalmente de estudantes e profissionais, ocasião em que muitas pessoas se estabeleceram na Argentina, Venezuela e o Brasil.

Da mesma forma, a Argentina destaca-se não só como ponto receptor, mas também por apresentar um grande fluxo de emigrantes durante a época da ditadura civil-militar (1976–1983), o mesmo panorama teve o Brasil com as consequências dos regimes militares da ditadura (1964 – 1985), mas com proporções menores de emigração. Por sua vez, a ditadura na Bolívia (1966 – 1982) representou grandes movimentos transfronteiriço para Argentina e Chile; como também sofreu o Peru no golpe de estado militar gerando deslocamento internos da população e migração transfronteiriça (CERRUTTI; PARRADO, 2015).

Pelo lado da Colômbia, Sanín (2014) refere que:

A Colômbia é um dos países da primeira onda democratizante que possui cem anos de democracia quase sem interrupções (em cem anos só se destaca o período de oito anos, desde 1949, quando o Congresso foi fechado, houve censura à imprensa e ditadura até 1959, quando o conselho de transição foi instalado), em relação aos demais países da América Latina que sofreram maiores e repetidas ditaduras. No entanto, também se caracteriza por ser mais exterminador e politicamente repressivo em vários sub-momentos do período analisado e por ter o maior conflito armado do continente (SANIN, 2014, apud REINA 2015, p. 230)

Desse modo, os processos migratórios colombianos se desencadearam primeiro por deslocados internos e pela migração internacional e inter-regional. Nesse

sentido, os fluxos colombianos se caracterizam até hoje por ter em nível mundial, 7, 4 milhões de *desplazados* internos (UN, 2016).

Como vemos até aqui, na América do Sul os regimes políticos impostos entre meados dos anos 60 e os anos 80 implicam uma relação com as migrações intra-regionais. Sem ter levantado o número de refugiados ou exilados nesses períodos é importante considerar que a migração intra-regional ocorre no continente a partir de fortes fases violentas que geram múltiplas consequências econômicas e sociais, além dos legados mais antigos de mobilidade que comunidades ancestrais e não ancestrais praticam há muito tempo, atravessando fronteiras de forma provisória.

Os processos que se desencadeiam pelas conjunturas políticas ou ambientais dos países também influenciam a demanda de trabalhadores em determinados setores das economias nacionais. Porém, os governos raras vezes possuem medidas adequadas de preparação para possíveis deslocamentos populacionais de países vizinhos, e pelo contrário, os estados emergenciais geram uma pressão tardia para que o aparelho estatal assista e providencie proteção às pessoas. Exemplo disto se encontra tanto no grande fluxo de haitianos em 2010, como no fluxo de venezuelanos ativado desde 2015.

Tendo em vista esse panorama histórico-social, recentemente, fluxos de trabalhadores e trabalhadoras dos cuidados, e o fenômeno do “*brain drain*” e as remessas são pontos cruciais que também caracterizam a perspectiva Sul-Sul e a intra-regional. Podemos inferir que as migrações Sul-Sul estão relacionadas às narrativas sobre o Sul e o Norte Global envolvendo um posicionamento sobre o discurso capitalista/eurocêntrico sobre o desenvolvimento. Ao utilizar esta categoria, devemos analisar criticamente como o Norte e Sul Global se definem pelos índices que as agências supranacionais, como a ONU e o Banco Mundial, estabelecem. Ao mesmo tempo, as migrações Sul-Sul são um caminho metodológico para levantar outras narrativas sobre as características da migração internacional e não cair no reducionismo, ainda atual, sobre as variáveis econômicas para definir os sujeitos imigrantes e suas trajetórias.

No caso da migração intra-regional, entendemos o envolvimento de processos sócio-históricos e não podem ser omitidos ainda que existam determinantes econômicos que coloquem alguns países receptores como “mais atrativos”, por terem economias mais estáveis que outros. Assim, a migração intra-regional é complementar

aos estudos da migração Sul-Sul, mas compreende os fluxos localizando a perspectiva das relações entre países de cada continente.

À guisa de conclusão, podemos dizer que abordamos o enfoque da migração Sul-Sul questionando os elementos presentes nos discursos oficiais institucionais e econômicos do que se entende pelo Sul e o Norte Global. Colocar à luz esses elementos, ou seja, as variáveis da perspectiva do desenvolvimento, nos permite distinguir uma das possíveis formas em que são compreendidas as migrações contemporâneas e dimensionar as estruturas pelas quais são controladas e produzidas.

Ao pensar o Sul Global desde esse enfoque, podemos entender o outro lado da moeda da construção da colonialidade do poder (QUIJANO, 1992), já que na sua definição ela é um elemento constitutivo do padrão mundial do capitalismo, representado pelos próprios órgãos supranacionais como a ONU.

Do entendimento de que o Sul e o Norte global se explicam pelo ponto de vista hegemônico através desses índices, relacionamos isto como um elemento significativo na pesquisa, para comparar com o enfoque das migrações coloniais que justamente se constrói sobre uma crítica a esta gramática geopolítica do sistema hegemônico colonial/euro-americano neoliberal identificado através dos apontamentos de Campillo-Carrete (2013).

Por outro lado, o enfoque intra-regional se coloca mais próximo ao contexto desta pesquisa, ao definir que as mudanças dos últimos tempos, apresentam uma variação entre os fluxos Sul-Norte para os Sul-Sul. Além disso, podemos identificar uma relação das conjunturas sócio-políticas dos países latino-americanos e as migrações contemporâneas, como a migração por motivos acadêmicos. Outro aspecto tem a ver com a relação entre os trabalhos dos cuidados neste tipo de deslocamentos. Este último elemento, será abordado no capítulo 2 “de cotidianos imprescindíveis”, onde apontamos as relações entre migração intra-regional e a temática do cuidado.

Na próxima seção, passamos a pensar as migrações no contexto brasileiro e do Rio de Janeiro.

1.4 MIGRAÇÃO NO CONTEXTO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Para possibilitar tecer alguns pontos dos enfoques vistos anteriormente com o contexto brasileiro e em especial a cidade do Rio de Janeiro, onde desenvolvemos a pesquisa, primeiro discutimos a relação entre as bases fundacionais da nação através da imigração de europeus, e depois colocamos alguns dados sobre a Lei de Migração do Brasil. Encerramos o capítulo com os dados sobre a presença de imigrantes no Rio.

De acordo com Giralda Seyferth (2002, p.121), desde 1818 a incorporação da ideia de *raça* já permeava os projetos imigrantistas no Brasil, devido ao pressuposto da superioridade branca que foi o argumento para o modelo de colonização depois de “povoamento” utilizando a pequena propriedade familiar de famílias europeias. Segundo a autora:

Na sua grande maioria esses imigrantes vieram para o Brasil recrutados por agentes das empresas colonizadoras ou agentes nomeados pelo governo imperial, num sistema de imigração subsidiada em grande parte pelo Estado (como se observa na legislação sobre colonização e nos decretos de contratação dos serviços dos agenciadores e de autorização das atividades das empresas a partir da concessão de terras públicas (SEYFERTH, 2002, p.121).

Estas estratégias e mecanismos para construção de uma sociedade brasileira e fundação da nação, foram desenvolvidas com projeto eugênico¹⁰, que se tentou implantar para cumprir com o projeto civilizatório através das políticas públicas e a promoção de benefícios para os imigrantes europeus.

Um exemplo de como hoje se faz presente esse legado colonial é o caso de Nova Friburgo. Esta cidade está localizada na região serrana do Estado do Rio de Janeiro e recentemente ganhou o título oficial de “Suíça Brasileira”. Uma notícia recente de um jornal nacional refere que: “Esta homenagem é merecida, uma vez que Nova Friburgo foi a primeira cidade do país colonizada por suíços [...] Para o secretário de Estado de Turismo, Nilo Sérgio Felix, as tradições da Suíça estão presentes em cada detalhe de Nova Friburgo” (RICKLY, 2017). Como assinala Seyferth (2002, p 118) :

A questão racial está implícita no Decreto Real que autorizou o estabelecimento dos imigrantes suíços na região serrana do Rio de Janeiro aludindo à civilização e, principalmente, no artigo 18 do tratado acima referido, que trata da criação de uma milícia de 150 suíços, capazes de

¹⁰A Eugenia vem do campo da biologia e se constitui prática aplicada por Francis Galton. Em muitas partes do mundo, se pretendia gerar uma ciência eugenésica para o melhoramento racial em que os brancos europeus teriam superioridade biológica. Seyferth (2002) indica que o Brasil aderiu a este paradigma na suas políticas públicas e utilizou a migração para desenvolver seus propósitos racistas.

empunhar armas, colaborando na manutenção dos regimentos portugueses de cor branca.

Embora problemas tenham ocorrido no projeto de colonização de Nova Friburgo tais como a má qualidade das terras, a distância e a mortalidade gerada pelas condições das viagens para chegar à região e o custo da manutenção dos imigrantes que prestariam funções de defesa nacional (SEYFERTH, 2002), o município não foi o melhor exemplo de sucesso da colonização europeia. Porém, isto não foi um freio para continuar em outros territórios esse projeto de organização da sociedade sob custos da segregação racial dos povos escravizados. Outras pequenas cidades no sul e sudeste do Brasil são um reflexo de como se propagou esta dinâmica.

O ponto de vista formado a partir destas informações indaga sobre a afirmação das tradições presentes no contexto desta cidade considerando as complexidades da proteção de tradições africanas e diaspóricas que sofrem permanentemente por discriminações e invisibilidade. O chamativo está no discurso de comemorar as tradições de um grupo social que pouco se desenvolveu no país, tendo atenção do aparelho governamental como fonte de legitimidade.

Em certa medida, valeria a pena comparar como se produz a imagem e narrativa da imigração histórica versus a migração contemporânea, à luz do que Grosfoguel (2007) coloca sobre os “imigrantes”, como aqueles primeiros estrangeiros que representavam o ideal de sociedade.

Podemos relacionar que, por trás do orgulho da imigração europeia se encontram as bases que fundamentam o racismo estrutural que atinge o país e especificamente o Rio de Janeiro. Os benefícios para os imigrantes europeus virem para o Brasil com fins de um projeto de branqueamento, guarda uma relação direta com o da constituição do racismo estrutural, representado em dados como: 63,7% da população sem emprego formal ou informal é negra (IBGE, 2017), das mortes por homicídio, 71/100 são pessoas negras (CERQUEIRA, ET AL., 2017).

De alguma forma, este exemplo retrata como o legado histórico da presença europeia e seu lugar de reconhecimento como parte do povo brasileiro é reproduzido pela mídia. Para Sovick (2009), a hegemonia branca do poder econômico e político do país é encontrada de forma paralela nos meios de comunicação, que veiculam representações da convivência racial. A forma como isto acontece, atualmente, não só no Brasil como em quase todos os países latino-americanos, podemos identificá-la com a migração e o cotidiano a partir do seguinte exemplo: “ser branco estrangeiro

é entrar no condomínio fechado sem mostrar a carteira de identidade ou restaurante de luxo, suado e malvestido. É não se sentir constrangido em estabelecimentos comerciais” (SOVICK, 2009, p. 38).

Existe uma ampla literatura sobre a imigração no Brasil e sobre os deslocamentos de migrantes e refugiados. A imagem do Brasil “como acolhedor da migração”, é reforçada pela grande mídia, mas questionada desde vários pontos de vista.

Levantamos alguns pontos sobre a legislação, as estatísticas e outras informações com o intuito de trazer elementos mais concretos que caracterizassem o contexto migratório onde localizamos esta pesquisa sobre as práticas e trabalhos do cuidado em mulheres migrantes no Rio de Janeiro.

O último relatório do Observatório das Migrações Internacionais informa que a estimativa de entrada de “estrangeiros” no ano passado foi de 122 mil pessoas, 23% menos que em 2014 (Calvacanti et al., 2017). Segundo este órgão, a crise econômica brasileira se relaciona com esta diminuição. Com referência às nacionalidades, os imigrantes com visto humanitário do Haiti são a comunidade mais numerosa nos últimos sete anos (entraram aproximadamente 81 mil pessoas em todo o país até o ano passado), ainda que a situação na Venezuela supere possivelmente esse número, já que o pedido de asilo foi solicitado por mais de 24 mil pessoas (ONU BRASIL, 2018).

Outras comunidades migrantes representativas são os bolivianos e bolivianas que registram 60,8 mil pessoas. Os estados que maior concentram estas populações são: São Paulo recebeu 45,2%, seguido do Rio de Janeiro 9% e a região do Paraná em terceiro lugar com 7,7% do total. Estas informações estão detalhadas no informe, mas foram resumidas por uma matéria publicada no mesmo dia¹¹. Para trazer informações mais específicas do contexto onde desenvolvemos a pesquisa sobre práticas e trabalhos do cuidado em mulheres migrantes latino-americanas, consultamos o Serviço de Informação ao Cidadão da Polícia Federal (2017) onde obtivemos os seguintes dados: No Estado do Rio de Janeiro, ao redor de 195,428 mil estrangeiros estão registrados em 2017, desses 57,9% são homens e 42,1% mulheres. Por nacionalidades do acordo MERCOSUL:

¹¹Ver em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/entrada-de-imigrantes-no-brasil-caiu-23-em-dois-anos-efeito-da-crise-politica-e-economica-diz-estudo.ghtml>

Tabela 1 – Estrangeiros pelo MERCOSUL no Estado do Rio de Janeiro
(registro dezembro 2017)

Nacionalidade	Quantidade (em mil)
ARGENTINA	3,453
COLÔMBIA	1,662
PERU	1,178
CHILE	0,695
URUGUAI	0,459
BOLIVIA	0,342
PARAGUAI	0,219
EQUADOR	0,217

As cidades do Estado onde mais se concentra a população de estrangeiros são: Rio de Janeiro, Armação de Buzios, Niteroi, Macae, Cabo frio e Angra dos Reis. Ao indagar pelos vistos de estudantes devemos compreender que para os membros dos países do MERCOSUL o Visto de Residência Temporal ou Permanente permite às pessoas estudar e trabalhar, portanto se registram menos vistos de estudante, já que estes devem ser renovados anualmente e requerem maior burocracia que o trâmite pelo MERCOSUL. A Policia Federal registrou informações que resumimos na tabela 2:

Tabela 2 – Estrangeiros com visto de estudante no Estado do Rio de Janeiro
(registro dezembro 2017)

Nacionalidade	Quantidade (em mil)
FRANÇA	0,205
ANGOLA	0,184
PORTUGAL	0,158
ALEMANHA	0,124
ESTADOS UNIDOS	0,122
CUBA	0,088
COLOMBIA	0,088

Nos últimos três anos, em meio a um panorama político e econômico instável, encontrava-se em processo o projeto para renovar o Estatuto do Estrangeiro de 1980, o qual, até 21 de novembro de 2017 era o marco regulatório da migração no país, criado durante a ditadura militar. O Estatuto era questionável por revelar os interesses baseados na segurança nacional criminalizando a migração e ignorando os direitos humanos e constitucionais dos estrangeiros. Um dia antes de entrar em vigência, o presidente Michel Temer (PMDB) assinou o decreto que regulamentou a nova Lei de Migração (Lei nº 13.445), votada com unanimidade no Senado Federal¹². Para os especialistas o decreto “desvirtua o espírito da nova lei”, pois foi modificado na última hora vetando alguns artigos do texto final que já sofrera mudanças substanciais: empregou o termo ‘clandestino’; impossibilitou a concessão de um visto temporário para os migrantes que vêm ao Brasil em busca de trabalho (art 14 e); incluiu novos requisitos para vistos temporários para pesquisa, ensino ou extensão acadêmica; aplicou barreira para as solicitações de reunião familiar (RAMOS ET AL., 2017) e estes são alguns exemplos da nova Lei de Migração no Brasil.

O ganho de ter um novo marco legislativo para a população migrante no território brasileiro deve-se aos processos e movimentos sociais que há vários anos vêm lutando para mudar o antigo Estatuto do Estrangeiro de 1980.

Retomando os dados numéricos, o “Perfil Migratório do Brasil 2009” estima que a migração intrarregional vem-se acrescentando no país desde os anos 70, época que contava com aproximadamente 71 mil migrantes inter-regionais, já para os anos 2000 o país reportava 144 mil migrantes latino-americanos (OIM, 2010).

O Rio de Janeiro reportou entre 2010 e 2015 cerca de 77 mil migrantes, que segundo Oliveira e Lemes (2016), são majoritariamente homens (68%). A respeito de autorizações de trabalho, o órgão encarregado (Coordenação Geral de Imigração, CGI) reportou que o estado do Rio de Janeiro foi a principal cidade em conceder autorizações de trabalho entre o 2011 e 2015 com quase 105,7 mil autorizações majoritariamente temporárias e outorgadas a homens (94,8%).

De acordo com as análises das fontes de registro sobre a presença de estrangeiros no estado do Rio de Janeiro, Oliveira e Lemes (2016) revelam que nas bases consultadas, as mulheres representam a população migrante com maior

¹²Para ter acesso a ambos documentos:
http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/DEC%209.199-2017?OpenDocument

escolaridade, porém, ocupam em menor grau os postos mais qualificados e recebem salários inferiores aos dos homens.

Todas as informações apresentadas se relacionam com esta pesquisa da seguinte forma. Por um lado, como temos sugerido, os processos históricos de imigração produziram efeitos nas características da sociedade atual que classifica os imigrantes como classifica os nacionais a partir do ideal branco-europeu. Se a nação brasileira na fundação da República, tinha o objetivo de “moldar” o cidadão e cidadã brasileira, por meio de práticas eugenésicas, entendemos igualmente que os deslocamentos atuais de estrangeiros estão permeados por esses ideais.

Isto resulta interessante para a pesquisa, posto que as participantes entram no jogo de identidade desejada. a partir da hierarquia racial fundante do contexto brasileiro. Por outro lado, os dados nos revelam uma população estrangeira vinda de países sul-americanos que particularmente coincide com as nacionalidades presentes no grupo de participantes. A presença de estudantes também se reflete no grupo de mulheres imigrantes, e com isto, queremos afirmar que as migrações intrarregionais ou do Sul-Sul aparecem com outros fatores como o acesso à educação superior, que devem ser considerados no fenômeno migratório.

Finalmente, foi possível identificar que não contamos com estatísticas sobre os tipos de trabalhos exercidos pelos imigrantes na cidade do Rio de Janeiro, portanto pouco podemos inferir sobre a presença de trabalhadoras dos cuidados neste contexto.

2.. DE COTIDIANOS IMPRESCINDÍVEIS: OS TRABALHOS E AS PRÁTICAS DO CUIDADO.

*El cuidado no necesariamente es bonito, yo pensé que el cuidado era una cosa cálida, amorosa, respetuosa, dedicada, y a medida que he empezado a bailar he pensado que el cuidado es ser responsable.
(BIANCA)*

A proposta de pensar o cuidado nas migrações implica compreender as abordagens sobre a divisão sexual do trabalho e da reprodução social, conceitos que geraram uma ampla discussão acadêmica. A categoria do cuidado, incorporada nas relações e processos migratórios, conta com uma análise do trabalho, especificamente (trabalhadoras domésticas, babás ou cuidadoras de idosos, etc.), sendo relevante entender como se produz o cuidado como práticas sociais.

Tal como o sugere Perez-Orozco (2009, p.4), consideramos que “a migração transforma os modos de cuidar, os recursos disponíveis para fazê-lo, a forma de gerir e compreender a família e a maternidade e paternidade, e os próprios conceitos do que é cuidar (bem)” (*tradução nossa*).¹³

Antes de definir as partes deste capítulo, é importante ressaltar que os interesses da pesquisa colocam para a análise, diferentes experiências e posições nas relações do cuidado. Isto significa que, as participantes transitam entre diferentes posições, mais ou menos determinadas por: o lugar de trabalhadoras; o lugar das empregadoras; e o lugar autônomo em termos da realização das atividades dos cuidados.

Os marcadores sociais atravessam os lugares de cada experiência, assim como outros fatores estão envolvidos (a presença de crianças ou pessoas dependentes, por exemplo). A pesquisa coloca o cotidiano como nível de análise e parte das narrativas feitas nas entrevistas, para compreender as configurações das práticas e do trabalho do cuidado das imigrantes.

Iniciamos com a descrição de algumas ideias do feminismo marxista dada a relevância que teve esta corrente ao questionar o capitalismo e a desigualdade de gênero. Também colocamos algumas definições da categoria do cuidado por parte de teóricos e pesquisadores da temática para reconhecer uma ampliação deste debate; depois abordaremos a questão da colonialidade e as relações das práticas dos cuidados com a escravidão no contexto brasileiro e; na última seção as relações da imigração Sul-Sul e os cuidados.

2.1 APORTES DO FEMINISMO MARXISTA

¹³“La migración transforma los modos de cuidar, los recursos disponibles para hacerlo, la forma de gestionar y comprender la familia y la m/paternidad, y los propios conceptos de qué es cuidar (bien).” (PEREZ-OROZCO, 2009, p .4)

Para identificar alguns antecedentes que deram respaldo ao conceito e suas diferentes definições, em primeiro lugar destacamos a teoria da *divisão sexual do trabalho* a qual foi chave na discussão do que hoje conhecemos como cuidados. De acordo com a definição no “Dicionário Crítico do Feminismo” a divisão sexual do trabalho foi uma categoria utilizada primeiro pelos etnólogos, que a utilizaram para assinalar a partilha complementar de tarefas entre homens e mulheres. Posteriormente, algumas antropólogas feministas -principalmente francófonas- enfatizaram nas relações de poder e na desigualdade que estava presente na ideia da “complementariedade” (HIRATA ET AL.2009).

A divisão sexual do trabalho conforme as mesmas autoras se organizam em dos princípios: separação e hierarquização. No primeiro, se identifica que os homens ocupam os trabalhos produtivos e as mulheres os reprodutivos. Na segunda qualidade, se identifica que os trabalhos dos homens são mais valorizados que os trabalhos desenvolvidos pelas mulheres (e isso se reflete não só no reconhecimento e prestígio social, como também nos salários e direitos, posto que não se consideram relevantes devido à ideia de não representam ganho para o capital). A visão sobre as desigualdades no âmbito do trabalho que providencia este conceito é fundamental para compreender como se transforma ou ratifica no contexto migratório.

Assim como a divisão sexual do trabalho foi importante, outros desdobramentos teóricos também promoveram o debate sobre este tema. Segundo a visão do feminismo marxista, a família, tal como a conhecemos no ocidente é uma criação do capital e, portanto, se define como uma instituição organizada para garantir a quantidade e qualidade da força de trabalho, assim como serve para seu próprio controle. Por este motivo, as atividades que ocorrem dentro desta instituição constituem um tipo de trabalho, o trabalho não remunerado (FEDERICI, 2013).

Devemos a esta corrente, o entendimento de que as tarefas cotidianas como limpar, cozinhar, lavar e cuidar são um trabalho da esfera da reprodução social, que foi concebida como separada da produção. A produção, grosso modo, consiste em todos os processos para a transformação da natureza para o consumo ou para disponibilizar meios de produção. O feminismo marxista apontou que essas duas esferas, produção e reprodução, não devem ser pensadas separadas, elas são

interdependentes, assinalando assim, que o capital se beneficia da reprodução social como dos processos produtivos através do trabalho.

Continuando com alguns postulados do feminismo marxista, Silvia Federici (2013) afirma que no trabalho doméstico ocorre a manipulação mais perversa e a violência mais sutil do capitalismo que não tem sido perpetuada em nenhum outro segmento da classe trabalhadora. Segundo ela, este tipo de trabalho não só é imposto às mulheres, como tem transformado em qualidade natural, a psique e personalidade feminina. Na sua definição, o trabalho doméstico é servir física, emocional e sexualmente aos que ganham o salário.

Os postulados mencionados do feminismo marxista favorecem uma reflexão importante, não só pelo caráter histórico que esta categoria tem dentro da academia, mas também porque os próprios movimentos e ações concretas também vão se orientado pelas discussões existentes nesse sentido.

A partir dessa consideração, o trabalho doméstico, circunscrito ao trabalho reprodutivo, era questionado pelo movimento feminista¹⁴ na década dos anos 1970, que lutava pela desnaturalização do trabalho reprodutivo outorgado às mulheres (ESQUIVEL, 2013; HIRATA, 2010). O movimento, junto com as intelectuais feministas, consolidou um novo enfoque econômico, a economia feminista, que derivou correntes sobre a “nova economia doméstica” na qual o espaço doméstico – lar - era concebido como um local de produção e não só de consumo (ESQUIVEL, 2013).

Em outro momento das discussões acadêmicas, se observa que o debate sobre o trabalho doméstico era assumido no seu caráter de *produtor* da força de trabalho. O fato de que o trabalho produtivo, de acordo com a citada autora, estivesse na esfera privada e não fosse remunerado, tornava-o invisível nas medições convencionais da economia. É a partir dessa constatação, que se começa a insistir pela medição do tempo e das atividades, gerando uma avaliação para os modelos macroeconômicos onde muitos países, incluindo o Brasil¹⁵, começaram a realizar pesquisas sobre o uso

¹⁴Entendemos que na época falava-se de movimento feminista para a articulação política de mulheres norte-americanas e europeias, e, portanto, não se trata de um amplo movimento e sim de uma organização política que em muitos países foi liderado por mulheres com especificidades demandadas em nome de uma ideia universal de mulher.

¹⁵No Brasil, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística estabelece um recorte sobre o “Tempo, trabalho e afazeres domésticos”.

do tempo nos domicílios, tentando dar estimativas mais abrangentes sobre o trabalho não remunerado ou doméstico nas sociedades.

Dessa demanda, se destaca o chamado que a *Plataforma de Ação de Beijing e a IV Conferência Mundial sobre a Mulher, em 1995* fizeram sobre os países e governos participantes, e foi por meio deste cenário institucional, que sugeriram propostas e campanhas sobre o salário para o trabalho doméstico que ecoaram em vários países do norte e sul global.

Desde o ano 2000 o foco conceitual tem variado, segundo Esquivel (2013), passando do trabalho “doméstico” para “o cuidado”, que centra não só nos custos das atividades do trabalho não remunerado, como nas consequências para o bem-estar das pessoas. Posteriormente a este “descobrimento do cuidado”, surgiram várias vertentes, umas ampliaram a noção de cuidado aos âmbitos do trabalho produtivo, outras debateram que os cuidados não eram monetizáveis, e outras ainda, assinalaram que o trabalho doméstico requeria do cuidado como disposição.

Reconhecemos as dificuldades para tentar uma genealogia das evoluções que os movimentos e intelectuais feministas levaram a cabo desde aquela época. Porém é relevante conhecer que houve transformações dentro desta própria corrente onde o trabalho doméstico tentava se encaixar. As críticas mais importantes que receberam as colocações das feministas marxistas têm a ver com a ausência da categoria raça, como construção social estruturante na reprodução e divisão do trabalho.

Devemos refletir sobre as limitações que apresenta o viés de classe socioeconômica como único fator explicando as consequências do modelo capitalista. Nesse sentido, os estudos da decolonialidade coloca que junto com o capitalismo e a modernidade a história social mudou radicalmente com a “invenção” da raça para legitimar ambos projetos em escala global (QUIJANO, 2007).

Passamos a descrever definições do cuidado, destacando as diferenças ancoradas no contexto sócio-políticos que levantam especificidades importantes para esta categoria.

2.2 DEFINIÇÕES DA CATEGORIA DO CUIDADO

Pode se localizar o desenvolvimento da temática do cuidado nos países anglo-saxões desde os anos 1980, e o debate gerou importantes desenvolvimentos na

França a partir dos anos 2000, chegando de forma mais recente na América Latina e no Caribe (HIRATA, 2010). Vários autores (VEGA, GUTIÉRREZ-RODRIGUEZ, 2014; GOMEZ, PEREZ-OROZCO, 2016) apontam que o conceito do cuidado está rodeado de certas ambiguidades que o tornam difícil de sintetizar.

Devido a categoria ter sido estudada primeiro nos países do Norte, trazemos algumas descrições relacionadas à essa produção, que utilizam o conceito de *care*: “o termo *care* é dificilmente traduzível, porque polissêmico. Cuidado, solicitude, preocupação com o outro, estar atento a suas necessidades, todos esses diferentes significados estão presentes na definição do *care*” (HIRATA, 2010, p. 43). Para Vega e Gutiérrez-Rodríguez (2014, P. 10, *tradução* nossa significa “disposições e motivações ético-afetivas e atividades concretas da vida diária” e segundo Torns (2008, P.58, *tradução* nossa) trata-se de “uma atividade que tem como cenário físico e simbólico não simplesmente o lar ou o espaço doméstico, mas também a família”.

A economista espanhola Amaia Perez-Orozco (2014, p.91) assinala duas acepções do conceito: a primeira é a possibilidade de usar a noção do cuidado como uma crítica à perspectiva androcêntrica da economia, descentrando o papel do mercado no sistema capitalista, para colocar a vida no centro:

Em suma, não é tanto uma questão de definir atividades específicas, mas de nos perguntar em que medida todo o sistema socioeconômico garante o bem-estar (concreto, cotidiano, encarnado), se tem ou não estruturas coletivas que se encarregam dele; ou se, pelo contrário, esta responsabilidade é delegada em circuitos de intimidade (fundamentalmente, para as famílias), forçando a que uma grande parte dos bens e serviços que colocam as condições de possibilidade de vida sejam gerados em esferas econômicas invisíveis (*Tradução* nossa).

Considerando esta visão, a autora sugere que o conceito do cuidado supera o de trabalho não remunerado posto serem atividades que se realizam em um âmbito onde o consumo não chega, ou seja, não é possível monetizá-las, e também ultrapassa o conceito de trabalho reprodutivo porque vai além da produção no circuito de valorização do capital, e assim, não se trata de atividades que preparam as pessoas para produção, e sim daquelas que sustentam a própria vida. Finalmente, esta primeira concepção dos cuidados indica que eles são atividades imprescindíveis para consertar os desajustes provocados pela lógica da acumulação.

Nesta mesma linha se encontra o trabalho de Joan Tronto, que nos anos 1990 propôs a ideia da ética do cuidado a qual também aderiram autoras como Carol

Guilligan. Para ela, se trata das atividades que realizamos para manter, continuar e preparar nosso 'mundo', de tal forma que possamos viver nele da melhor forma possível "e não somente incluindo o cuidado das pessoas (nós mesmos, dependente e não dependentes), mas também o cuidado de objetos e nosso entorno" (TRONTO apud ESQUIVEL, 2013, p.5).

Voltando para a segunda concepção identificada por Gomez e Perez-Orozco (2016) os cuidados podem ser definidos como atividades que regeneram cotidianamente e se dão entre gerações, para garantir o bem-estar físico e emocional das pessoas. E se classificam em três tipos de tarefas: primeiro, as condições materiais do cuidado (trabalho doméstico); segundo, os cuidados diretos que envolvem a interação concreta com as pessoas, a atenção específica dos corpos e suas emoções; e o terceiro tipo, as atividades de gestão mental

Segundo estas colocações, vemos que a perspectiva dessa autora traz recursos importantes com os quais podemos pensar as práticas e os trabalhos no contexto das mulheres imigrantes; os três tipos de tarefas se apresentam nas experiências recolhidas na pesquisa.

Por outro lado, também há uma interpretação comum da definição centrada nas atividades dirigidas às pessoas dependentes. Para Daly e Lewis (2000) conforme citado por Esquivel (2013, Pp 5), são atividades e relações que estão em função "da satisfação de necessidades físicas e emocionais dos adultos e crianças dependentes, assim como os marcos normativos, econômicos e sociais dentro dos quais estas atividades se designam e se levam a cabo". A economista norte-americana Nancy Folbre também o definiu como as responsabilidades que se outorgam às mulheres como os cuidados infantis e o atendimento aos idosos, ela diz que

o trabalho voltado para atender às necessidades de crianças, idosos e doentes e deficientes é particularmente importante, porque esses 'consumidores' muitas vezes não têm voz política. No entanto, muito tempo de cuidado também é dedicado a atender às necessidades de adultos saudáveis (FOLBRE, 2006, p. 196, *tradução nossa*)¹⁶.

Dentro das perspectivas próximas ao contexto latino-americano sinalizamos as seguintes referências: a socióloga colombiana Gabriela Arango (2011) discute a relação entre identidade e trabalho do cuidado. Resgatamos sua posição ao assinalar

¹⁶F "work directed toward meeting the needs of children, the elderly, and the sick and disabled is particularly important, because these "consumers" often lack political voice. Yet much care time is also devoted to meeting the needs of healthy adults".

que, apesar das várias correntes que colocam o gênero como ineludível para dar conta do trabalho dos cuidados, é insuficiente para aprofundar na diversidade das experiências e nas relações hierárquicas e desiguais presentes. Nesse sentido, ela considera que a orientação sexual, a classe social e a racialização condicionam as experiências do trabalho e da identidade no contexto dos cuidados. Outro aspecto levantado pela autora está relacionado com o trabalho emocional, questionando sua expropriação por parte das instituições transformando os saberes e destrezas em normas e exigências para a produção de serviços para o mercado.

Do ponto de vista econômico, Natalia Diaz articula a desigualdade e o desenvolvimento para refletir sobre as políticas dos cuidados nas sociedades latino-americanas. De forma semelhante à visão anterior, para ela, se deve pensar no lugar ocupado pelas mulheres racializadas para que surjam outros pontos de vista. A crítica aos programas sociais na região de países sul-americanos apresenta contradições, assinalando que esses programas “têm sido dirigidas a mulheres (pobres) com alto componente de treinamento, paradoxalmente enquanto são deficientes em termos de habilidades e conhecimentos, sendo consideradas gerentes eficientes de recursos, especialmente quando estes são escassos” (DIAZ, 2014, p. 166).

O trabalho dessa autora levanta, notadamente, algumas provocações para pensar a economia feminista a partir do enfoque decolonial. Ao analisar criticamente as intervenções das instituições multilaterais (órgãos como os que vimos na seção da migração Sul-Sul: Banco Mundial etc.,) se levanta a ausência das obrigações do Estado na provisão do cuidado e a reprodução social, que se produz pelos níveis de desigualdade e que aumentaram pelos impactos das reformas neoliberais. De acordo com Diaz estas reformas depositaram nas mulheres as responsabilidades antes assumidas como direitos sociais.

Nesta proposta, ela indaga se, ao pensar nesta configuração do Estado para a proteção e promoção de estratégias dos cuidados na sociedade, está se trazendo a lógica dos *Well-fare States* dos países do Norte:

uma das principais razões que permitiram a existência do Estado de Bem-estar foram as relações centro-periferia estabelecidas desde os chamados países em desenvolvimentos que garantiram uma extração histórica de recursos configurados em uma relação de modernidade e colonialidade [...] Isso inclui compreender o problema do cuidado a partir de uma conceituação teórica que não vem exclusivamente de estruturas e experiências latino-americanas, o que também é impossível. Ao mesmo tempo, continuar a analisá-lo a partir de concepções eurocêntricas é claramente insuficiente. O

objetivo é superar o isolamento teórico e o provincianismo conceitual para construir formas de conhecimento que façam sentido para as realidades que estão sendo proposta (DIAZ, 2014, p.171, tradução nossa)¹⁷.

De acordo com essas ponderações compreendemos a necessidade de relacionar o enfoque decolonial articulando a colonialidade com as práticas e trabalhos dos cuidados. O conjunto de definições apresentado teve como objetivo traçar um panorama geral do assunto, e assim, produzir uma articulação significativa das abordagens teórico-conceituais e o campo das migrações. Como identificamos nas últimas referências, vale a pena entender a organização social dos cuidados e sua correspondência com processos históricos subsequentes da colonização, os projetos de modernização e as políticas de desenvolvimento, os efeitos das reformas neoliberais e a ampliação do papel do setor privado para suprir as necessidades das sociedades. Esses são alguns fatores que se podem relacionar com o desencadeamento de migrações internas e internacionais na América Latina.

2. 3 COLONIALIDADE, PRÁTICAS E TRABALHOS DOS CUIDADOS NO COTIDIANO BRASILEIRO

Como mencionamos anteriormente, encontramos uma necessidade de entrelaçar a temática dos cuidados na migração entre países do Sul do ponto de vista da crítica decolonial, ao perceber que os enfoques eurocêntricos dos cuidados não estavam favorecendo dos fatores específicos de caráter socioeconômico, sem os quais não poderíamos entender as dinâmicas das mulheres imigrantes e sua implicação com as práticas e trabalhos dos cuidados no contexto do Rio de Janeiro. Neste ponto, definimos os conceitos chaves de colonialidade de poder e de gênero, o enfoque decolonial que depois se relaciona com o legado histórico do período da escravidão no Brasil.

Quijano (2007) define:

¹⁷Una de las razones principales que permitió la existencia de este Estado de Bienestar fueron las relaciones de centro-periferia establecidas con los llamados países en desarrollo que garantizaron una extracción histórica de recursos configurada en una relación de modernidad y colonialidad [...]. Esto incluye comprender la problemática del cuidado desde una conceptualización teórica que no proviene única y exclusivamente de marcos y experiencias latinoamericanas, lo que además es imposible. A la vez, que seguir analizándolo desde concepciones eurocentradas resulta a todas luces insuficiente. De lo que se trata es de superar el aislamiento teórico y el provincialismo conceptual para construir formas de conocimiento que tenga sentido para las realidades que se están proponiendo (DIAZ, 2014, P. 171)

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Baseia-se na imposição de uma classificação racial / étnica da população do mundo como a pedra angular desse padrão de poder e opera em cada um dos planos, áreas e dimensões, materiais e subjetivos, da existência social cotidiana e no nível social. Se origina e faz mundial a partir da América (QUIJANO, 2007, p.93, tradução nossa)¹⁸.

Os processos de colonização das Américas estão vinculados nesta noção, posto que a constituição de uma economia-mundo capitalista pertence ao mesmo período histórico que se iniciou no século XVI, em outras palavras, o capitalismo se faz mundial a partir da hierarquia étnico-racial estruturando a divisão internacional do trabalho entre a organização das relações entre centro-periferia (GROSFOGUEL; MALDONADO-TORRES, 2008)

De forma complementar, Lugones (2008, p. 79) critica a visão androcêntrica da colonialidade do poder e refere que se trata de um fenômeno mais abrangente o qual alude a outras questões além da classificação racial, permeando o controle do “acesso sexual, a autoridade coletiva, o trabalho e a subjetividade/intersubjetividade, e a produção de conhecimento desde o interior das relações intersubjetivas”

Na verdade, essas definições são aterrissadas para o campo dos cuidados considerando que ao se estabelecer a centralidade de “raça” imbrincada ao gênero no período colonial, em muitos países das Américas e no recorte da pesquisa, no Brasil, a exploração/dominação atingiu as dimensões do cuidado atravessando um sistema ancorado na hierarquia étnico-racial, gerando práticas do uso das mulheres escravas como responsáveis pela alimentação, limpeza dos espaços dos colonos e seus descendentes.

De acordo com Bernardino-Costa (2014) deve-se entender que raça e trabalho foram incorporadas à divisão sexual do trabalho, e que isto, implicou a discriminação para quem recebia salário pelo trabalho – os europeus e descendentes- e quem era privado e submetido ao trabalho escravo. Além disso, este processo também teve consequências na dimensão corpo-política criando uma negação do corpo colonizado como capaz de geração de conhecimento.

¹⁸“La Colonialidad es uno de los elementos constitutivos y específicos del patrón mundial del poder capitalista. Se funda en la imposición de una clasificación racial/étnica de la población del mundo como piedra angular de dicho patrón de poder y opera en cada uno de los planos, ámbitos y dimensiones, materiales y subjetivas, de la existencia social cotidiana y a escala societal. Se origina y mundializa a partir de América”. (QUIJANO, 2007, P. 93)

O autor também sugere que a colonialidade do poder se evidencia nos primeiros séculos de formação do Brasil, em que o trabalho escravo e a servidão sustentaram a economia nacional. Para o caso das mulheres, durante e depois do período da escravidão as mulheres escravizadas desempenharam trabalhos de limpeza e cuidado das casas e das pessoas. Para entender a magnitude do discutido por Bernardino-Costa (2014), Telles (2011) reproduz um anúncio do diário “A Província de São Paulo”:

Em 1799 uma escrava gestante era capitalizada para todos os serviços ‘vende-se ou aluga-se uma preta de 24 anos de idade, perfeita costureira e com todos os préstimos para casa de família, servindo também para ama-de-leite- por estar próxima a dar luz, é sadia, sem vícios e bem-educada’ (TELLES, 2011, P. 141)

À luz do que vimos tratando, a figura da mãe preta, as amas de leite e mucamas eram importantes, posto que as mulheres escravizadas acabavam assumindo um lugar afetivo, assim como a transmissão de conhecimento influenciou a própria língua portuguesa que incorporou palavras usadas até hoje, através do vínculo com os filhos dos portugueses (TEXEIRA, 2015). De igual forma, no período após a abolição da escravatura, as mulheres negras no Brasil não tiveram outra chance exceto continuar residindo nas casas dos patrões. Segundo Texeira (2015, p. 79) :

Não havia horário de trabalho e muitas delas não recebiam qualquer tipo de remuneração pecuniária. Quando recebiam, se tratava de uma remuneração irrisória. Era comum que o trabalho fosse exercido desde a infância, quando as meninas se mudavam para as casas de seus patrões (CORONEL, 2010). Nesse ambiente, não eram tratadas como sujeitos, mas como servas disponíveis a satisfazerem todas as vontades de seus patrões. Nesse período pós-escravocrata, a personagem das babás era comum para a manutenção cotidiana das famílias. Negras, elas poderiam ser, não só amas de leite, mas também amas secas (CORRÊA, 2007), o que revelava a manutenção de uma relação não justificada apenas pela necessidade de amamentação dos filhos das portuguesas.

Existem várias pesquisas a respeito das origens do trabalho doméstico na escravatura e pós-abolição no Brasil. Com as informações levantadas, consideramos que as práticas estudadas pelas autoras consultadas foram transformadas no que hoje se constitui como trabalho dos cuidados. A colonialidade de poder e de gênero conforme Quijano (2007) e Lugones (2008), apresentam os elementos para entender como a malha de relações de poder que se faz presente não só pelas desigualdades entre o trabalho dos imigrantes livres e dos escravizados da África, também na construção das subjetividades e das relações intersubjetivas de servilismo e da

desvalorização do trabalho feito para a manutenção do bem-estar das pessoas. A hierarquia de gênero e de racial que se encontram nos estudos recentes dos trabalhos dos cuidados não colocam muita atenção na existência de uma continuidade dessas dinâmicas da hierarquia racial nos trabalhos dos cuidados e a perspectiva histórica.

Uma categoria com a qual podemos abarcar este conflito tem a ver com a interseccionalidade, pois nos remete à dimensão mais dinâmica da produção das resistências contra as desigualdades, das identidades geopolíticas subalternizadas (BERNARDINO-COSTA, 2015).

Crenshaw (2002) citada por Bernardino-Costa (2015, p.151) enfatiza como o entrecruzamento de raça, classe e gênero é produtor de opressões:

A partir da metáfora de encontro de avenidas, torna-se claro o que está autora entende por interseccionalidade. Os eixos de poder – raça, etnia, classe, gênero – sobrepõem-se e se cruzam. ‘As mulheres racializadas frequentemente estão posicionadas em um espaço onde o racismo ou a xenofobia, a classe e o gênero se encontram. Por consequência, estão sujeitas a serem atingidas pelo intenso fluxo de tráfego em todas estas vias.
(

A partir deste entendimento o autor propõe a categoria de interseccionalidade emancipadora para considerar que o conceito de interseccionalidade não pode ser visto só pelo lado negativo. Esta visão da interseccionalidade que se articula com a compreensão da colonialidade do poder no âmbito do trabalho dos cuidados, se define como: “remete à maneira como os mencionados marcadores de diferença foram e são estrategicamente articulados para gerar mobilização, solidariedade e ganhos democráticos, produzindo, em suma, projetos decoloniais de resistência e reexistência” (BERNARDINO-COSTA, 2015, p.159).

Identificamos a potência desta categoria e a encontramos como importante para pensar as relações do cuidado na imigração. Para continuar articulando o cuidado como práticas do fenômeno migratório Sul-Sul vamos dar um salto novamente para retomar os conceitos “hegemônicos” da teoria dos cuidados e refleti-los criticamente.

Antes, vale a pena retificar que as relações entre migração e cuidado se dá pela feminização das migrações internacionais. De acordo com ZLOTNIK (2003) existe um aumento gradual que vem aparecendo ao longo dos últimos 40 anos do número de mulheres imigrantes em nível mundial. Dados recentes indicam que em 2015 a porcentagem de mulheres imigrantes no mundo foi de 48%. Nos países do

Norte as mulheres migrantes superam a população de migração internacional em 51.9%, no caso da América Latina e do Caribe a quantidade de mulheres migrantes é de 4.650.938, que representa 50,4% de migrantes na região (UN, 2016).

As correntes teórico-conceituais que descrevem a categoria do cuidado pensada para os países do Norte, se referem a uma “crise dos cuidados” pela qual a imigração de mulheres do Sul começa a ter protagonismo.

Esta crise ou déficit, se entende como processo multidimensional global que gerou a desestabilização de um modelo prévio de partilha das responsabilidades do cuidado e da sustentabilidade da vida, em que as mulheres migradas do Sul Global cumprem um papel importante na cobertura das necessidades do cuidado da população (PEREZ-OROZCO, 2006; 2009), em primeira medida através das migrações de mulheres para países do Norte e nos últimos anos para entre países do Sul.

Os impactos das crises econômicas nos centros da econômica capitalista, teve impactos no sistema de bem-estar:

a crises do cuidado obedecem a diversos fatores de caráter estrutural como a participação crescente das mulheres no mercado de trabalho, as transformações familiares e laborais e a evolução demográfica e epidemiológica. Por sua vez, as características da crise dependem de fatores materiais e culturais que incidem na organização que cada sociedade se dá a si mesma para a reprodução e cuidado das pessoas, e na maneira de enfrentar os fatores assinalados (ARRIAGADA; TODARO, 2012, p. 27, tradução nossa)¹⁹

Nesse contexto, apareceu nos anos 1980 a categoria de *cadeias globais do cuidado* com a qual Hochschild (2001) explicava como a crise ou déficit dos cuidados nos países do Norte se respondia através de redes transnacionais do cuidado. A categoria serviu por muito tempo para compreender a inserção de mulheres imigrantes de países do Sul Global no mercado de trabalho dos cuidados, assim como descrevia o processo e os diferentes presentes na figura de mulheres de países “ricos” na procura por mulheres migradas dos países desenvolvidos para os trabalhos dos cuidados.

¹⁹ “La crisis del cuidado obedece a diversos factores de carácter estructural como la participación creciente de las mujeres en el mercado de trabajo, las transformaciones familiares y laborales y la evolución demográfica y epidemiológica. A la vez, las características de la crisis dependen de factores materiales y culturales que inciden en la organización que cada sociedad se da a sí misma para la reproducción y cuidado de las personas y en la manera de enfrentar los factores antes señalados”.

Essas tarefas se desenvolvem muitas vezes em condições de baixos salários e de maneira informal. Ao tempo em que as mulheres migradas servem como cuidadoras, faxineiras, babás, etc., estão deixando as mesmas funções delegadas para outras mulheres nos países de origem. Desta maneira, os cuidados são realizados por mulheres em situações iguais ou de maior vulnerabilidade.

Segundo Yates citado conforme Herrera (2012), ao final, este conceito revela que quanto mais baixo se esteja no elo da cadeia, maior decréscimo tem o valor econômico do trabalho e pouco a pouco ele se torna não remunerado.

Trazendo como o conceito de cadeias globais do cuidado tem certas limitações para o contexto latino-americano, a mesma autora, sugere que ao invés de falar de “crise do cuidado” dos cuidados, ou “déficit”, mas bem tratar de arranjos e desarranjos da dinâmica complexa do trabalho reprodutivo, o qual parte de uma especificidade histórica. Para esta autora, as práticas do cuidado assim como suas ausências, têm servido para discutir temas relevantes sobre a equidade do gênero e a múltiplas formas em que se realizam atividades reprodutivas da vida, além disso, ela destaca que a migração interna e posteriormente a migração internacional são experiências histórias da reprodução social.

De certa forma, Herrera se distancia das posturas que reivindicam as “crises dos cuidados” entendendo que a organização social dos cuidados, ou seja, a articulação do Estado, o mercado e as famílias, são determinantes para compreender a dinâmica dos cuidados das sociedades de origem das famílias das mulheres imigrantes. Segundo ela, o conceito da Hochschild (2011) não dá conta disto.

A organização social dos cuidados nos países latino-americanos se caracteriza por ter cenários altamente estratificados, econômica, socialmente e pelo gênero, onde se pode encontrar diferentes formas e estratégias que coexistem de diversos modos no mesmo territórios (HERRERA, 2012). Desta forma, a migração internacional é uma forma utilizada para manejar as necessidades do cuidado, e ao mesmo tempo cria outras demandas. Esta complexidade nos permite entender que não se trata de um momento específico de desajuste, mas que as próprias características colocam os cuidados como estratégias mais individuais que do Estado.

Pesquisas sobre o enfoque Norte-Sul contam com vários exemplos. O mesmo se dá com Herrera (2012) que mostra a dinâmica da organização social dos cuidados de famílias transnacionais equatorianas na Espanha. Ela identifica que as remessas são um elemento importante para compreender os arranjos dos cuidados.

Outra pesquisa semelhante foi o trabalho de Camila Esguerra Muelle sobre mulheres latino-americanas na Espanha que procurou estabelecer uma análise dos níveis de poder (micro, meso, macro) de mulheres migrantes lésbicas ou com experiências homoeróticas (MUELLE, 2014). Segundo a autora, se pensarmos que mulheres lésbicas se negam a cumprir o papel reprodutivo, significa que podemos supor que isso as faz eximir-se do sistema econômico heterossexual que sustenta a mais-valia emocional, aquela gerada pelo papel reprodutivo das mulheres: “esse *emotional surplus value* ou mais-valia emocional é o valor emocional agregado que proveem as mulheres contratadas, a grande maioria delas migrantes, em condições muitas vezes inferiores a normais dentro do mercado laboral” (MUELLE, 2014, p. 150).

Partindo desse pressuposto, a autora se pergunta na pesquisa: migrantes latino-americanas lésbicas ou com experiências homoeróticas logram eximir-se de dispositivos de reprodução tais como as Cadeias Globais do Cuidado? Utilizando entrevistas semiestruturadas com enfoque biográfico e a observação participante ao longo de um ano, esta pesquisa apresenta as tensões entre os diferentes sistemas: capitalismo, heterossexualidade e colonialidade, nas diferenças de condições de sexo, gênero, classe, nacionalidade, nível de escolaridade e status migratório.

A pesquisa permitiu identificar que as mulheres que não cumprem com os preceitos da heterossexualidade obrigatória terminam sendo reinseridas pelas Cadeias Globais do Cuidado, apesar das resistências, através da divisão sexual internacional do trabalho que situa as mulheres migrantes em trabalhos do cuidado muitas vezes precarizados. Os aspectos relacionados ao corpo conceitual baseado na pós-colonialidade, na globalização e na heterossexualidade obrigatória, trazem questões da migração de mulheres latino-americanas de uma forma crítica e abrangente sobre as dimensões do poder, a interseccionalidade e sobre o trabalho do cuidado.

Outro argumento importante está relacionado às migrações entre os países do Sul. Especificamente no contexto latino-americano, Herrera (2012) pontua que a participação das mulheres nos fluxos de migração rural-urbana que transformaram as cidades durante o século XX é um dado relevante que devemos destacar para pensar o cuidado neste contexto. Segundo ela, o momento de auge das políticas neoliberais implantadas na região, serviu como um dos mecanismos através dos quais um expressivo número de mulheres que antes não desenvolviam trabalhos e práticas dos cuidados, ingressassem pela primeira vez nestes ofícios no mercado laboral,

principalmente no setor doméstico. De acordo com a autora, a migração internacional não se instala como uma experiência totalmente nova sobre uma realidade de gênero fixa, senão que também faz parte de processos sociais, históricos e culturais mais amplos.

Para esta pesquisa é importante compreender que, “diante de Estados que geralmente têm sido falhos para destinar recursos suficientes para a gestão dos ricos, são as famílias que acodem as diversas práticas mercantis e não mercantis em contextos que mudam constantemente” (HERRERA, 2012, P. 143). Desta forma, destacamos que na migração intra-regional, segundo a autora, a proximidade do país de origem das mulheres imigrantes, permite manter laços fortes de reprodução com suas famílias e comunidades. Também se cria uma maior chance da migração por reunião familiar, o que oferece uma posição diferentes aos casos da migração Sul-Norte.

Finalizamos este capítulo, articulando com o levantado até agora sobre os cuidados e as migrações. Entendemos que os processos de colonização das Américas baseados na submissão e genocídio dos povos indígenas e no sequestro, tráfico e escravização de povos da África, constituem e atravessam as práticas sociais nas quais se estabelecem os trabalhos do cuidado tais como o trabalho doméstico e o trabalho de babá. De igual forma, outros processos importantes como a “modernização” e urbanização das capitais da América Latina, implicaram deslocamentos populacionais onde o papel das mulheres na inserção do trabalho remunerado deu-se também pelos trabalhos do cuidado.

3. O TEMPO DO CARRINHO: CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

*Vagam
Andam além do instante que passa entre a pedra e a roda
essa pedra, que bem se sabe da sua herança colonial
vestindo de curvas elegantes as calçadas da cidade
onde preto e branco são qualquer coisa menos cores
pois veja como são brancas suas camisetas
e veja bem às patroas.*

*Vagam
pensativas as outras miradas
empurrando com esforço as memórias
que tempo é esse tempo delas?
onde horas se trocam por aulas
que se trocam por vagas
que se trocam
para não ir embora.*

*Veja-as
sentadas na praça
todas
reunidas
a criançada corre
até que dá a hora
e cansadas suas costas*

Considerando algumas abordagens e perspectivas que ajudam a pensar a temática das migrações e dos cuidados tal como vimos anteriormente, neste capítulo trataremos sobre os procedimentos empíricos utilizados para levar a cabo a pesquisa. Para isso, definimos o lugar de enunciação da pesquisadora, descrevemos as colaboradoras entrevistadas e os relatos da experiência participante, constituindo os materiais levantados para o trabalho de campo sobre as práticas dos cuidados de mulheres migrantes latino-americanas no Rio de Janeiro.

O título desta seção faz referência ao que significou adentrar na prática da pesquisa, trabalhar na revisão da literatura e nas tentativas empíricas, para chegar a uma compreensão crítica sobre o fenômeno que nos interessa. Desta forma, incluímos uma metáfora para apresentar o processo de pesquisa participante (PP) que se imprime no recorte do campo de estudos das migrações e os cuidados, realizado pela pesquisadora, como migrante e cuidadora de crianças.

É relevante assinalar que o paradigma onde se compreende o sistema de colonialidade capitalista/moderno e eurocêntrico (QUIJANO, 2007), se reproduzem os valores cognitivos da medição, quantificação e objetificação, classificando outras formas de saber e conhecer como inferiores e deslegitimadas. Como resposta às reflexões que gera o reconhecimento desses valores eurocêntricos, no trabalho da pesquisa participante se propõe trazer outras interpretações dos saberes e das formas de construir conhecimento. Este enfoque de pesquisa foi eleito no caminho teórico-metodológico concordando com o ponto de partida da “decepção diante a pesquisa tradicional” (DEMO, 1995 p. 231), mas principalmente por ter o duplo desafio de *pesquisar e participar* ao longo deste processo.

Acerca da pesquisa participante, alguns estudiosos do tema, tal como Demo, (1995), e Thiollent, (1986) sugerem que se trata de criar propostas, onde investigar seja um assunto das pessoas e grupos envolvidos na problemática de estudo e no qual existam estratégias práticas de resolução, que coloquem o pesquisador ou a pesquisadora também como ator/atriz do contexto.

No Brasil, os autores citados são referências no tema da participação e da ação na pesquisa qualitativa. Porém, o legado de Paulo Freire se constitui como transversal nas correntes das metodologias participantes:

Abordar a contribuição da teoria de Paulo Freire na questão das metodologias da pesquisa empírica implica em refletir acerca da relação que se estabelece entre sujeito e o objeto de pesquisa, superando a noção comum do sujeito-que-pesquisa atuando sobre os sujeitos que-são-pesquisados, de modo unilateral e vertical. (MÉKSENAS apud FAERMAN, p. 49, 2014).

Do mesmo modo, o sociólogo colombiano Orlando Fals Borda consolidou a “Investigação Ação Participante (IAP)” que também se destaca pela produção coletiva de conhecimento. Na sua época, já anunciava: “los paradigmas cerrados de otras partes llevan con frecuencia a la castración intelectual en nuestro medio y al colonialismo intelectual” (MORA-OSEJO & BORDA, p.11, 2004).

A IAP propõe uma proximidade cultural com o próprio, o que permite superar o léxico acadêmico limitante; procura obter equilíbrio com formas combinadas de análise qualitativa e pesquisa coletiva e individual e visa combinar e acumular seletivamente o conhecimento que vem da aplicação da razão instrumental cartesiana, bem como da racionalidade cotidiana, o coração e as experiências das pessoas comuns, para colocar esse conhecimento sentipensante ao serviço dos interesses das classes e grupos majoritários explorados, especialmente aqueles do campo mais atrasados. (FALS BORDA, BRANDÃO apud CALDERON, CARDONA, 2013, tradução nossa)²⁰.

Fals-Borda e Freire foram precursores na articulação da militância em movimentos sociais, no trabalho com as populações mais oprimidas e na produção de um conhecimento crítico social emancipador e revolucionário, conformando sólidos caminhos para uma transformação social latino-americana. Da ampla obra desses pensadores-militantes, se nutriram muitas outras abordagens das ciências sociais e da educação que hoje se reinventam com as transformações mais recentes. Uma vertente surgida desses novos marcos teóricos-metodológicos trata dos estudos decoloniais e do feminismo decolonial.

²⁰“La IAP propone una cercanía cultural con lo propio que permite superar el léxico académico limitante; busca ganar el equilibrio con formas combinadas de análisis cualitativo y de investigación colectiva e individual y se propone combinar y acumular selectivamente el conocimiento que proviene tanto de la aplicación de la razón instrumental cartesiana como de la racionalidad cotidiana y del corazón y experiencias de las gentes comunes, para colocar ese conocimiento sentipensante al servicio de los intereses de las clases y grupos mayoritarios explotados, especialmente los del campo que están más atrasados”. (FALS BORDA, BRANDÃO apud CALDERON, CARDONA, 2013)

O primeiro, provem das intervenções epistemológicas e dos debates teóricos do grupo/red Colonialidade/Modernidade; a obra “*El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*” editado por Santiago Castro-Gómez e Ramón Grosfoguel (2007) reúne textos fundamentais e apresenta uma breve descrição da trajetória deste campo de conhecimentos que hoje em dia se encontra amplamente divulgado dentro e fora da América Latina. O “projeto decolonial” como também se denomina, surge e dialoga *com*: a filosofia da libertação; a pedagogia crítica e a teoria da dependência; a análises do sistema-mundo e; o marxismo contemporâneo. As categorias “decolonialidade” e “colonialidade do poder” são fundamentais na reflexão teórica deste enfoque e o segundo, surge da teoria e movimentos feministas²¹.

De acordo com uma das pensadoras mais importantes do feminismo decolonial, Yuderkys Espinosa-Miñoso (2014), este tem as intenções de revisar as estruturas teóricas e metodológicas que o feminismo ocidental branco produz, além de avançar na elaboração de novas interpretações que expliquem o poder e sua atuação, a forma como opera desde o ponto de vista dos sujeitos subalternos.

Se com Anibal Quijano (2007) pensamos que a colonialidade do poder é o padrão de poder capitalista/eurocentrado e global que instaura a classificação social básica e universal, com Maria Lugones (2008) revisitamos a categoria para uma compreensão mais ampla (e não patriarcal) que nos leva a uma nova cartografia do sistema o que ela chama de *Sistema Moderno/Colonial de Género*.

Tal como propõe Lugones (2014) nos localizamos a partir da compreensão histórica da relação oprimir resistir e abraçamos o enfoque da subjetividade/intersubjetividade para desagregar as opressões das mulheres colonizadas. Compreendendo isso, assumimos o feminismo decolonial para pensar na “vida das mulheres migradas ‘seus corpos sexuados, racializados, colonializados e transfronteiriço’ [...] e a maneira em que se tem configurado as relações de subalternidade e itinerários do feminino excluindo-as dos espaços de enunciação”

²¹No feminismo decolonial se identifica o artigo pioneiro da Maria Lugones “Colonialidad y Género” (2008) como precursor da discussão da proposta decolonial em perspectiva feminista. Nele, a autora defende que o gênero não existe fora da “invenção” da raça, e que a mulher é uma expressão da definição colonial que se utiliza para perpetuar o racismo e o classismo do pensamento eurocêntrico. As influencias do *black feminism*, o feminismo pós-colonial, o feminismo chicano criam pontes de diálogo que se identificam nas teóricas feministas decoloniais. Para maior conhecimento ver: “Rumo ao feminismo decolonial” (LUGONES, 2014); a obra da Yuderkys Espinosa-Miñoso (2012; 2013, 2014a, 2014b, 2017), CURIEL (2014).

(HERNANDEZ; CRISTOFFANINI, 2017, P. 153, *tradução* nossa²², dimensões que podemos achar no cotidiano de mulheres imigrantes no Rio de Janeiro.

Este paradigma *outro* favorece uma compreensão da cotidianidade das colaboradoras da pesquisa e como elas enfrentam inter-relações de opressão e resistência, a partir das diferenças entre seus lugares de enunciação (interseccionalidade), e nos aproximamos à compreensão sobre o cuidado. Para esse trabalho elegemos caminhos para transformar o processo de desaprendizagem de modelos e técnicas de investigação qualitativa que, no nosso caso, implicou assumir a criação de um campo de pesquisa principalmente exploratório, amplo e de caráter participativo. Nele, se contempla a experiência pessoal das colaboradoras e da própria pesquisadora como poderá ser conferido no decorrer do trabalho.

Antes de nos aproximar da trajetória pessoal da pesquisadora, colocamos alguns aspectos que Leonor Arfuch (2010, p.275) aporta como “espaço biográfico” para o levantamento de dados na pesquisa. Na sua visão,

se o voltar-se criticamente para os próprios saberes é talvez a contribuição mais relevante do pensamento contemporâneo – incluídas vertentes pós-modernas, pós-estruturalistas e outras-, isso supõe, além disso, no tema que nos ocupa, uma reconsideração do lugar do ator social no relato de vida, a superação do uso ilustrativo ou paradigmático, da busca de uma identidade pré-formada, apreensível por meio de alguns traços típicos (ARFUCH, 2010, P. 275).

As técnicas que dão lugar a esses atores sociais que narram ou relatam sua vida são do nosso interesse para o campo das migrações, pois como a citada autora refere na sua pesquisa são emigrantes argentinos e seus familiares, é uma forma de colocar em crise a identidade e de se aproximar “da experiência biográfica contemporânea”, mas também das vicissitudes da vida do imigrante, as dificuldades entre as experiências e possibilidades.

Por espaço biográfico entende-se como o marco analítico onde se situa o umbral entre público e privado que revela a imbricação entre indivíduo e sociedade, de “caráter dialógico, conversacional, interativo, que torna o encontro entre sujeitos uma cena fundadora da pesquisa” (ARFUCH, 2010, p. 240). Essa *espacialidade* evoca a memória e promove a questão de como contar as experiências, de narrar a vida, se

²²“en las vidas de las mujeres migradas, ‘sus cuerpos sexuados, racializados, colonizados y transfronterizos’ (MEDINA, 2013, p. 54), y la manera en que se han configurado las relaciones de subalternidad e itinerarios de lo femenino excluyéndolas de los espacios de enunciación” (HERNANDEZ; CRISTOFFANINI, 2016, P. 153)

trata de um “espaço biográfico” que questiona o papel da entrevista, como peça-chave para modelar as condutas, pois são “grandes nomes” que se expressam e se lhes habilita o discurso da própria experiência. Desta forma, “podemos não acreditar o que alguém diz, mas assistimos ao acontecimento da sua enunciação: alguém diz (...) para além de um querer dizer” (ARFUCH, 2010, p. 157).

Considerando o anterior, os encontros tidos com as mulheres sul-americanas são uma oportunidade para aproximarmos dessa ideia do relato em primeira pessoa sobre a migração para o Rio de Janeiro. Considerando uma pequena parte da ampla e profunda abordagem que a mesma autora apresenta como espaço biográfico, retomamos a visão sobre a articulação entre “a particularidade da experiência e a impressão do coletivo” (p. 276), ambos imprimidos nas narrativas e relatos das participantes-colaboradoras da pesquisa. Pelo caráter participativo desta pesquisa, apresentamos a trajetória da pesquisadora para contextualizar seu processo como migrante que se relaciona com sua escolha pela temática trabalhada.

3.1 O MEU PERCURSO

Reconhecer que o processo investigativo nos atravessa como sujeitos e não dividir a parte nossa como pesquisadoras, faz parte da crítica à objetivação na pesquisa acadêmica. Portanto, no processo de falar do porquê das escolhas “acadêmicas” me localizo autobiograficamente tentando fazer uma ligação do objeto de pesquisa e dos recortes sobre minha vivência pessoal envolvidos nas inquietudes e escolhas.

Em primeiro lugar, trago à luz a ampla rede de apoio conformada pelas amizades dos meus pais construída ao longo de migrações internas que eles fizeram pela Colômbia. Desde criança, me ensinaram a chamar de tios e tias a múltiplas pessoas que pertenciam a diversos círculos pelos quais transitaram meus pais, juntos e estando separados. Esses membros das-outras-famílias que tenho, estiveram presentes sempre em situações cotidianas como levar para a escola ou cuidar quando ficava doente, assim como se encarregaram de mim quando eles viajavam.

Reconheço que entre as mulheres houve sempre um vínculo muito mais forte, promovido muitas vezes pela minha mãe, que acolhia na sua casa as tias e primas depois de divórcios, agressões físicas por cônjuges, desemprego, etc.; houve sempre

uma circulação de mulheres e crianças principalmente até meus nove e dez anos, quando me mudei da cidade onde nasci para viver em outras regiões do país.

Ter consciência dessa relação constituída pela migração interna que vivenciei desde criança me parece importante para relacionar as experiências daquilo que implica tecer vínculos de confiança e solidariedade que envolvem as práticas do cuidado: são tempos, energias e disposições emocionais que surgem no intercâmbio entre pessoas fazendo com que o mais invisível seja imprescindível.

De outro lado, a pesquisa surge do meu lugar como migrante colombiana, que começa em 2013 quando cheguei a participar como voluntária de uma ONG na cidade de Diadema (SP). Esta instituição desenvolve até hoje um trabalho com crianças que são retiradas de seus núcleos familiares básicos por terem ameaçados seus direitos fundamentais, com uma equipe psicossocial que realiza acompanhamento no processo de recolocação na família extensa como medida preventiva e assim evitar que as crianças terminem nos centros de acolhimento institucional (abrigos).

Nesse processo de acompanhar uma equipe de educadores realizando visitas domiciliares, atividades grupais, reuniões nos Centros de Acolhimento, entre outros encontros dos quais participei, com o tempo comecei a perceber tensões e conflitos que permeavam as intervenções da equipe de trabalho psicossocial em função, por exemplo, de considerar quem era a melhor pessoa para cuidar de uma criança nessa situação, ou o que se poderia esperar desses familiares que terminavam criando os filhos “abandonados” dos outros, etc..

Participando de espaços onde se definia o “melhor” para as crianças sob a guarda das famílias extensas, também enfrentava as dificuldades próprias da comunicação em outro idioma, assim como o desconforto no tratamento das pessoas ao me chamarem de “*gringa*”, a demonstração de certo desinteresse pelas realidades e características do meu lugar de origem e minha cultura, entre outras questões.

Depois me mudei para a cidade de São Paulo e comecei a trabalhar em uma instituição voltada para o atendimento sócio-jurídico para imigrantes. Da trajetória dentro dessa instituição envolvida com a migração começou o meu reconhecimento como migrante. Trabalhei por seis meses prestando assessoria sobre regulação migratória, acompanhamento psicossocial, participando da rede institucional e de processos como a construção do projeto de Lei da Política Municipal para a População Imigrante da Cidade de São Paulo, hoje ratificada como Lei Municipal nº 16.478.

Imersa nesse cenário das ONGs, instituições, coletivos e comunidades de imigrantes em São Paulo, comecei a interessar-me pelos estudos sobre as migrações e desse momento surge o processo do mestrado, que implicou um novo deslocamento de cidade. Então vim morar na cidade do Rio de Janeiro. para iniciar os estudos de mestrado no programa EICOS.

Após morar por seis meses na cidade, comecei a trabalhar como *babá* na casa de um casal de migrantes (colombiano e argentina), trabalho q surgido em vista de ingressar sem bolsa no mestrado que recém começava, e pelo desgaste de outro trabalho como garçonete. Dessa primeira experiência, começaram outras amizades de mulheres estrangeiras que requeriam uma pessoa que cuidasse dos filhos e/ou filhas por horas. Das interações com crianças com as quais compartilhava minha língua, eu explorava o trabalho como babá dentro de relações de amizade. Isso fez com que a dinâmica pessoal-laboral se misturasse na minha experiência, e as finas linhas que atravessam as tensões naturais dessa relação levaram a inquietudes que alimentaram o interesse da pesquisa sobre migração e gênero. Com o tempo comecei a cuidar de crianças onde não existia o vínculo de amizade, com famílias de outro status social que também me levou a conhecer babás e trabalhadoras domésticas que frequentam as praças.

Adentrar na intimidade das relações familiares, carregar as responsabilidades que se têm quando se está cuidando de alguém, seja de dois meses de idade, de dois ou nove anos é um processo que faz emergir as próprias memórias ainda vivas que nossos corpos guardam sobre o cuidado e a compreensão do que isso significa para o outro. O processo de ver-me como trabalhadora do cuidado indicou imediatamente que, eu e a sociedade, pouco ou nada sabemos das peripécias que devem fazer as mulheres para dar conta da vida laboral e social, da sua própria saúde e do bem-estar dos outros, e que isto é ainda mais problemático quando são poucas as redes de apoio *presencial*, como em muitos casos e ocasiões se dá na migração. Continuei com o trabalho de babá mesmo após superar algumas dificuldades econômicas, inclusive o cuidado de um bebê de meses, quando se mostrou desafiante o entendimento da relação dos cuidados e da disposição de cuidar e ainda do tempo que se investe nisso.

Com a forma que foi tomando tal experiência, a proposta de pesquisa foi também sendo costurada envolvendo a parte da vida cotidiana das mulheres

migrantes com que eu me relacionava o trabalho de babá e o comprometido trabalho dos meus orientadores e orientadora-amiga.

3.2 TRABALHO DE CAMPO

O trabalho de campo se realizou na cidade do Rio de Janeiro, segunda cidade no Brasil que apresenta maior número da população imigrante e refugiada²³. No início da pesquisa, houve interesse em realizar o trabalho de campo em São Paulo, pois como relatado no “meu percurso” já havia um contato prévio e algumas relações mais próximas com órgãos e grupos de migrantes, que facilitariam o levantamento de dados. A cidade do Rio de Janeiro foi escolhida considerando contribuir para a compreensão das dinâmicas dos fluxos migratórios e características particulares que oferece o contexto, além de identificar a necessidade de agregar à produção acadêmica que existe sobre estes temas na região.

À primeira vista, o “campo” se me apresentava mais complexo pela própria distribuição e mobilidade da cidade, ao mesmo tempo, ainda que conhecesse as pessoas e funcionários que trabalharam com questões de migração e/ou refúgio no nível governamental e municipal, o qual era em princípio, um “indicador” esperado para compreender inicialmente como se dava o fenômeno no Rio. Embora sabendo da existência de algumas ONGs ou Entidades Religiosas envolvidas com as causas e migração, a questão do refúgio me parecia ter maior ressonância, também na mídia e em alguns espaços de discussão acadêmica.

A forma como foi sendo construído o campo esteve muito relacionada com a minha trajetória de migração e da minha rede de amigos, que envolvem pessoas tão próximas como a Professora Pós-doutoranda Catalina Revollo Pardo, co-orientadora desta pesquisa, além do apoio incondicional dos orientadores que ajudaram a

²³Ao respeito de dados sobre a presença de imigrantes no Rio de Janeiro, Oliveira e Lemes (2016) descrevem que a cidade metropolitana reportou entre 2010 e 2015 cerca de 77 mil migrantes, sendo majoritariamente homens (68%), entre 2011 e 2015. Nesse período foi a principal cidade em conceder autorizações de trabalho com quase 105,7 mil autorizações majoritariamente temporárias e outorgadas a homens (94,8%), isto possivelmente devido aos megaeventos que ocorreram. Os autores apontam também que nas bases consultadas, as mulheres representam a população migrante com maior escolaridade, porém, ocupam em menor grau os postos mais qualificados e recebem salários inferiores aos dos homens.

encaminhar a pesquisa para delimitar o campo e as participantes²⁴. Com as inquietudes que surgiram, os espaços de orientação foram ajudando a dar forma ao “quê, como e onde”. Com o início do trabalho dos cuidados no segundo semestre de 2016, o campo me parecia mais palpável, mas ainda assim, lhe faltava definição.

De acordo com Costa e Mendes (2014) a existência de rede de indicações que se materializa na pesquisa ou na intervenção, faz com que os mesmos atores se engajem nela indicando outros possíveis atores. Quando este recurso metodológico é ativado, pode surgir uma ampliação do alcance da rede, mas também pode indicar os limites da rede. A partir desta proposta, construímos nosso grupo de colaboradoras, com a rede de amigas e conhecidas que estavam envolvidas afetivamente na minha trajetória pessoal e que terminaram por participar como colaboradoras da pesquisa, referenciando outras mulheres com as quais se poderia conversar sobre os cuidados. Assim, mulheres escolarizadas, universitárias com filhos, residentes das zonas centro e sul da cidade terminaram sendo colaboradoras da pesquisa, pela proximidade no contato e relação que a pesquisadora construiu.

Por ser o Rio de Janeiro uma cidade turística, com níveis de desigualdade muito altos, com uma população negra de 45% (IBGE, 2009) , apresentou-se como um panorama onde os marcadores sociais de raça e classe confundem a figura do imigrante com a do turista. Esse cenário traz consequências que refletem a necessidade de problematizar o racismo, a xenofobia e a dinâmica dos grupos de imigrantes e refugiados dentro da cidade.

Considerando o marco referencial estabelecido, determinamos fazer entrevistas abertas e levantar dados utilizando a observação participante. Realizaram-se 10 entrevistas, 10 com mulheres latino-americanas residentes na cidade do Rio de Janeiro, e uma entrevista com uma mulher pernambucana, empregada doméstica. Em síntese, a pesquisa apresenta duas fontes de levantamento de dados: as entrevistas com mulheres migrantes as quais indagamos pelo cuidado e pela experiência da migração através da entrevista aberta de caráter exploratória e; a vivência no contexto de trabalho do cuidado da pesquisadora como estrangeira, assim como as interações que nesse âmbito teve com outras mulheres, com filhos, que se reúnem nos relatórios de experiência. As entrevistas ou encontros com as colaboradoras, estão

²⁴Devido a um procedimento administrativo no meio do mestrado, estive acompanhada por dois orientadores: o Prof. Doutor Claudio São Tiago Cavas, e o Prof. Doutor Mohammed Elhajji.

disponibilizados junto com os áudios, que se encontram no link: <https://drive.google.com/open?id=0B6Tz8eo0hPODUzQwYmhHanpuTTQ>

A maioria das participantes são universitárias que saíram de seus países por motivos acadêmicos destacando duas migrantes que desenvolvem especificamente trabalhos do cuidado remunerado. Poucas participantes-colaboradoras estão inseridas no mercado laboral formal nas suas áreas de estudo ou de trabalhos anteriores. As participantes estão entre as faixas de 25 a 69 anos e residem nas zonas Sul e central da cidade. Um aspecto importante é o fato da presença de filhos na grande maioria delas, desta forma os cuidados passam a ser mais evidentes a partir da compreensão da reprodução social no interior das unidades domésticas.

Os filhos e filhas das migrantes se encontram entre a faixa dos 7 meses até os 40 anos de idade. Na sua maioria, são nascidos no Brasil (10), outros nasceram nos mesmos países de suas mães (2), um deles nasceu em outro país no percurso da migração; por seu lado, os descendentes de ambas trabalhadoras do cuidado (Geiza e Carmen) não moram com elas, pois os da primeira estão em outro município e ela os visita de sábado para domingo, e da segunda, mora no país de origem e a visita uma vez a cada dois anos.

Prosseguindo apresentamos uma breve descrição de cada uma das colaboradoras seguindo a ordem em que foram entrevistadas. Em alguns casos, incluímos informação própria da relação com a pesquisadora, pela proximidade e amizade.

3.2.1 Colaboradoras da Pesquisa

Bruna

Tem 33 anos, nasceu na cidade de San Martin (Argentina) e veio há oito anos para fazer intercambio no último ano da graduação, depois começou o mestrado seguindo-se o doutorado em ciências biotecnológicas e está cursando o terceiro ano como bolsista. Mora com seu companheiro e suas duas filhas. Refere que não planejou morar no Rio de Janeiro, mas que tudo foi concorrendo para isso. Provem de uma família de classe média-baixa, onde a mãe a criou juntamente com a irmã, sem necessidade de contratar alguém para as tarefas domésticas e do cuidado, portanto, cresceu sob esse referente. Bruna expressa seu incômodo com a ideia de ter que procurar alguém que trabalhe cuidando das suas filhas.

Ela mora atualmente em um bairro central da cidade e é fundadora de um coletivo de pais e mães que têm um projeto de “desescolarização infantil”, o qual surgiu pela necessidade de um grupo de pais e mães (alguns deles migrantes) para pensar a educação infantil fora das instituições educativas formais. O projeto se iniciou com Bruna, seu companheiro, um casal de colombianos e outras duas famílias de brasileiros. Na entrevista, ela conta como foi difícil encontrar uma vaga em uma creche no município e que sua experiência com uma escola particular para a lara, foi negativa e, portanto, este projeto supre todas suas expectativas.

No momento da entrevista, ela estava recebendo a visita da sua sogra que veio por um evento acadêmico, portanto a presença dela coincide com nossa conversa em relação ao apoio nas dinâmicas da casa. Realizamos a conversa na sua casa em presença da sua filha maior, sendo ela a primeira criança cuidada por mim o que fez da nossa conversa um momento fluido e afetuosos.

Paula

Bogotana (Colômbia) de 32 anos, alterna seus estudos de pós-doutorado em ciências sociais com trabalhos como professora de espanhol e professora na área da sociologia. Veio para o Brasil há oito anos, já com conhecimentos na língua portuguesa por ter estudado na Colômbia como requisito para se inscrever no mestrado. Visitou pela primeira vez a cidade para fazer provas de seleção quando conheceu seu atual esposo.

Nos encontramos na sua casa para conversar, e ela fala sobre a perda do primeiro filho com poucos meses de gravidez e de como tem mudado sua condição financeira diante da gravíssima situação da suspensão dos salários dos servidores públicos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pelo projeto do atual governo de desmonte das universidades públicas. Paula narra com clareza a divisão de trabalhos dentro da casa, e enfatiza a prioridade dos seus estudos e o trabalho, portanto o esposo se dispõe a assumir várias das tarefas domésticas assim como o cuidado do filho.

Ela menciona que não se considera “branca” pois acha que sua pele não é tão clara, porém na relação com a família do seu esposo há conflitos a esse respeito por ser vista como “não branca” e pelo fato de ser “estrangeira”. Paula provem de uma família da capital colombiana, de classe média-baixa que se esforçou muito para que

ela e seu irmão conseguissem fazer seus estudos. Ela tem uma relação muito próxima com sua família de lá, e costuma visita-la uma vez por ano.

Laura

Tem 26 anos, nasceu em Neiva (Colômbia) e chegou com oito anos no Brasil por motivos de trabalho de seus pais. Morou com sua mãe e sua irmã até seus dez ou nove anos, quando sua mãe foi transferida para a Colômbia por motivos laborais e ela decidiu ficar no Rio para continuar os estudos. Pertence a uma família de classe média-alta pelo que sabemos da manutenção que a mãe lhe proporciona, que é complementada com a bolsa de estudos do mestrado.

Atualmente realiza um mestrado em teoria psicanalítica e trabalha como psicóloga particular, mora na zona sul com sua filha e está recém separada do pai dessa filha com quem teve um relacionamento de cinco anos. Na sua casa trabalha uma diarista que cozinha para vários dias da semana, embora a filha permaneça a metade da semana na casa do pai.

Durante a conversa ela conta situações e vivências do relacionamento, a gravidez e dos conflitos com a família do ex-companheiro. Sobre sua trajetória migratória ela relata que no começo tinha muitas dificuldades pelo fato de não falar a língua mas reconhece ter se adaptado facilmente à “vida carioca”; guarda uma relação distante com a família colombiana parecendo-lhe “muito conservadora”. Conta com a visita da sua mãe ocasionalmente e é ela quem a sustenta financeiramente. Nos encontramos em um café perto de uma estação de metrô, em um dia após ela sair da faculdade, para realizar a entrevista.

Fernanda

Está com 35 anos, nasceu em La Plata (Argentina) e veio com seu irmão catorze anos atrás para trabalhar nas praias de Paraty e Trindade vendendo bijuterias. Contou que veio como aventura sem pretensão de ficar. Atualmente tem dois filhos, um de três e outra de nove anos, ambos estão na escola pública. Fernanda continua trabalhando como artesã e ao longo de todo esse tempo, tem feito projetos na sua área de design e produção de joias e roupas. Mora em uma favela e trabalha autonomamente na praia.

Sobre sua trajetória como migrante, refere que as questões da língua foram muito difíceis no começo. Narra como é difícil se despedir de todos seus amigos, pois

quase todas as pessoas da sua rede têm ido embora, e reflete acerca da criação de vínculos nesse contexto instável, inclusive manifesta seu desejo de voltar para a Argentina.

Encontramos-nos na sua casa e uma boa parte do diálogo girou em torno da situação de violência sofrida por parte do pai do filho menor, das dificuldades desse enfrentamento e da forma como tem restabelecido sua vida. Conta com o apoio das vizinhas para o cuidado do filho menor, mas não ficou claro para mim tratar-se de um trabalho ou de solidariedade da parte delas. Ao perguntar-lhe sobre seu pertencimento étnico-racial ela se declara “mestiça”.

Fernanda gosta de escrever sobre a cidade, as pessoas que conhece e da sua vivência como migrante e publicou um livro este ano.

Julia

Dentista de 51 anos de Bogotá (Colômbia), veio acompanhando o seu ex-marido por motivos de estudos há mais de 19 anos. A ambos terminaram morando no Rio pela situação de insegurança em que se encontrava a Colômbia naquela época. Começou a fazer cursos de especialização na sua área e atualmente trabalha em vários locais. Comenta que por muito tempo pensou em voltar para a Colômbia, a ponto de ter sua casa “arrumada” em Bogotá, mas ainda não tomou a decisão pela atual relação com o pai dos filhos.

O encontro foi no seu apartamento da zona Sul, e pelo observado pertence à classe média-alta; os filhos estudam em escolas particulares; tem empregada doméstica (GEIZA), e trabalha em dois centros odontológicos. Na entrevista ela narra as dificuldades de enfrentar a separação estando grávida e sem a presença dos seus pais, ressaltando o apoio da doméstica/babá (Geiza) que está com ela há mais de dezenove anos. Comenta que foi uma espécie de sorte, pois “Geiza precisava do trabalho” e assim “foram crescendo juntas”.

Julia fala pouco português, pois sempre esteve em contato com hispanofalantes, embora muitas amigas ou amigos que vieram com ela já voltaram ou pegaram outros rumos. Ela diz que no seu consultório a secretária a entende perfeitamente e que se cansa de escutar comentários sobre seu sotaque, etc.. Reivindica ter valores pessoais, que tenta transmitir aos filhos, sem considerar serem melhores ou piores, porém reconhece as diferenças culturais tanto na família, como na vida social a ponto de seus filhos se destacarem pelo “bom comportamento” porque

“acordam cedo” entre outros aspectos, que ela relaciona à cultura e tradição colombiana.

Isabel

Psicanalista de 69 anos, nasceu em Buenos Aires (Argentina) e mora há mais de 30 anos no Brasil, primeiro em Florianópolis e depois veio para o Rio de Janeiro. Realizou estudos na França e na Bélgica, muitas das suas viagens e estadias foram por causa da decisão de acompanhar seu esposo. Já trabalhou como professora de psicologia, mas se dedica ao atendimento clínico psicanalítico. Tem mais de 40 anos de casada, três filhos, todos profissionais, empregados e morando de forma independente.

Ela trabalha como psicanalista e pertence a uma reconhecida associação onde ministra cursos esporadicamente. Encontramo-nos no seu apartamento da zona Sul. Na conversa ela conta a trajetória do contexto da saída da Argentina, os choques culturais e as vivências que cada país lhe trouxe, os motivos de cada deslocamento e do retorno temporal para a Argentina, e também a relação com a família. Menciona como foi sua relação com as domésticas/babás e ressalta o papel da terapia que facilitou a resolução de diferentes processos.

Geiza

Tem 58 anos, é pernambucana e veio “encaminhada” por uma prima que lhe arranhou o trabalho como doméstica na casa da Julia. Está há 19 anos nesse trabalho e sempre se encarregou de todas as tarefas tendo que tomar conta dos dois meninos, indo de um lado para outro, porém com o passar do tempo encontra-se cansada e por essa razão sua filha há cada 15 dia vem para passar a roupa. Geiza refere que o mais difícil é o fato de deixar a família a maior parte do tempo. Ela veio da roça e diz ter muitas saudades, de tudo o que fazia lá. Conta que trabalhou desde criança, e narra algumas lembranças da sua vida; Geiza se refere com muito carinho aos meninos e meninas que tem cuidado ao longo de sua vida, mas se mostra cansada.

Nossa conversa acontece logo após a entrevista com a Julia, o que tornou difícil falar de outras coisas além do seu trabalho como doméstica e babá.

Aline

É da região de Santa Marta (Colômbia), tem menos de 30 anos e veio há menos de um ano procurando vaga para fazer sua especialidade em medicina. Mora com a filha e a tia e esta é quem cuida dela e se encarrega das tarefas domésticas. O encontro foi na praça perto de sua casa, porque atualmente Aline tem uma relação de conflito com a tia, devido a queixas pelo salário pago alegando ser menor que o praticado na região.

Ao longo da conversa, ela comenta sobre sua vida de criança em um dos bairros mais pobres da cidade, das migrações para outros países por conta do trabalho do seu pai, assim como das experiências estudando medicina com poucos recursos. Ao mesmo tempo relata sobre as diferenças que encontrou, da adaptação da filha na creche e das mudanças no estilo de vida que ela levava na sua cidade, com as que tem morando no Rio.

Ela sustentou por muito tempo uma parte da família tendo vários trabalhos como médica geral, mas uma situação na qual foi humilhada em frente da filha e esposo, a fez considerar a opção de vir procurar estudos no Brasil.

Uma das questões centrais surgidas na conversação tem a ver com o embargo do salário que sofre o esposo, pois ela depende dele para seus estudos e subsistência. Ela conta que levada pelo desespero, decidiu arranjar trabalhos temporários como “acompanhante de luxo”²⁵ o que lhe tem permitido subsistir embora se sinta muito mal o respeito disso.

Carmen

É de Lima (Peru), tem 44 anos, é formada como técnica auxiliar de enfermagem, e trabalhava em uma padaria quando foi informada por uma prima que sobre uma pessoa que precisava de uma babá para trabalhar no Brasil. Veio em 2009 e teve sua carteira profissional assinada depois de um ano trabalhando como cuidadora de duas crianças. Relata as dificuldades da chegada, pois nada entendia e chorava muito. Acha que tem sorte por ter bons “patrões”, pois nunca a maltrataram ou humilharam como aconteceu com a prima com quem veio. Na primeira família, aonde chegou ficou mais de cinco anos e agora trabalha em uma casa de espanhóis com três filhos sendo encarregada do filho menor de seis anos. Relata sua rotina com

²⁵Também chamado “acompanhante de luxo” e mais comumente “garota de programa”.

ele e fala também da relação com as outras pessoas que trabalham na mesma casa. Conversamos ainda sobre a sua percepção com referência ao racismo e a discriminação.

Vai a cada dois anos a visitar sua família e sua filha no Peru, pois é um acordo com os empregadores que eles paguem suas férias nesse tempo. A filha está completando seus estudos em administração e ela a motiva para que venha trabalhar no Brasil, inclusive os parentes de seus chefes já mencionaram que ela também pode ir para a Espanha.

Ela não tem, fora do trabalho, um local de moradia fixa, e conta com duas amigas para os finais de semana, uma delas é peruana e a outra brasileira. Tem uma relação muito familiar, com elas e suas famílias, com quem passa os finais de semana.

Realizamos nosso encontro em uma casa onde Carmem se encontrava trabalhando como cuidadora de uma senhora idosa. Aproximadamente uma vez por mês a chamam para fazer o *final de semana*. A senhora está o tempo inteiro ao lado nosso, sofre de Alzheimer e se queixa em várias ocasiões. Para Carmem trabalhar com pessoas idosas é muito agradável, diz ela, porque a fazem se lembrar de seus pais.

Bianca

Bogotana de 30 anos, estudou cinema, mas se dedicou à dança. Veio pela primeira vez fazendo intercâmbio no último ano da faculdade, morando quase dois anos em Fortaleza e depois morou dois anos em Salvador; mas antes de vir para o Brasil já tinha morado em outros países (Canadá e Argentina).

Há menos de sete meses mora no Rio de Janeiro e essa decisão se deu pela busca por outra oferta de dança, depois da experiência com danças africanas e afro-brasileiras no Nordeste, além disso, Bianca relaciona a dança com as coletividades e a ocupação de espaços coletivos e, portanto, no Rio se estabeleceu em uma ocupação urbana .

Nosso encontro foi no Bairro de Santa Teresa. Ela comenta sua percepção sobre a forma de estabelecer vínculos, achando difícil, principalmente, superar a superficialidade, p relata que na sua experiência tem visto nos grupos de mulheres uma rivalidade e muitas vezes uma “parede” quando percebem que ela é estrangeira.

Tabela 3. Informações sócio-demográficas das colaboradoras da pesquisa

Nome/dados	Paula	Bruna	Laura	Fernanda	Julia	Isabel	Geiza	Bianca	Aline	Carmen
País de Origem	COL	ARG	COL	ARG	COL	ARG	BRA-Pernambuco	COL	COL	PER
Idade	31	33	25	34	51	69	58	30	28	44
Zona do RJ	Norte	Centro	Sul	Centro	Sul	Sul	Norte	Centro	Centro	Sul
Nível escolaridade	Doutora	Doutora	Mestrado	Ensino Médio Completo	Pós-graduação	Doutora	Fund. incompleto	Pós-graduação	Pós-graduação	Técnico
Estado civil	Casada	Convive com companheiro	Separada	Separada	Divorciada	Casada	Solteira	Solteira	Casada	Separada
Filhos/as ou pessoas dependentes	Um filho no Brasil	Duas Filhas no Brasil	Uma filha no Brasil	Dois: Um filho e uma filha	Três filhos no no Brasil	Três: dois filhos e uma filha no Brasil	Dois filhas	Sem filhos	Uma filha no Brasil	Uma filha no Peru
Ocupação atual	Professora de Espanhol	Estudante do Mestrado	Estudante Mestranda, psicóloga clínica	Artesã	Dentista	Psicanalista	Empregada Doméstica	Professora de Dança	Estudante Residência Médica	Babá
Ocupação anterior	Estudante	Estudante	Estudante	Artesã	Estudante	Estudante	Trabalho na roça	Estudante	Estudante	Auxiliar de Padaria

3.3 RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Em continuação segue o recurso de coleta de dados que chamamos de “relatos de experiência” os quais são os relatos da observação participante narrados de formas diferentes e que foram coletados no ano 2017. Estes relatos não correspondem especificamente conforme se realizam na tradição etnográfica e antropológica, mas contêm detalhes sobre as diferentes situações que a pesquisadora vivenciou como cuidadora de crianças.

Lembramos que a experiência com o trabalho dos cuidados iniciou pelas necessidades de sustento no primeiro ano dos estudos de mestrado. As inquietudes que foram pensadas em conjunto com os orientadores e orientadora, favoreceram encaminhar a pesquisa na temática do cuidado, e assim foi-se identificando as possibilidades de levar a cabo uma pesquisa participante.

Nesse sentido, os relatos de experiência são descrições com maior caráter exploratório que os definidos estritamente como relatos etnográficos. Por um lado, devemos reconhecer que o uso do diário de campo não cumpriu com toda a sistematicidade e organização que se requerem para propor uma etnografia ou um estudo etnográfico, pelo contrário, houve escritos no celular, notas em cadernos e agendas e que não correspondiam muitas vezes à temporalidade imediata em que aconteceram os “fatos”. Sendo assim, estes escritos, são consideramos como um relato de experiência em duplo sentido: da forma literal em que cumprem a função de narrar o que se vivenciou em determinado momento, mas também na forma de experimentação com as qualidades que têm a descrição etnográfica da observação participante.

No entanto, coincidimos com a técnica da observação participante por ser um "processo de aprendizagem mediante a exposição às atividades, do dia a dia ou da rotina dos participantes no entorno da pesquisa ou na participação nelas" (SCHENSUL ET ALL citado por ANGROSINO, 2012, p. 82). Restrepo (2016) chama a atenção sobre o diário de campo “as observações realizadas são descritas no diário de campo sem poupar detalhes, relatando a maior riqueza possível o que se observou. A ideia é recriar com

palavras o observado” (p. 47, tradução nossa)²⁶, neste caso, os relatos de experiência são também *reproduções* de sentimentos, ou seja, da observação daquilo que a pesquisadora sentiu na sua própria experiência de cuidado.

Identificamos que a categoria do *cotidiano* (CERTAU, 1999) contribui reforçando o papel das experiências e sujeitos que contam sua história nos estudos das ciências sociais e da psicossociologia. Leuilliot apud Certau (1999) ressalta:

Lo cotidiano nos relaciona íntimamente con el interior. Se trata de una historia a medio camino de nosotros mismos, casi hacia atrás, en ocasiones velada, y uno no debe olvidarse de ese “mundo-memoria” [...]. Semejante mundo nos interesa mucho, memoria olfativa, memoria de lugares de la infancia, memoria del cuerpo, de los gestos de la infancia, memoria del cuerpo [...] Tal vez no sea inútil reiterar la importancia del dominio de esta historia “irracional”, o de esta “no-historia” (p.1).

Com essa alusão aos espaços da memória onde surgem os rasgos da cotidianidade, retomamos desse conceito do Michel de Certau (1999), a articulação da organização da vida nos aspectos do sistema visível (os comportamentos) e os benefícios simbólicos que se revelam nos relatos de experiência com o cuidado, o trabalho do cuidado e as mulheres migradas que estão dentro das inter-relações desse contexto.

É importante aclarar que os relatos de experiência são escritos espontâneos feitos em ambas as línguas, espanhol e português, devido a que o uso de uma segunda língua também gera conforto e identificação, sentimento de unidade, motivo pelo qual há situações de alternância para expressar emoções ou verbalizar situações significativas. Os relatos de experiência tentam apresentar a participação da pesquisadora como trabalhadora dos cuidados, lembrando que o componente subjetivo, afetivo pode sobressair mais do que o caráter detalhado da observação. Eles podem apresentar falta de detalhes que associamos à necessidade de aprimorar a técnica etnográfica.

3.3.1 Relato de experiencia I

Inícios de 2017

²⁶Las observaciones realizadas son descritas en el diario de campo sin escatimar detalles, relatando con la mayor riqueza posible lo que se observó. La idea es recrear con palabras lo observado” (RESTREPO, 2016, p. 47).

lara fue la primera niña que comencé a cuidar en el segundo semestre de 2016. Vivía en mí mismo barrio y fue por coincidencia que conocí a sus padres, les comenté que estaba “recién llegada a Rio” y a la semana siguiente su madre me llamó para que la cuidara tres veces por semana cuatro horas por día.

Las primeras veces que llegaba a la casa de Bruna, ella estaba dejando el almuerzo listo, mientras lara jugaba en la sala o en el cuarto. Al comienzo conversábamos bastante, ella me ofrecía café y yo me sentía como visitando a una amiga; después que ella se iba, yo me ponía a jugar con lara, le servía el almuerzo y comíamos juntas para después llevara a la escuela. Esa era la rutina.

El momento de colocarse ropa era el que más tiempo llevaba. Una vez yo le elegí la ropa y cuando ella se dio cuenta, dijo que no le gustaba, pues era ella quien decidía que ponerse. lara cogió la ropa que yo le alisté y tal cual la colocó en el armario. Me sorprendí, pero supe que había sido un error mío. Yo estaba guiándome por el referente de como fui criada, por los recuerdos que tengo de lo que me pedían a hacer, pero luego me di cuenta que no era por ahí. Esperaba que me dijeran las cosas que debía hacer con ella, qué horarios debía manejar, qué comida debía hacerle, pero la única recomendación que Bruna me dio fue de dejarla jugar todo lo que más pudiera.

Para llevarla a la escuela yo me perdía en el taxi, lo que me daba mucha vergüenza con Bruna. Pocas veces intenté llevarla en bus porque a lara no le gustaba caminar y ella se quejaba todo el camino hasta llegar al punto del bus y pedía que la cargara.

La comunicación era en español y eso me facilitó mucho para ganarme su confianza. Yo no sabía canciones ni juegos infantiles en portugués, así que se me hizo más sencillo todo.

Leíamos, jugábamos juntas o a veces ella sola.

El semestre que estuve cuidándola se pasó rápido, yo no sentía que era un trabajo por la relación que construí con Bruna, que se convirtió en mi amiga con el tiempo. Observaba como le hablaba e qué le decía, y así fui aprendiendo, sabiendo ciertas reglas explícitas en la interacción.

Bruna era muy callada al principio y a pesar de que no me sentía observada, sé que estaba a prueba mi capacidad de cuidar de lara. Yo he tenido contacto con niños de

primera infancia desde la universidad, eso me hacía sentir con confianza. Lo cierto es que hay muchas maneras de criar, de cuidar y fui adaptándome a ellas con el tiempo.

3.3.2 Relato de experiência II

29 de maio de 2017

Fui procurar a Rosa na creche fazendo o mesmo de sempre: tive que colocar álcool em gel, ajeitar o carrinho e colocá-lo perto da saída. Botar minha mochila embaixo e esperá-la na banca do lado da recepcionista. Ela cumprimenta, mas não olha para mim, eu sei que ela percebe meu sotaque. Geralmente Rosa sai com um olhar aberto, um sorriso tímido. Muitas vezes ela pergunta “e a mamãe? ”, “já tá chegando”, eu digo.

Há mais o menos dois meses que a estou cuidando. Sempre passamos pelo carro das esfihas onde atende um moço que com certeza é refugiado, eu o cumprimento e a Rosa não. Também no caminho sempre encontramos um homem que trabalha concertando cadeiras com palinha. Ficamos observando como ele tece e vai costurando no meio da rua.

Parte do percurso é dar uma parada na barraca de frutas que está próxima à entrada da onde ela mora, um conjunto de prédios que tem no centro uma praça pública onde eu passo o tempo com ela. Compro banana para ela, pois a mãe diz que ela gosta de comer de fruta depois da creche, só que a Rosa pede comida antes de chegar em casa, então eu compro com meu dinheiro.

Hoje por exemplo estava a Soraya na praça, ela é uma mulher de menos de 32 anos e veio do Maranhão, cuidar da Laurinha desde que nasceu, faz ano e meio. Pouco depois de começar a cuidar da Rosa a conheci, pois ficamos na praça no mesmo período da tarde. A Laurinha sempre está com brinquedos e a Rosa gosta muito de brincar com eles, mas desta vez eu tinha levado livros que peguei da biblioteca e também massinha. Eu faço isso porque me ajuda a interagir com as crianças.

Soraya ficou olhando, mas não diz nada, mas eu senti o olhar de que esse detalhe não é muito comum. Suponho que as babás não andam levando coisas desse tipo, pois não lhe correspondem.

Nessa hora chegou uma mulher com um bebê no colo. Um bebê loiro de olhos azuis, a mulher se fez perto da gente e eu comecei a brincar com as meninas. A mãe do

bebê de olhos azuis se senta numa banca e dá o bebê para Soraya, que o recebe nos seus braços com certa estranheza. A mãe começou a mexer no celular, e Soraya pede que fique olhando a Laurinha. Passou um tempo, eu fiquei achando estranha a situação. A mulher deixa cuidando o bebê dela para outra pessoa que está trabalhando, cuidando de outra criança. Para se livrar desse momento, Soraya teve que ir atrás da Laurinha que saiu correndo.

Depois todas foram embora e ficamos Rosa e eu com os livros. Até que deu a hora para voltar em casa.

3.3.3 Relato de experiência III

Junho de 2017

A rotina do cuidar foi variando entre cada família. Hoje confesso que com a Sofia foi muito mais fácil, pela idade, pela interação. São outros desafios que surgem no cuidado de uma criança maior, de sete anos. Tive que aprender muito sobre dar autonomia, pelo menos é o caso dela.

Ela gosta de ler e brincar horas e horas no seu quarto. Fazer a comida, quanto é para fazer, talvez não tenha sido tão simples porque as vezes ela espera e é aquele gostinho da mamãe. Eu a entendo.

Muitos momentos em que estou com ela e a Mayara, a mãe, me trazem lembranças da minha história, numa correrria diária de obrigações laborais-acadêmicas e a vida de criança sendo companheira, presente nas reuniões, nos congressos, à tarde, à noite. A presença da criança nesse “meio” parece um retrato da minha história pessoal. Isso faz muito sentido para mim na medida em que o vínculo delas é um ensinamento o tempo inteiro, mas é uma forma de imaginar-me também. Sei lá! Algumas coisas não são nada parecidas, mas há algo que me faz lembrar de mim.

Pelo que vou conhecendo da Mayara, ela tem encontrado o apoio de muitas pessoas para dar conta da filha, mas tudo parece temporal, pois de casa para casa as pessoas mudam e assim não há sempre um mesmo “alguém” que possa estar presente. Assim ela se adapta em cada semestre, diante cada mudança.

A Sofia é boa conversadora, ela é extraordinária inventando histórias com sua imaginação. Sabe de muitas coisas, eu admiro muito isso, pois me parece que é fruto de

muitos esforços. Acho que estar nesse contexto diverso, delas não ter mais “família” perto ou longe no sentido físico, faz com que se gerem outras dinâmicas.

No começo, eu cuidava da Sofia pensando que tinha que ajudá-la com os deveres de casa, ler histórias para ela, brincar com bonecas. Eu tentava que fosse agradável nosso momento, mas havia aqueles dias que “a coisa não fluía”. Só que na verdade, o cuidado dela era mais em termos de ler algumas coisas fundamentais e depois deixar na autonomia dela seu tempo, suas atividades.

A forma com que Mayara manejava certas circunstâncias realmente evidencia como o cuidado requer de muito mais paciência do que parece como óbvio. E me surpreende delas duas, a paciência de muitas circunstâncias em que só estão uma para outra. Eu não imagino como será a mãe doente, quem poderá estar ali cuidando do adulto?

De alguma forma, minha amizade entra em jogo quando eu cuido a filha da Mayara, pois há mais que um vínculo laboral na nossa interação. Eu percebo que com as outras mães, aquela intimidade é diferente, pois há mais distância e as crianças então também são assim comigo. Ou seja, está mais delimitado os “papeis” e as tarefas parecem ser mais medidas pelo próprio contrato. Só que com a Mayara e a Sofia, isso muda porque ocorre que não me sinto tão trabalhando como cuidadora. Isso é diferente. E também porque posso perguntar mais, inclusive a própria menina me ajuda mais no caminho de cuidar dela. Então é gratificante, acho que uma forma de trabalho gratificante vale a pena.

3.3.4 Relato de experiência IV

Setembro de 2017

Venho percebendo o modo automático com que pessoas da pracinha me associam com sendo a mãe da Antônia. As babás que nunca me viram, também associam o mesmo. As pessoas me perguntam “quantos meses ela tem”? Emostram um olhar de aprovação quando a tenho no meu colo. Já escutei “do jeito como a leva, parece a mãe dela”. Não vejo confortável esses comentários, minha resposta é sempre aclarar “eu só cuido dela e às vezes da irmã”.

Na pracinha as conversas começam falando sobre as crianças: “como ele cresceu!”, “eu não tinha visto mais a Luiza, o que foi?”, “o Miguel é igualzinho ao pai”. A praça às vezes se divide: de um lado as mães e de outro lado as babás. É fácil distinguir uma babá nesse ambiente, não só porque a grande maioria são mulheres pretas e pardas, muitas do Nordeste, mas também pelas camisetas brancas e os calças curtas de jeans. Quando fui no Jardim Botânico, aí sim, vi todas uniformizadas. É por isso que também não enquadro muito num primeiro olhar.

Algumas cuidadoras continuam a conversar comigo depois de saber que estou cuidando tal como elas. Já houve certa tensão no silêncio que segue após eu responder “não sou a mãe dela”, é como se fivessem a pergunta: “o que você está fazendo aqui”? Certamente o meu sotaque é outro ingrediente para a situação. Até agora, ninguém me perguntou – das babás- de onde, ou porque estou esporadicamente. Isso faz toda diferença, que não cumpro com uma rotina como elas, e nesse sentido estou do outro lado pois não devo cozinhar, limpar e cuidar ao mesmo tempo.

No caso das mulheres que não trabalham com os cuidados, já aconteceu que outra pessoa olhasse para mim e ao saber que não tenho vínculo consanguíneo com a bebê, não desse continuidade à conversa: “ah, se você não é a mãe não há muito que você saiba da criança” – penso. Em ocasiões ao escutar “sou da Colômbia” as perguntas são por ser “estrangeira”.

Das vezes em que chegava com livros ou brinquedos que trazia para estar com a Rosa, olhares se entrecruzavam. Elas estão ou com uma manta sobre o chão quando se trata de crianças que não caminham, ou cantando músicas infantis que eu claramente não consigo acompanhar e, portanto, não participo, ou estão indo atrás delas ao redor da praça, no balanço no escorregador e assim. Um mexem no celular e vigiam de perto as crianças; “meu menino”, “meu bebê”, as babás estão mexendo no celular e vigiando as crianças.

Observo muito as expressões de carinho quanto amor elas sentem por esses meninos, “é como se fosse o meu” uma diz. Mas nem tudo é tão agradável pelo que escuto. Perguntei a Sandra o que aconteceu com o braço dela. Ela é uma mulher carioca que cuida de duas crianças de 2 e 6 anos, não tem que cozinhar, mas sim deve olhar a casa e cuidar da menina pequena que não vai na creche ainda.

-Fui atropelada por uma bicicleta elétrica, sabe? Dessas com motor?

-Eu: “como assim, como foi? ”

-Sandra: “sim, aqui pertinho, estava passando pela ciclovia aqui, na Rua Laranjeiras, para o cruzamento e veio um moço que me deu um chute, me mandou lá...tudo mundo viu, mas o cara...”

A mesma, em outra ocasião me diz

- Vou esperar que o vai acontecer na metade do ano, quando a Sara entrar na creche, tomara que continue com emprego, se não...vai ficar difícil se a dona Alice me manda embora.

Outro dia a Sandra me diz “você não sabe quem precise de babá para final de semana, eu to precisando”.

A pouca relação que temos é cordial, com outras cuidadoras é mais distante. Mas entre os bebês e elas se nota o carinho quase sempre. Então, elas sabem quando a criança está cansada ou com sono e decidem ir embora. Eu geralmente, com a Antônia dormindo espero até o último momento.

3.3.5 Relato de experiencia V

9 de octubre de 2017

Me ha parecido muy difícil cuidar bebés, creo que no es tan sencillo eso de que “duermen, cagan y comen”. Es bastante la energía que hay cuando todo un ser humano depende de ti. Si una se sienta o se para, o camina, en cualquier posición o cosa que haga, el bebé está adecuándose a uno y pidiendo que sea adecuen a sus necesidades.

Con Manuela ha sido muy intenso lidiar con el llanto, yo no me angustio, no entro en desespero, pero no sé si eso es una señal buena o no. Estos primeros días la mamá se ha ido y ella llora fuerte, como pidiendo la mamá. Es lo que yo siento.

Ya conozco bien la dinámica, sé que la alimentación es una cuestión que se cuida mucho en esa casa, pero casi nadie me dice que prepárale a Manuela (que tiene seis meses). ¡Y yo no tengo idea!, además la mamá dice que no le gusta el chupo del tetero. Entonces no estoy muy segura haciendo las cosas. La verdad, llego muy cansada, de no poder contenerla, de sentir que quiere mamar y no poder ayudarle, y claro, de estarla cargando. Cuando ella se duerme, yo me duermo también. No sé cómo hacen estas

mamás, estudiando y dando de todo eso. Veo que requiere mucho esa incondicionalidad, físicamente les exige mucho estudiar y cuidar, ¿cómo hacen?

La sensación de estar enfrente de alguien que no habla, pero depende de ti, es un caso particular. La comunicación con otros códigos y yo sin saberlos, a eso me refiero. El mayor entretenimiento es sentarla a ver la gente en la calle. Así se nos pasa el tiempo.

3.3.6 Relato de experiência VI

Novembro de 2017

Cheguei na casa da Antônia e a mãe pediu que eu descesse na pracinha. A Carla, mãe dela, é professora e está de licença maternidade, mas ela me chama ocasionalmente para cuidar da Antônia para ela ficar trabalhando no computador. Vamos na pracinha e no horário da manhã quase sempre há várias pessoas: babás, mães, avós, crianças.

Me sentei na banca perto das babás, já conheço algumas. No pequeno trajeto entre a casa e a pracinha fiz com que Antônia dormisse.

Tinha uma senhora de uns 40 anos, ela fala para duas babás. Se queixa de que não aguenta mais seu trabalho “não é pelas crianças, é pelos pais”. Se refere a menina que cuida que está na minha frente, tem menos 2 anos. Descreveu que seus patrões a fazem sair muito tarde, pois não chegam no horário combinado, também lhe pedem que faça coisas depois do seu horário, e além disso, ela não tem horário de almoço quando eles eles estão em casa, pois deixam ela com a bebê que “nunca para”, “eu já tive que comer o almoço frio”, se queixa.

A outra babá, um pouco mais jovem, está sentada do meu lado balançando o carrinho, o bebê tem seis meses e diz que só dorme 15 minutos e só o faz se estiver andando. Em casa não dorme e não deixa ela fazer as tarefas domésticas. Eu digo “aí fica difícil, né? ”. Ela diz que estuda pela noite. A outra babá conta que está cheia de dívidas para pagar a faculdade e que tem desejo de abandona-la.

Brincando disse que precisa de 5 mil para pagar uma parte. Ela é casada com um policial aposentado e tem um filho na polícia, “ele estava na Rocinha aquela vez que te contei”, disse para a colega que está sentada.

Também refere que a bebê pesa muito e só quer ficar no colo, ela diz que não está mais em idade, além do salário tão baixo que ela recebe, diz que são \$1,400. Me parece ser uma mulher que chega perto dos cinquenta anos. Comento da importância de se assessorar juridicamente. Ela comenta que vai esperar até 1º de março quando fizer um ano para sair dessa família, ela diz “já não aguento mais.

4. RESULTADOS EM LONTANANZA

Nesta parte apresentamos o resultado do exercício de análise do processo teórico-metodológico descrito nos três capítulos anteriores. As entrevistas e os relatos de experiência que retomamos nesta fase, estão relacionados à compreensão e aprendizado dos enfoques teóricos estudados nas disciplinas e nas leituras sugeridas pelo orientador e orientadora.

Importa lembrar que inicialmente esta pesquisa visava investigar *as práticas e trabalhos do cuidado nas relações e redes de mulheres migrantes latino-americanas no*

Rio de Janeiro, resolvemos não abordar o referencial teórico relativo às *redes* no contexto migratório e dos cuidados, visto o campo ter revelado que o grupo pesquisado não era uma rede específica e sim a maneira como chegaríamos ao encontro de várias mulheres interessadas em falar de suas vidas, da migração e dos seus cotidianos. Desta forma a rede converteu-se em *rede de indicações* para chegar a cada uma das participantes-colaboradoras da pesquisa.

Os dados para elaborar a análise e propor categorias foram levantados a partir dos encontros com as mulheres migrantes, que começaram em agosto de 2017 e terminaram em novembro do mesmo ano, junto com as observações participantes realizadas em vários momentos do ano e sistematizadas na forma de relatos de experiência.

Em relação ao título, decidimos continuar fazendo uso das metáforas como uma forma de atalho complementando o caráter criativo da escrita acadêmica. Desta vez utilizamos a reflexão de Legerén (2008) sobre *lontananza*, uma expressão que vem do italiano e significa “tanto *lejanía* como ausencia”, ou de “aquilo que não está nem aqui nem lá²⁷”, metáfora que o autor incorpora para discutir sobre as migrações, a epistemologia e o deslocamento. Este último se trata de um processo, que entranha *mobilidade* e *alteração* ao mesmo tempo. Isto quer dizer que para o autor, enquanto ocorre um *ir-de-um-ponto-para-outro* (se deslocar), também acontece uma perda de lugar que se refaz novamente (deslocamento). Na sua visão, a experiência migratória “nos sitúa en una especie de mundo en *lontananza*, un sitio que no está ni aqui ni allí sino que se compone de retazos de experiencia en todos los sentidos, tanto reales como ficticios” (HUSTVEDT apud LEGERÉN; 2008, p.35)

Com o título deste capítulo, definimos os resultados como uma figuração em *lontananza* onde a análise é produto de traços de múltiplas experiências que não estão arraigados à certeza nem à dúvida. Eles são, em certa medida, uma aproximação à pluralidade das migrações contemporâneas, através do recorte de cada experiência das

²⁷“*acullá* se utiliza coloquialmente em espanhol. Definição do Dicionário da Real Academia Espanhola – RAE :1. adv. dem. cult. Allá o más allá. U. en contraposición a adverbios demostrativos de cercanía, como *aquí* o *acá*, y también a los de *lejanía*, como *allí* o *allá*, cuyo significado puede intensificar. Dispuso un dibujo aquí, un grabado allá, una foto acullá. Disponível em:< <http://dle.rae.es/?id=0f8nMT0>>. Acesso em: 09 feb. 2018.

mulheres que se dispuseram a narrar parte da sua história e, como tal, não representam um fluxo ou um grupo homogêneo. Também a lontananza representa colocar a temática do cuidado *entre* esferas da reprodução social, do trabalho, da intersubjetividade, das redes de apoio e solidariedade. A migração como processo altera algumas lógicas da organização social dos cuidados, principalmente gera outras estratégias para a gestão, manutenção e distribuição dos cuidados nas unidades familiares. Neste ponto, destacamos que o papel da psicossociologia como campo inter - e transdisciplinar nos permeia o olhar ao questionar quanto é do sujeito e quanto é da sociedade, e dessa forma as práticas do cuidado não são nem exclusivas do trabalho nem aparecem nas relações ou vínculos sociais somente.

4.1 CATEGORIAS E ANÁLISE DE RESULTADOS

Depois de ter feito os encontros, e reunir as transcrições das entrevistas e as anotações da observação participante convertidos em relatos de experiência, utilizamos a técnica da *análise de conteúdo* para fazer o tratamento do material coletado, com o objetivo de investigar as práticas e trabalhos do cuidado em mulheres migrantes latino-americanas. Valendo-nos de Bardim (1977, p. 38) para guiar o processo de análise através da técnica da *análise de conteúdo*, ela a define “como um conjunto de técnicas de sistematização das informações qualitativas para inferir conhecimentos científicos considerando não só as descrições de conteúdo, mas aquilo que o conteúdo nos ensina após ser tratado”. Surge para a análise de dados quantitativos e qualitativos e possui duas funções: enriquecer a pesquisa exploratória promovendo o levantamento de hipóteses e a verificação de hipóteses como tal.

Embora seja útil para o campo da pesquisa psicossociológica, reconhecemos algumas limitações deste enfoque pela concepção sobre o tratamento de dados brutos e a ideia da decodificação para chegar a uma “inferência de conhecimentos relativos” (BARDIN, 1977, p. 30). Como temos indicado, a proposta teórico-metodológica da pesquisa se aproxima de um paradigma outro que não dissocia as vivências e conhecimentos produzidos durante as diferentes fases da investigação, nem utiliza indicadores com os quais determinar algum tipo de objetividade na escolha das

informações. Os dados estão atravessados pelo olhar de quem os “recolhe” e pelos sentimentos que evocam no seu tratamento, neste caso, as práticas dos cuidados das experiências de mulheres latino-americanas não pretendem representar um grupo identitário.

Escolhemos algumas dessas informações providas das falas e dos relatos de experiência e as classificamos em categorias. O processo de classificação permite pensar em conjuntos de narrativas heterogêneas, não como representações simplificadas tal como o propõe Bardim mas como uma forma de organização de pontos nodais entre falas e inferências a respeito de determinados tópicos, que surgem influenciados pelos recursos teórico-metodológicos com os quais trabalhamos ao longo da pesquisa e foram descritos nos capítulos anteriores.

Nessa medida, propomos organizar as informações que extraímos das falas das colaboradoras e dos relatos da experiência, com o fim de levantar questões e apontamentos para problematizar a teoria e as perguntas da pesquisa. Finalmente, do processo de “leitura flutuante” (BARDIM, 1977, p. 96), identificamos as seguintes categorias: 1) Ela é meu apoio, mas não meu par; 2) tramas e redes tecidas com cuidado; 3) Vivências imigrando e; 4) Você [não] parece brasileira.

O processo para organizar os trechos das falas que despertaram alguma inquietude, chamaram nossa atenção ou que se conectaram com a revisão de literatura, implicou uma elaboração do tipo *ruminante*, ou seja, significou voltar às entrevistas gravadas e escutá-las várias vezes e depois fazer a transcrição completa para ajudar no processamento da informação, pois no transcurso da pesquisa é comum se perder e não enxergar, não escutar o que estão dizendo as fontes e materiais coletado.

4.1.1 Ela é meu apoio, mas não meu par

Os trechos das narrativas incluídos nesta parte surgem da reflexão em torno às relações dentro do trabalho do cuidado. O trabalho doméstico e o trabalho dos cuidados se apresentam como sinônimo em alguns casos. Algumas vezes é encontrado na literatura o trabalho doméstico categorizado entre remunerado e não remunerado, no entanto o trabalho dos cuidados é referido como categoria analítica mais ampla. Nesta

pesquisa assumimos os trabalhos dos cuidados como um sinônimo do trabalho doméstico, e que inclui outras ocupações laborais. Também definimos que há práticas dos cuidados e não utilizamos sempre a concepção do trabalho.

Em *Ela é meu apoio, mas não meu par*, se revelam afetos, situações e lembranças das pessoas envolvidas nas tarefas do trabalho dos cuidados, isto é, quem contrata e quem é contratado. Ariscando novamente na utilização de códigos, queremos provocar com esta categoria a ideia de que a troca e circulação de afetos não supera a estrutura de hierarquia, ainda que encontremos uma contrapartida na experiência da pesquisadora como uma *amiga* das mulheres com as quais se envolveu no trabalho dos cuidados.

Identificamos conteúdos afetuosos, onde as falas evocam a presença das trabalhadoras como pessoas fundamentais em determinadas circunstâncias da vida. Por exemplo, Julia conta no seu relato como ao chegar ao Rio, foi difícil lidar com a criação dos filhos sem contar com o apoio do seus pais, , diz ela:

afortunadamente como Dios es grande me mandó una empleada que es la que te abrió la puerta, ella está conmigo desde 19 años, entonces ella ha sido la mano derecha, ¿no? Porque ella ha estado durante todo el tiempo ayudándome y pues, ella vive conmigo y crió, me ayudó a criar mis hijos.

Para ela, a presença da Geiza “realmente fue suerte porque ella vivía en Recife al norte, y así ella necesitaba trabajo aquí también” o que de certa forma permite que Geiza tenha uma chance “graças a” Julia que decide empregá-la, o que se confirma quando narra:

ella llegó, realmente fue suerte porque ella vivía en Recife al norte, y así ella necesitaba trabajo aquí también, venía atrás de la hija de ella porque la hija se había venido aquí, entonces ella necesitaba venir y me contactaron así llegó, y ella llegó acá sin conocer nada, sin saber nada, o sea yo estaba con el teléfono así bien; sin los dientes, las gafas todo, sin leer, escribir, nada, pero entonces con ella fuimos creciendo juntas entonces enseñándole esto lo otro, le puse dientes, las gafas y... allá, ella siempre me ayudó, una persona de corazón bueno y buena trabajadora, así incansable... impresionante. Entonces ella ha sido mi ayuda.

Essa entrevistada, por ter chegado e em seguida engravidar do primeiro filho e pouco tempo depois do segundo, agradece em várias oportunidades a presença da Geiza. Vemos que a narrativa apresenta frases como “crescendo juntas”, referindo-se ao

desenvolvimento de habilidades de manutenção do lar e da família. As dinâmicas do cuidado quando estão sendo compartilhadas com outras pessoas resultam mais enriquecidas na medida em que surge uma distribuição das tarefas e responsabilidades. No trabalho dos cuidados, essa distribuição é atravessada por uma relação de trabalho assalariado que se estabelece por uma relação de poder desigual.

Relacionado a isto, Gutierrez-Rodriguez (2013, p.129) aponta que o trabalho doméstico como trabalho afetivo, envolve as questões do bem-estar que aparecem em fatos tão simples, como ter um ambiente agradável para a convivência, que agregam um valor do qual se beneficiam as pessoas que pertencem a esse espaço. Nessa medida, segundo ela, há uma troca e transmissão de afetos que estão dispersos pelo espaço, se bem eles “são expressados em níveis subjetivos e individuais, e estão inscritos em uma matriz social e semântica” (GUTIERREZ-RODRIGUEZ, 2013 P. 129).

Precisamente pela existência da matriz de poder que abrange o espaço doméstico, a própria literatura sugere que a posição de subordinação da empregada, não deixa de existir, pois a circulação de sentimentos está em paralelo à relação de inferioridade e superioridade entre ambas as partes. Além disso, o espaço doméstico é compartilhado, mas não o suficiente para desvanecer as fronteiras interseccionais entre as pessoas que conformam esse espaço. Nesse sentido, concordamos com a premissa de Goldstein apud Brittes (2014) “o sistema hierárquico subjacente ao serviço doméstico foi reforçado, em particular, por ambiguidades emocionais na relação entre empregadores - especialmente crianças e mulheres - e trabalhadores domésticos”²⁸ (p. 64,*tradução nossa*).

Na mesma linha da ideia de crescer juntas, Isabel narra a participação de babás na sua vida no segundo e no terceiro destino de imigração. Depois de emigrar para a Europa, foi morar em Florianópolis e lá contratou a Berenice. Recém chegada teve o segundo filho:

²⁸Original Brittes (2014): “the hierarchical system underlying domestic service has been bolstered, in particular, by emotional ambiguities in the relation between employers – especially children and women – and domestic workers (Goldstein, 2003)”.

en Florianópolis contraté una niñera, que amé, porque me ayudó con el segundo, que ahí vino mi crisis, que era mi mano derecha, íbamos juntas. Esa niñera entró a mi casa, y de repente fue una dupla, porque nos amamos. Ella fue fundamental para mí porque ella llegaba y yo podía retornar el trabajo como profesora y sabía que estaba Berenice, que era una divina, que era confiable absolutamente, era un tesoro de persona, y ella tuvo que irse porque su vida continuaba. Y yo la quise como una hija, pero ella me ayudaba, era jovencita, yo me sentía medio mamá de ella pero al mismo tiempo era muy confiable con mis dos hijos, porque mis hijos la adoraban..

Depois de morar em Florianópolis, ela com o esposo e os dois filhos vêm morar no Rio de Janeiro, onde nasce o terceiro filho:

Aqui en Rio, yo tuve otra, la lara, que hasta hoy le lloro, porque las empleadas que yo tuve las quise como hijas, se quedó 17 años conmigo. Fue una divina, mis hijos la amaron, ella nos amó a todos, yo fui la mamá de ella, yo le enseñé a cocinar. ¿Pero que pasó?, se quedó embarazada (...) . Y ese chiquito lo criaba la mamá adoptiva de ella y a otro, y empezó a crecer, y el otro chico se empezó a meter en drogras, y la mamá se puso viejita y se puso enferma y yo le aconsejé, porque ella estaba empezando a deprimirse, yo le dije "ahora te vas, porque te estás deprimiendo", le di fuerza para que se vaya, cuando se fue, reviví toda florianópolis. Lloré como una bestia. Hasta hoy no consigo tener un a empleada del miedo a que me dejen de nuevo.

A presença de trabalhadoras domésticas pouco treinadas parece estar relacionada nestes casos, com as formas como se configuraram as relações com as mulheres migrantes que as contratam. Acreditamos que, alusões do tipo “eu a quis como a minha filha” supõe um vínculo em que houve mais de uma correspondência na execução das tarefas dos cuidados. Por outro lado, Brittes e Picanço (2014, p.142) lembram que para este fim, “quanto menor o nível de escolaridade, mais cedo foi o ingresso no mercado do trabalho”.

Com isso, podemos pensar se houve ou não uma distância geracional para tecer esse vínculo: o relevante aqui recai sobre a narrativa da figura familiar-afetiva inferior em termos de descendência (filha), cumprindo a função de nos informar como as empregadoras resultam ocupando papéis de mãe-ensinando-a-filha, ou um tipo de relação de mestre-aprendiz, cujo aprendiz termina servindo ao mestre. Questionamos em que medida as mesmas mulheres se posicionam na transmissão desse tipo de conhecimentos no vínculo sanguíneo direito, ou seja, a disposição de ensinar as tarefas dos cuidados se dá com as próprias filhas.

De um lado, vemos alguns aspectos que se referem a prover cuidado por parte das mulheres para as babás, por exemplo, Julia (dentista) se reporta a fazer os óculos e os dentes da Geiza, o que tem ligação com uma ideia do cuidado expressado em necessidades materiais. Por parte da Isabel, também ela relata que se envolveu com a saúde da primeira babá

yo estuve en el parto de ella, fui en el Miguel Couto, pelié con todas las enfermeras, porque las trataban a las pobres parturientas, no las cuidaban justamente, (...) como esas mujeres, porque eran pobres eran malcuidadas, me escondí para cuidarla, porque me echaban.

De acordo com isso, Guitierrez-Rodriguez (2013, p.9)

Los afectos no sólo despliegan um contexto sino que surgen dentro de um contexto histórico e geopolítico concreto. Al tiempo que emanan energías, impulsos, sensaciones y encuentros, los afectos también son portadores de significados residuales

A presença de resoluções materiais para dar como contrapartida às trabalhadoras do cuidado implica em alguma medida, num sentido do cuidado que se revela nas mulheres contratantes de outras mulheres como suas empregadas. Na literatura encontramos que prover materialmente também se relaciona ao cuidado em determinadas perspectivas. Ainda que seja favorável para as mulheres ter do seu lado “mãos direitas” em bom estado de saúde, emocional, etc., resulta evidente que o afeto gerado não deixa de estar dentro da hierarquia de poder que envolve a relação entre as duas partes. Afinal aquele afeto não deixa de indicar os privilégios de quem se encontra no topo e, assim a forma como se desenvolve a vida das trabalhadoras do cuidado, terá que ser necessariamente diferente, justamente para que haja uma espécie de dependência de umas para com as outras.

Uma “imagem” que reflete o que estamos dizendo ocorreu no encontro com a Julia e a Geiza, que ocorreu no mesmo dia. Conta Julia que seu filho mais velho quer estudar na Alemanha e que seus filhos são fluentes em espanhol. A pesquisadora pergunta se Geiza fala espanhol, já que é a língua em que se comunicam os filhos com a mãe, ao que Julia responde “ela entende tudo”. Na conversa com Geiza, se percebe sua preferência pelo português e ao pedir que leia e assine o Consentimento Livre e

Esclarecido, responde “Eu só sei fazer meu nome”, e se levanta para procurar os óculos e um papel onde tem escrito seu nome, para poder copiar no documento.

A sensação de incômodo surgida ao presenciar essa experiência de desigualdade, está relacionada ao aspecto da interseccionalidade nas cadeias do cuidado global. Consideramos o exemplo da conta das cadeias pela descrição que Hochschild (2001) oferece como níveis do cuidado, pois o filho de Julia beneficia-se do trabalho do cuidado e da disposição afetiva da Geiza, no entanto ela está radicalmente longe das habilidades escolares que ele possui. Aqui se revelam pontos de intersecção abrangendo as diferenças de gênero, raça e classe, mas também dentro do contexto de origem, rural *versus* urbano.

Passando para o caso da experiência da Aline com a babá: ela resolveu vir para o Rio de Janeiro junto com uma tia para que lhe ajudasse a cuidar da sua filha. Essa decisão surgiu, segundo contou ela, quando Aline veio fazer as provas de seleção para a residência médica e a filha ficou doente os dez dias em que ela esteve fora do país. O esposo sugere então, que procurem uma tia “solteira” que possa e queira viajar e fazer o trabalho. Assim, as três se mudam para o Rio e a tia encontrada se encarrega de cuidar da filha de Aline para esta realizar seus estudos, sendo que algumas vezes precisa fazer turnos no hospital, à noite.

Aline diz:

uno tiene que sentirse agradecido que alguien dejó alguien todo en su casa para venir a cumplir un sueño que ni siquiera es el de ella. Un sueño ajeno, dejó todo, ni siquiera por mí

A relação começou a ter vários problemas, principalmente quando surgiu a reclamação por parte da tia pelo salário que recebe: um salário mínimo na Colômbia (COP \$737.717) que correspondia na época -2016- a quase R\$650,00, e que era depositado ao seu filho para financiar seus estudos no país.

A tia da Aline soube por meio de outras trabalhadoras do prédio, que o valor pago a domésticas e babá interna é superior ao que ela recebia e, portanto se queixou exigindo um aumento de salário. Para Aline isso representou uma afronta e respondeu negativamente:

pero yo le dije 'tía, yo no te traje engañada, ahí está la puerta, vaya busque su visa y trabaje, eso si, en mi casa no te vienes a quedar, usted cumple con sus gastos' yo tenía una rabia, yo sentí que ella estaba jugando conmigo.

Os movimentos e teorias feministas reiteram acerca da invisibilidade e falta de reconhecimento social dos trabalhos do cuidado reproduzidos cultural e historicamente, o que se manifesta na organização social e na falta de proteção laboral das trabalhadoras deste setor (GUTIERREZ-RODRIGUEZ, 2013; HERRERA, 2012; BERNARDINO-COSTA, 2014).

Segundo o relatório do IPEA sobre as mulheres negras no trabalho doméstico remunerado (PINHEIRO; MADSEN, 2011, p.29), persistem grandes desigualdades entre os grupos raciais sobre os salários das trabalhadoras domésticas: “Em 2009, trabalhadoras negras ganhavam, em média, R\$364,80, e trabalhadoras brancas, R\$421,60”. Embora haja diminuição quando se trata de empregos com carteira assinada, esse panorama é mais complexo quando ocorre com mulheres migradas. O caso da Aline e a tia, reflete as variáveis dessa vulnerabilidade laboral, e de como se opera a migração e os trabalhos dos cuidados para sustentar a educação e necessidades da família transnacional das migrantes, onde migrar é a saída para obter esse sustento dos filhos e membros que permanecem no país de origem.

A partir da perspectiva das trabalhadoras entrevistadas, as queixas se fazem presente. Carmen conta que após um ano de trabalho no Brasil, foi solicitar um aumento no salário:

'señora, porque no me aumenta 100 reales, para redondear a 1500, porque en realidad no me alcanza, yo encontré todo más caro' y no pedía mucho, solamente 100. Pero la agarré en un momento que ella estaba de mal humor, entonces me respondió 'mira con tu sueldo traigo a dos...nadie te agarra aquí, las puertas están abiertas' Ella sabía que yo no tenía a nadie aquí, ni nada.

Esses relatos demonstram que a desvalorização do trabalho pode vir acompanhada de ameaças de perda do emprego com um duplo sentido de fazer com que as trabalhadoras migrantes “agradeçam pelo que têm”, pois possivelmente não terão outra chance lá fora. De alguma forma, negar o direito justificado, mas também ser humilhado por isso são formas que nas relações, a hierarquia de classe e racial, procura se manter. A mulher empregadora expressa seu lugar privilegiado sobre o controle das

condições de vida da trabalhadora que mora na sua casa, deixando clara a desvalorização da pessoa como expressado na frase “nadie te agarra aqui” o que significa, “aqui ninguém te pega” e isto, pertence à distribuição simbólica de inferioridade a qual se torna corpórea (GUTIÉRREZ-RODRIGUEZ, 2013).

Com a perda de possibilidade de aumento, Carmen conseguiu outro emprego no dia em que estava fazendo sua documentação como narrado:

Yo estaba haciendo mis papeles en la federal. Entonces yo estaba sentada, así como estoy, pero ya había conversado con el policía, en qué trabajaba y todo, entonces llegó este español, fue preguntando si es que conocía a alguien que quería trabajar con él de habla española. El policía le dijo que no, ‘pero si você desea, hable con aquella señora ela trabaja con crianza’. Y se me acercó el señor, haciéndome preguntas, si conocía a alguien. Yo le dije que sí, pero yo pensando en mi hermana o en mi hija, que están en Perú. Y seguíamos conversando, me convidó a su casa para seguir conversando, me dio su teléfono. Y ahí salió que cuanto gano, yo ahí mismo le dije dos mil, le mentí. (...) yo con eso si renunciaba y me quedaba en el aire sin nada, conversando fue pasando los días, y en abril le digo ‘mire señor, yo acepto siempre y cuando usted me haga un contrato, porque vaya y yo me salga de este actual trabajo y me quede en nada’ me dijo ‘ya lo hacemos, porque yo te voy a esperar, tú me gustas’ me dijo.

Chamamos a atenção ao contexto em que ocorre o primeiro contato entre Carmen e seu novo patrão, o local da Polícia Federal, um espaço onde se sabe que migrantes e refugiados na grande maioria dos casos não recebem um bom tratamento por parte dos agentes policiais e que a partir do relato da Carmen, se levantam inquietudes em relação à circulação de trocas, redes de contatos e vínculos entre entidades oficiais e pessoas que chegam nesse espaço com múltiplas demandas de trabalho, moradia, etc. No entanto, queremos dar destaque na trajetória da Carmen: habilidades de agenciamento aparecem no seu relato, conseguindo um posicionamento diante seus direitos trabalhistas a fim de melhorar sua condição de vida.

Existem diferenças importantes nas modalidades de trabalho dos cuidados. De acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações –CBO encontramos dentro da categoria “ 5162- *Cuidadores de crianças, jovens, adultos e idosos*” as seguintes tipificações: babá, Cuidador de idosos, mãe social, cuidador em saúde (MINISTERIO DO TRABALHO, 2018). Não achamos nenhum registro sobre “babá diarista” conquanto se encontra nas ocupações sobre o trabalho doméstico propriamente (categoria 5121- “*Trabalhadores dos serviços domésticos em geral*” na CBO-MT) nem encontramos nos

relatos de experiência, alusão a outras pessoas ou pares que também realizam cuidado de crianças nessas mesmas condições: por horas; variabilidade de dias na semana e turnos da noite e; variabilidade de tarefas. No *relato de experiência IV*, as diferenças se encontram em vários sentidos

Algumas cuidadoras continuam a conversar comigo depois de saber que estou cuidando tal como elas. Já houve certa tensão no silêncio que segue após eu responder “não sou a mãe dela”, é como se fivessem a pergunta: “o que você está fazendo aqui”? Certamente o meu sotaque é outro ingrediente para a situação. Até agora, ninguém me perguntou – das babás- de onde sou, ou porque estou esporadicamente. Isso faz toda diferença, que não cumpro com uma rotina como elas, e nesse sentido estou do outro lado, pois não devo cozinhar, limpar e cuidar ao mesmo tempo.

Origens dessas diferenças estão na base das características do micro contexto onde interatua o cruzamento dos marcadores sociais que constituem cada sujeito: língua, nacionalidade, “raça”, nível educativo, classe, não são a soma, mas o conjunto que se tece entre umas e outras babás, estabelecendo formas para desenvolver e efetivar material e simbolicamente os cuidados. De acordo com a fala da pesquisadora no *relato de experiência I*, ela confessa,

yo estaba guiándome por el referente de como fui criada, por los recuerdos que tengo de lo que me pedían a hacer, pero luego me di cuenta que no era por ahí.

É válida a experiência da pesquisadora para compreender como os marcadores sociais privilegiados na sociedade brasileira permitem a circulação de afetos, troca de conhecimentos e, inclusive o mesmo acordo de horas de trabalho e se configurem na sua relação com as mulheres imigrantes que a contratam. Por conseguinte, o lugar de mulheres imigrantes não escapa do compartilhamento de lugares privilegiados dentro da escala social: no próprio *relato de experiência I* se encontra:

Al comienzo conversábamos bastante, ella me ofrecía café y yo me sentía como visitando a una amiga (...) yo no sentía que era un trabajo por la relación que construí con Bruna, que se convirtió en mi amiga con el tiempo (...)

Também se evidencia no *relato de experiência III*

De alguma forma, minha amizade entra em jogo quando eu cuido a filha da Mayara, pois há mais que um vínculo laboral na nossa interação. Eu percebo que com as outras mães, aquela intimidade é diferente, pois há mais distância e as crianças então também são assim comigo. Ou seja, está mais delimitado os “papeis” e as tarefas parecem ser mais medidas pelo próprio contrato. Só que com a Mayara e a Sofia, isso muda porque ocorre que não me sinto tão trabalhando como cuidadora

Ainda que no contexto laboral as disposições se determinem por códigos formais de realizar as tarefas do cuidado, é através do encontro inter-subjetivo que se cria a relação entre quem cuida e quem é cuidado. Com isto pretendemos associar que no relato, a utilização de recursos adicionais para se aproximar das crianças não pode ser lido por fora da costura desses elementos e, portanto, as diferenças nas modalidades de trabalho são também paralelas a tipos de desigualdades, como podemos inferir no relato de experiência II

A Laurinha sempre está com brinquedos e a Rosa gosta muito de brincar com eles, mas desta vez eu tinha levado livros que peguei da biblioteca e também massinha. Eu faço isso porque me ajuda a interagir com as crianças. Soraya ficou olhando, mas não diz nada, mas eu senti o olhar de que esse detalhe não é muito comum. Suponho que as babás não andam levando coisas desse tipo, pois não lhe correspondem.

Em contraste ao uso de elementos adicionais não comuns para o contexto de trabalho, como no relato aparece, encontramos que as condições de moradia das babás internas são ainda mais complexas, pois o tempo que envolve as atividades dos cuidados se estende e varia muitas vezes em função das pessoas que moram no mesmo espaço doméstico. Geiza conta o que é referido muitas vezes na literatura acerca das consequências no grupo doméstico das mulheres migrantes trabalhadoras dos cuidados no contexto transnacional sobre o custo que traz para os outros membros da família:

eu só durmo na minha casa uma vez, uma noite... então quando a minha filha estava sofrendo para ter o filho, eu estava aqui trabalhando, é muito triste... Porque eu acho assim que uma mãe tem que estar presente. É isso daí, mas eu peço muita força para Deus porque eu sou trabalhadeira, eu sou honesta, eu sou fiel, eu sou de confiança, eu sou uma mulher e sou uma mãe. Mas o mais sofrido para mim é isso daí, que eu vou no sábado e volto no domingo. [...] eu sinto muita falta sim das minhas meninas e dos meus três netos [...] Aí um deles fala assim: ‘Vovó, demora muito para vir’. Só isso. .

A narrativa da Geiza se assemelha a muitas outras histórias das imigrantes nordestinas que trabalham nos cuidados na cidade do Rio de Janeiro. O conjunto de falas reunidas nesta categoria pretende articular os diferentes lugares e posições que as migrações e os trabalhos dos cuidados apresentam, deconstruindo imagens fixadas das trabalhadoras domésticas e suas relações.

4.1.2 *Tramas tecidas com cuidado*

Esta categoria surge da convergência das narrativas sobre atividades cotidianas para o cuidado e das relações e redes de apoio implicadas diante da presença de filhos/as e da experiências da maternidade. Entendemos que o trabalho doméstico não remunerado está ancorado em experiências históricas de reprodução social (TORNS, 2008) que, ao longo dos processos de modernização e urbanização, em contextos como o da América Latina, se transformaram através da sua monetização.

A distinção entre o trabalho remunerado e não remunerado veio como consequência da mudança nas relações e composição do trabalho nas sociedades capitalistas, nas quais os afazeres domésticos se transformaram em um tipo de serviço em troca de um salário, o qual representa a pouca valorização e reconhecimento social apesar de ser fundamental para manter as formas de produção capitalista. Os cuidados estão no centro das tarefas imprescindíveis que não são visibilizadas .

Considerando a definição; *tramas e redes tecidas com cuidado* diz respeito à gestão e execução do cotidiano (*tramas*) das manutenções materiais, físicas, simbólicas (*práticas dos cuidados*) e das alusões aos apoios (*redes*) recebidos por outras pessoas que conformam a condição migrante das mulheres entrevistadas. Inspirada na ideia de Michael de Certau (1999) sobre a articulação da organização da vida através dos registros “dos comportamentos e os benefícios simbólicos esperados”, ouvimos as mulheres relatarem situações, rotinas, acontecimentos que possibilitaram uma reflexão de como se manifestam os cuidados no cotidiano de suas trajetórias e experiências de vida. Indagamos também sobre como se evidencia a denúncia que a teoria e movimentos feministas diversos vêm colocando na pauta: apesar das mulheres continuarem entrando

nos diferentes cenários do mercado laboral, dos avanços em tecnologias e mecanismos de conciliação e, em geral, das transformações econômicas, sociais e políticas, elas continuam a ser o grupo populacional que gasta maior tempo nos afazeres domésticos (BILAC, 2014; IPEA, 2011; SORJ; FONTES; MACHADO 2007; TORNOS, 2008).

Em primeiro lugar, destacamos as narrativas que levantam a presença e disposição de homens na distribuição de tarefas e tempos dos cuidados. A Julia, dentista, mãe de três filhos, patroa da Geiza, relata como é a presença do pai:

Él los visita los lunes, todos los lunes por la tarde viene, hace 8, 9 años que nos separamos, él viene TODOS los lunes, los saluda, les habla, están ahí, bueno, les da su platica, les organiza y lo que sea, siempre es el apoyo del papá porque es importante. Y cada quince días los lleva para la casa de él (...) solamente de sábado para domingo. Él se los lleva, ahora cada vez es más difícil porque los niños tienen sus actividades entonces “este no puedo”, “este no puedo” y bueno, normal... Pero, en general la relación es muy buena con ellos (...). Yo sé que para ellos es muy importante tener que su papá y su mamá tienen una relación bien y menos traumático para ellos... porque aquí es muy difícil pues lejos de todo...

Considerando a idade dos filhos da Julia e a presença da trabalhadora doméstica interna, sua experiência revela aspectos diferenciais que poderíamos contrastar com outras maneiras em que existe a participação de homens. Por exemplo, na fala da Bruna, quando perguntada sobre a divisão dos tempos com seu companheiro, diz:

si antes si, trataba de dividirlo mejor, pero ahora está más comprometido con el trabajo. Tiene que mantener una familia, entonces tampoco le puedo pedir...no le puedo pedir, él está haciendo esa parte, estamos organizados así aunque ninguno de los dos quería. Fabio quería siempre ser ama de casa y yo trabajar, pero no se dio. El terminó primero la maestría, primero el doctorado. (...) También él gana más, así es él el que paga.

Outros elementos entram no cruzamento com a experiência da Paula, que desloca para uma outra perspectiva a leitura sobre as diferenças de gênero na divisão de tarefas dos cuidados. Paula narra:

*-Yo no cuido a Jorge, yo no tengo paciencia para cuidar a Jorge. Él [papá] tiene paciencia con Jorge, él puede durar dos, tres horas en el piso jugando con él, él puede estar dibujando todo el día con Jorge, yo no. (...), yo nunca me entiendo con Jorge, tu haz visto siempre, ¿no? Renato siempre lo baña, lo cuida...ahora me está tocando un poco más por las mañanas.
Pesquisadora: - ¿Y cómo te va?*

Paula: - Bien, bien, porque yo le conozco el ritmo, nosotros hacemos nuestros acuerdos, tanto tiempo en televisión. A veces llega [Jorge] y le dice: "papá, ya se va?" como quien dice ya se va para que me dejen ver televisión, -Pero es que Renato no lo deja ver televisión? -no, pero usted sabe lo que implica no dejar ver televisión a un niño? toca ponerle cuidado.

A partir dessa narrativa podemos questionar a naturalização do trabalho doméstico inerente ao feminino. As mulheres que não chefiam as tarefas domésticas sofrem os efeitos da divisão sexual do trabalho sendo julgadas socialmente. Como lembram Hirata e Kergoat (2007) essa categoria estabelece uma designação prioritária dos homens na esfera produtiva e a apropriação deles das funções de prestígio com maior valor social adicionado. Nesse sentido, o movimento e as intelectuais feministas têm apontado que a junção entre o capitalismo e o patriarcado se manifesta nesses casos em que se questiona “o estatuto de mulher” - que já é problemático pela hegemonia da mulher branca que o define - quando elas não correspondem às funções reprodutivas assumidas como sua extensão, entanto “produtoras biológicas que procriam, dão à luz, amamentam” (CAMPILLO, 2000, P. 103).

Compreendemos a partir da experiência da Paula, esses outros modos de distribuição e conciliação dos trabalhos dos cuidados, mas ressaltamos que eles continuam a recair com maior peso na família, portanto, as estratégias e formas de resolução e distribuição das atividades do cuidado são configuradas nos micro-contextos familiares e adaptadas às próprias condições dos membros, liberando as responsabilidades do Estado para a gestão no terreno político dos cuidados.

A partir do ponto de vista interseccional, a interdependência dos vetores de poder, revela um leque entre a chance do companheiro da Bruna ficar responsável pelas filhas, as estratégias adotadas pela Julia e seu ex-marido e da disposição e responsabilidade do Renato pelo cuidado do Jorge. Em conjunto, a convergência da localização social, está conectada com as posições de classe econômica e ocupações, a presença ou não de filhos e da composição da unidade familiar, da raça e da idade.

A aposta interseccional, de acordo com Magliano (2015), desafia o modelo hegemônico universal e propõe ferramentas para descrever mecanismos de produção e

reprodução de múltiplas desigualdades e formas de dominação²⁹. Assim, encontramos a respeito de gênero no contexto da migração, este “é sempre parte de um esquema em que a raça, a nacionalidade, a integração ocupacional e as posições de classe socioeconômicas se relacionam de modo particular” (Hondagneu-Sotelo apud Magliano, 2015, p. 700) e, portanto, esses pertencimentos “permitem identificar quem pratica o *care* e de que maneira” (TRONTO apud HIRATA, 2014, P. 66).

No levantamento do panorama da simultaneidade dos atributos sociais das três mulheres e a organização e divisão familiar do cuidado identificamos convergências nos níveis de escolarização delas sendo o mais baixo a pós-graduação (Julia) e o mais alto o pós-doutorado (Paula). Em termos ocupacionais, só duas estão inseridas formalmente no mercado de trabalho (Julia e Paula). Em relação às rendas familiares, Paula compartilha com o cônjuge os gastos, Julia sustenta sua casa, mas recebe contribuição econômica do pai para os gastos dos filhos. No caso da Bruna, ela se sustenta economicamente por meio da bolsa de estudos de doutorado e compartilha também os gastos com o companheiro.

Nestas três experiências apresentadas e nos cruzamentos mencionados, se confirmam que os marcadores sociais não definem de forma isolada uma posição na estrutura e hierarquia social.

De acordo com a literatura, “as mulheres dedicam, na média, seis vezes mais horas aos afazeres domésticos que os homens. Essa diferença decresce conforme aumenta o estrato de renda” (SORJ, 2013, p. 484). Tentando desconstruir essa premissa pela matriz da interseccionalidade descrita, podemos sugerir que Julia é a que melhor se encontra na posição de classe, pois ela conta com uma trabalhadora dos cuidados para a qual pode delegar essas responsabilidades. Isto gera uma diminuição significativa do tempo e das tarefas que realiza, porém, não suprime totalmente a desigualdade em relação ao mesmo investimento do pai nas atividades dos cuidados. Poder-se-ia estimar que a resposta está no fato deles não conviverem juntos e assim não há como esperar

²⁹Cabe mencionar que no levantamento sobre interseccionalidade e migrações realizado por Magliano (2015), a autora menciona que na América Latina este enfoque se desenvolveu a partir dos anos 80, mas o Brasil se destaca como precursor da abordagem antes da época, a partir do legado de Lelia González, Luiza Bairros. Agregamos os nomes da Sueli Carneiro, e Jurema Werneck (CURIEL, 2007).

equidade nesse sentido. Da teoria e movimento feminista entendemos que na raiz desse pressuposto, novamente encontramos a naturalização da mulher como mãe-cuidadora para isentar homens dos cuidados. No caso da Julia a responsabilidade é compartilhada entre a relação dos dois corpos femininos -Julia e a empregada -, sobretudo na segunda,

A aclamada hierarquia entre gêneros deve ser situada por meio de considerações acerca das vivências distintas para mulheres brancas e negras. A oposição simples de gênero invisibiliza o fato de que determinados aspectos da experiência cotidiana de trabalho doméstico e de cuidado são minimizados para mulheres brancas e de classes médias e altas, com base na possibilidade de transferir boa parte de suas responsabilidades com a reprodução social para a figura das empregadas domésticas. A divisão sexual do trabalho é mantida pela divisão racial do serviço doméstico e de cuidado. (ENGEL; PEREIRA, 2015, p. 18).

Nesta trama de relações do cuidado, se suma o fato da Geiza ser imigrante nordestina, que coincide com o perfil das trabalhadoras domésticas brasileiras.

Compreendemos que a resolução via contratação dos serviços domésticos, tem estrita relação com o fato de que no Brasil, como em muitos países da América Latina, ter empregada doméstica corresponde às camadas médias e altas (BRITTES; PICANÇO, 2014) predominantemente brancas. Portanto, a Julia, e a Isabel são as colaboradoras da pesquisa que correspondem a este perfil.

Por outro lado, identificamos que nos relatos da Bruna e da Julia se alude aos homens e a presença de fatores econômicos: o Fabio sustenta a casa porque é quem ganha e trabalha “mais” e nessa medida seu tempo está mais *comprometido*, e no caso da rotina com os filhos da Julia se identifica o espaço em que o pai compartilha com eles e lhes dá “*su platica*”³⁰. Isto se pode compreender pela histórica atribuição ao caráter produtivo dos trabalhos realizados pelos homens. Este signo de produção dentro da organização social se dá pela via masculina, que sabemos, não só tem maior prestígio e melhores salários, mas se beneficia diretamente da disposição e manutenção dos cuidados pelas mulheres nos espaços domésticos.

No arranjo familiar tradicional onde o homem ainda é a figura provedora e a mulher co-provedora, Brittes & Picanço (2014) também chamam a atenção sobre o fato de que na

³⁰Em português: “sua grana”

ausência da empregada, como é no caso da Bruna, as mulheres contam menos com seus cônjuges, acentuando-se a ajuda de outros membros da família. Neste ponto, a condição da migração reduz as possibilidades significativamente pela ausência, em muitos casos, das redes familiares extensas que atendem às necessidades de apoio ao cuidado. No convívio com outros migrantes, Bruna conta como se aplicava esta situação

nosotros cuando vivíamos en Santa teresa, cuando nació lara, ahí vivíamos con otra chica y como ella no tenía hijos como que no nos ayudaba, pero tampoco se dio cuenta. Es amiga, pero porque no sabe, cuando le toque le va a ver (...) después estaba Maria y José, ellos ayudaban como más, pero también como no tienen hijos, no van a decir déjamela una noche yo me quedo con ella. Pero nuestro amigos migrantes que no tienen hijos no... los que no tienen hijos no se dan cuenta, pero está bien, yo tampoco lo hacía.

Neste sentido, seu relato indica que a configuração de redes de apoio está mediada pela compreensão das dinâmicas familiares e de vida, e neste caso, da vida das mulheres - mães - migrantes, estabelecendo várias formas de participação e distribuição da gestão do cotidiano com as pessoas ao seu redor. Segundo o referido pela Bruna, embora haja convívio, a demanda pode continuar sendo invisível diante dos próprios membros da rede. Isto pode pressupor que a compreensão sobre o apoio e as necessidades de dividir os trabalhos dos cuidados no cotidiano se encontra atrelada à questões que perpassam os corpos e localizações subjetivas das pessoas, da visibilidade social e da sua politização dentro das sociedades.

Queremos apontar em relação ao conceito de redes que as definições mais clássicas as situam como estruturas envolvidas com o processo migratório sem fazer referência a funções além dele. Por exemplo, Massey et al. (2008 p. 458) define que estas se compõem de “laços interpessoais que conectam migrantes, migrantes anteriores e não os não-migrantes nas áreas de origem e destino, através de relações de parentesco, amizade o de pertencimento à mesma comunidade” e, por sua vez, Pedone (2010) distingue entre *rede* e *cadeia*, sendo que as primeiras são as estruturas transnacionais e as segundas se configuram no grupo doméstico pelo qual há transferência de informação e suporte material para decidir ou concretizar a viagem dos potenciais migrantes.

O estudo da Juliana Nazareth (2010) se interessou por indagar trajetórias de mulheres migrantes nordestinas no Rio de Janeiro, utilizando a ferramenta do videofeedback e entrevistas semiestruturais, grupais e individuais. Na sua pesquisa dentro da temática de gênero, migração e redes, evidenciou a importância da “rede de conterrâneos” nas trajetórias das migrantes, enquanto essas redes “possibilitam processos de reconhecimento social, com significativos ganhos de autonomia e autoconfiança para as mulheres, ressignificação de relações tradicionais e de alguns dos papéis estereotipados de gênero, apesar de todas as suas permanências” (NAZARETH, 2010, p.7).

Como identificamos em várias narrativas, as redes estão além do serviço de apoio para o trânsito na migração. Na nossa perspectiva, elas são uma forma de organização que no caso das mulheres imigrantes, se estabelecem para a subsistência e criação do tecido social, entendendo que, através delas, se constroem vínculos que cumprem funções de apoio, solidariedade e intercâmbio material e simbólico na vida das pessoas. Elas estão presentes na construção de meios de vida, de espaços cotidianos, de criação de comunidade e participação cidadã e também na participação dos cuidados. Por exemplo, Isabel também relata como estabeleceu uma rede na Bélgica:

yo en Bélgica había conseguido integrarme muy bien, de todo el grupo de argentinos yo era la que estaba más integrada con belgas, el hijo mío me ayudó mucho a integrarme. Yo empecé a hacer un rodizio entre las mujeres belgas para que buscaran a los chicos en la escuela, yo era alguien que por tener un hijo estaba más integrada que los otros.

De certa forma, a experiência da maternidade das migrantes gera uma possibilidade para o estabelecimento dessas redes de cuidados e ao mesmo tempo se identifica como uma abertura para o reconhecimento e participação do contexto novo, como expõe Isabel. Compreendendo sua narrativa, a maternidade foi o caminho através do qual a experiência migratória se torna mais coletiva, ou simplesmente coletivizada

Ao longo das entrevistas com as mulheres migrantes, identificamos diversos processos que se atravessam nas trajetórias de vida imprimindo uma variabilidade na configuração da organização familiar dos cuidados. Observando o relato da Isabel, o

compartilhamento das atividades cotidianas para a manutenção física, material e simbólica do primeiro filho, foi uma experiência agradável em comparação com os outros processos enfrentados com os outros filhos, principalmente em Florianópolis. Segundo a entrevistada, houve muita dor e solidão quando se estabeleceram em Florianópolis apesar dela ter ocupado o primeiro lugar no concurso como professora da Universidade Federal e de ter melhores condições de moradia como relata:

Sábado y domingo era un horror para mí porque no se sabía qué hacer. Él no entendía porque él se crió solo, era el temporero, no entendía el dolor que yo sentía de no tener con quien compartirlos a ellos, yo precisaba compartirlos a ellos

Dita necessidade que parece não era compreendida pelo companheiro, atravessa não só as questões discutidas sobre o tempo das atividades domésticas e a sobrecarga nas mulheres, mas também a vivência da migração, a história que fica desse momento a partir do cuidado que as mulheres imigrantes também requerem receber.

Finalmente identificamos a presença de práticas interculturais que atravessam as atividades dos cuidados nas mulheres imigrantes.

Ressaltamos a experiência da pesquisadora ao reconhecer que compartilhar a língua ou outras práticas culturais com outras pessoas migrantes levaram-na a se envolver com o trabalho de babá. No relato de experiência, diz:

La comunicación era en español y eso me facilitó mucho para ganarme su confianza. Yo no sabía canciones ni juegos infantiles en portugués, así que se me hizo más sencillo todo.

De certa forma, pela construção da sua rede de apoio na chegada ao Rio para realizar seus estudos se vinculou ao trabalho como babá de crianças filhos de imigrantes, alguns também sul-americanos, outros não. Ao compartilhar a mesma língua, abriam-se outras possibilidades da circulação e afetos, que ocorre, segundo o observado por Gutierrez-Rodriguez (2013) quando introduz o conceito de *afeição* de Spinoza, e também os afetos se inserem no papel das trabalhadoras dos cuidados como transmissoras de conhecimentos, segundo Brittes (2007, p. 99), as crianças

Dialogam com as empregadas, ouvem suas histórias, escutam a mesma música no radinho de pilha da cozinha, perguntam muitas coisas. Nessa intimidade cotidiana, as empregadas podem assumir conscientemente o papel de transmissoras de conhecimentos.

No encontro com a Carmen encontramos uma situação significativa nesse sentido, percebida a partir do seguinte diálogo:

Carmen: -la mamá cuando yo estoy se desliga totalmente del hijo, así diga "mamá, mamá" con ella no, es: "ahí está Carmen" dice. Ella tiene un escritorio dentro de casa, cuando no está en la oficina ella dentro de casa trabaja, entonces no quiere que la molesten.

Pesquisadora: - ¿Vos que pensás de eso, harías lo mismo?

Carmen: - no yo tengo mamiitis... (hace un gesto con su cuerpo, como de abrazo) no, no, no, con un hijo propio no, pero el bebé te gana, es una belleza, te compra, lo tengo desde chiquitico.

[Me muestra una foto del bebé con un "aguayo" y un muñeco]

Carmen procura no celular uma foto do bebê que cuida, nela aparece o menino de 4 anos, olhos e pele clara com um boneco de plástico atravessado nas costas por um pano que cobre o boneco menos a cabeça, amarrado na parte frontal do menino. O "aguayo" é um tecido tradicional andino utilizado no altiplano do Peru e Bolívia, tecido manualmente com símbolos que variam de acordo com cada comunidade³¹.

Entendemos que a relação da prática intercultural na circulação de conhecimentos entre cuidadoras e as crianças, é um aspecto importante que pouco tem se abordado nos estudos sobre os trabalhos dos cuidados e as migrações. No trabalho de Brittes (2007) ela observou como ocorre essa transmissão de conhecimentos, e como a *fofoca* faz parte do espaço cotidiano da troca de saberes por parte das domésticas. No documentário de Consuelo Lins, também aparece a questão das domésticas nordestinas "Joaquim se diverte ensaiando os primeiros passos de uma dança que talvez eu não ensinasse" (minuto 7'18) as imagens de um menino loiro dançando e a babá sentada no chão lhe observa, o som parece ser de uma música do gênero *axé*. Chama atenção que mesmo esses estudos se desenvolvendo dentro do território brasileiro fica evidente que os elementos culturais com os quais está se problematizando os aprendizados das crianças

³¹<http://www.ciaindumentaria.com.ar/plataforma/origen-del-aguayo-tejido-tradicional-andino/>

por meio das trabalhadoras dos cuidados, não parecem estar referenciados como trocas culturais produzidas pela migração de mulheres nos contextos do trabalho doméstico.

Pensamos a experiência do cuidado que relata Carmen a partir do desenvolvimento da perspectiva da interculturalidade crítica de Catherine Walsh (2012). Segundo ela, a perspectiva da interculturalidade crítica parte do pressuposto de que a diferença se constrói dentro da estrutura colonial do poder e a classificação racial, e que é um tipo de “estratégia, ação e processo permanente de relação e negociação entre, condições de respeito, legitimidade, simetria, equidade e igualdade” (p.92, *tradução nossa*). Nessa mesma linha, de acordo com Elhajji (2014, p.150), “dominar os códigos e gramáticas culturais em circulação pode se revelar uma vantagem inestimável, não apenas nas negociações a caráter material, mas também no processo contínuo de luta pelo poder simbólico” .

Da mesma forma como Carmen coloca o *aguayo* no menino, também relata que o patrão gosta de comida peruana e, portanto, ela prepara para toda a família *ceviche* e *lombo saltado*, por fora das suas responsabilidades como babá. Com estes elementos, nos permitimos refletir que sobre o encontro que no contexto dos cuidados, seja aquele com as trabalhadoras (domésticas, babás) ou no interior dos espaços domésticos entre mulheres e homens e crianças imigrantes, surge das práticas culturais e sociais como formas de enriquecer os modos de viver no mundo, questionando os modelos hegemônicos/coloniais em que só se valorizam determinadas línguas, músicas, formas de vestir, etc.

Finalmente consideramos uma porta que fica aberta para compreender as dinâmicas que se produzem dentro do contexto da migração e dos cuidados, a quais deverão ser aprofundadas. Talvez desta forma, possamos entender uma nova dimensão: a interculturalidade nos cuidados, visando a própria descolonização epistêmica dentro dos estudos do *care*.

Em conclusão, desta categoria surge um tecido com diferentes debruçamentos das práticas cotidianas dos cuidados. Até aqui podemos ressaltar que a variabilidade entre pessoas, tempos e atividades envolvendo os cuidados no cotidiano se encontra atravessada por diferentes eixos dos marcadores sociais de gênero, classe e raça. Por outro lado, que a migração altera as formas em que se descrevem certos processos

dentro das migrações e os cuidados, posto que desafia não só o papel do estado no imaginário de sujeito nacional, mas a contraposição de estratégias que dizem respeito à manutenção e gestão do cotidiano, trazendo os elementos do acontecer intercultural entre imigrantes e o contexto das redes configuradas que atuam sobre dinâmicas heterogêneas.

4.1.3 Vivências imigrando

De acordo com Sayad (1998) o imigrante “nasce” para a sociedade que assim o designa no momento em que entra no território ou atravessa sua fronteira nacional, é nesse momento que ele existe. Diante de sua existência estrangeira, a sociedade cria ao imigrante a *ilusão* de que sua presença é *provisória*, de que sua justificativa é reduzida pelo *trabalho* e que o imigrante guarda *neutralidade política*. Desta forma, aparece um chamado implícito de diluir essas ilusões, desestabilizando a lógica na qual “só se conhece o que se tem interesse de conhecer, entende-se apenas o que se precisa entender” (SAYAD, 1998, p. 16).

No intuito de desconstruir perfis e imagens fixadas que as *ilusões* edificam sobre os/as sujeitos imigrantes, as narrativas das *vivências imigrando* se colocam no lugar da proximidade com o cotidiano das mulheres participantes. Nesta categoria reunimos relatos sobre os motivos para emigrar ou das situações pelas quais se precisou “ficar”, para identificar diferentes lugares de enunciação sobre a migração para o Rio de Janeiro.

Para a classificação dos relatos referimo-nos ao percurso da emigração que se inicia pelo desejo de emigrar e termina com a vontade de voltar após ficar por anos. Nesse intermédio aparecem as vivências das imigrantes que vêm por motivos acadêmicos e aí se incluem as relações das conjunturas sociais e políticas dos países latino-americanos. Quando não revelada na forma do desejo de emigrar, a experiência migratória se concretiza com a experiência do recém-chegado, quando se encontra - a si mesmo - diante da novidade e da surpresa. Fernanda, relata com emoção aquele momento quando chegou no Rio de Janeiro:

yo trabajo con joyas, ya había venido otras veces a Brasil a trabajar, ese año que vine, vine con mi hermano a Paraty y Trinidad, fuimos y trabajamos en temporada y yo le dije a mi hermano que quería venirme para acá; y vine para

acá sola, con la mochilita, sola, en ese plan de aventura, después cuando vine y vi lo que era la ciudad me enloquecí, dije no me vuelvo más, eso fue hace 14 años atrás [...]

A cidade do Rio referenciada como ponto turístico, é atrativa para Fernanda pelas opções no seu trabalho como artesã. Ademais, se percebe uma sensação de realização em torno ao *desejo de ficar* em determinado lugar do qual se tem alguma referência. Na pesquisa sobre universitários da África Lusófona no Brasil, Subuhana (2009) faz referência a esta impressão dos estudantes sobre a cidade do Rio de Janeiro, aos quais chama atenção as paisagens e a praia. Esses estudantes descrevem o chamativo da cidade, mas ainda mais relevante, quando têm que se deparar com as manifestações racistas nos diferentes espaços.

Dado o lugar de imigrante partilhado pela investigadora, há uma identificação nessa sensação com a novidade do lugar de destino, que ocorre como um efeito de surpresa e enche de expectativas de forma imediata. Por outro lado, também podemos interpretar um caminho diferente ao confiança da Fernanda, com a narrativa da Bruna quando evoca a aparente ilusão prevista ao deslocamento físico:

Pensé que iba despertarme a las seis de la mañana, iba a salir a andar en vestido blanco por la playa, respirar aire puro ni sabía que era Rio de Janeiro, para mí era una playita, No sabía que era la UFRJ, veía que era en una isla y para mí era ¡wow, queda en una isla! lo veía por el satélite y se veía feo y yo decía no puede ser.

Em ambas as situações, entrelaçamos elementos da dimensão subjetiva que se envolvem no *itinerário pessoal do imigrante*. De forma complementar à premissa de Sayad (1998, p. 15) definindo que a “imigração é, em primeiro lugar, um deslocamento de pessoas no espaço, e antes de mais nada no espaço físico”, a imagem ou ilusão construída pela Bruna faz parte do processo da migração quando é voluntária. Por enquanto, estabelecer uma interpretação destes relatos pode nos levar a conhecer a trajetória do emigrante, antes de entrar no território que irá transformá-lo e que sua presença irá confrontar a ideia da nação (SAYAD, 1998).

Outro aspecto a que nos remete Bruna consiste na mobilidade de estudantes para o Rio de Janeiro. Pelos dados obtidos da Polícia Federal, sabemos que na área metropolitana do Rio de Janeiro foram emitidos 1966 vistos de estudante em 2017, dos quais 913 para mulheres.

O estabelecimento de acordos bilaterais ou multilaterais tem favorecido consideravelmente a mobilidade estudantil nos últimos anos, principalmente de pessoas provenientes de países africanos e da região sul-americana. Dados indicam que o segundo grupo é o mais representativo dentro dos estudantes estrangeiros em geral, sendo as universidades do sudeste brasileiro as que têm maior concentração desta população (DESIDÉRIO, 2006; OJIMA et al, 2014). Também podemos estimar que a presença de migrantes nas universidades aumente com a presença do visto de livre circulação do MERCOSUL que permite às pessoas dos países membros, o direito de estudar e trabalhar. As informações obtidas dizem respeito à emissão de 8.288 vistos entre temporários e permanentes proferidos principalmente aos seguintes países em ordem ascendente (seleção dos países que superam as mil solicitações): Argentina (3.453), Colômbia (1.662), Peru (1.778).

Voltando às narrativas, Paula descreve na sua trajetória de emigração como ocorreu a possibilidade de realizar estudos acadêmicos evocando as expectativas de enfrentar um contexto desconhecido que superou para conseguir os objetivos projetados:

yo no conocía absolutamente a nadie, ningún amigo, nadie (...) yo me gradué y a los ocho días me vine (...) yo venía con mucho miedo de no pasar (...) cuando llegué me encerré como un mes para estudiar, sin parar, quedé en séptimo lugar y cogí la última beca

Concordamos com Daniel (2013), na sua pesquisa sobre migração peruana no Rio de Janeiro, que estudar fora do país envolve não só a possibilidade de adquirir níveis superiores de escolaridade como de se distinguir no mercado de trabalho, portanto, os esforços e investimentos estão pensados como uma consequência do processo migratório. Nessa mesma linha, identificamos no relato da Aline, as dificuldades pelas quais os estudantes terminam emigrando para realizar os estudos no exterior,

Estuve en Colombia intentando estudiar, hacer una especialización, porque mi esposo también es médico y es especialista. Y obviamente allá, el médico general no gana nada, pero el especialista gana muchísimo. Entonces, yo siempre conté con el apoyo de él y él me dijo estudia siempre, pero en Colombia, en la parte de medicina, son muy poquitas las vagas y las que tienen, normalmente se las dan a los hijos de los políticos y debajo de cuentas pasan un plata. En mi familia, yo soy la única médica, no somos ningunos políticos y mi marido tampoco, porque él hizo la especialización aquí en Brasil. Estuvimos intentando el contacto para pagar la vaga allá y nos pidieron 80 millones de pesos, 120 millones de pesos. Sumado a eso, nada más el cupo, el cupo me lo daban en dos años. Entonces y o tenía que pagar una plata alguien por “debajo de cuerda” sin yo saber a quién era, que mucha gente perdió, y que podía comenzar a estudiar dos años después.

Considerando esta narrativa, é relevante contextualizar as conjunturas políticas e econômicas que sofreram os países latino-americanos nos anos 90 e como as migrações se produzem a partir da implementação de políticas neoliberais de privatização dos setores da saúde, a educação, etc.. No caso colombiano, Revollo Pardo (2015, p.67) refere que com a nova constituição colombiana de 1991 houve uma reorganização econômica e política entre o Estado e o setor privado, gerando a descentralização estatal e privatização dos serviços públicos, esse “ajuste político abriu espaço às demandas neoliberais que garantiram a privatização da saúde, a educação” Os efeitos dessas medidas se refletem no acesso aos cursos de educação superior nas universidades públicas colombianas, por exemplo, como indica Facundo (2016, p. 318), universidades como a Universidade Nacional de Colômbia ainda que seja pública e receba financiamento do governo central, os cursos são pagos: “o preço das mensalidades de cada estudante é estabelecido através de uma fórmula que leva em conta a renda familiar. Nos casos de famílias com baixa renda, a universidade pública costuma ser a única opção de fazer estudos superiores devido aos altíssimos preços semestrais nas universidades privadas”.

Continuando a trajetória da Aline, encontramos outro aspecto importante relacionado com as questões do trabalho dos cuidados.

Encontré un colegio para ella (la hija), eso fue un trauma para mí, un trauma cultural impresionante, porque yo llego en febrero, y veo a todas las profesoras en chancletas³², en bermudas, con camisa sin mangas³³ y yo, ¿qué es esto? cuando mi hija estudiaba en el mejor colegio de Santa Marta [cidade da região caribe da Colômbia], bilingüe. Y llego yo acá y me dicen "no esto es una 'creche'" no tenía ni idea que es una 'creche'. Las profesoras super buena gente y llego yo al colegio y veo "es una casa" ...yo me puse a llorar, porque me traje a mi hija, mi mamá me decía "calma, tú le estás dando un segundo idioma", las cosas buenas que tú no puedes ver en ese momento.

Com esta experiência, podemos ressaltar que o *choque cultural* da Aline, remete aos desajustes que enfrentam os e as imigrantes no novo contexto, imbrincados aos

³² Chinelos

³³ Regatas

pertencimentos culturais e às posições socioeconômicas e raciais, essas bagagens que decolam também na migração e se abrem para uma nova lógica onde as posições econômicas e as identidades culturais mudam.

Compreendendo a relação entre interseccionalidade e migração, pode-se pensar que a posição econômica e social das imigrantes, se desconfigura e reconfigura no processo migratório. Nesse sentido, é possível passar de um espaço onde símbolos de classe fazem parte da vida das pessoas, por exemplo, a escola bilíngue, a forma como se apresentam as professoras dentro do contexto, e o deslocar-se mobiliza esses símbolos e seus significados inseridos em uma malha social e cultural diferente, a qual não é entendida. Lembrando o relato do primeiro capítulo sobre as perspectivas dos estudos das migrações, vemos aqui a ideia do “café no copo da geleia”, indicando a surpresa da Fernanda (cujo apelido é *cabra suelta*), acostumada como muitos de nós - imigrantes- a tomar café na xícara; tentando traduzir a narrativa da Aline, ela questiona, “como assim de chinelos e regata? ”, quando sua própria referência é também de “praia, costa”, ou seja, não é um ambiente alheio a seu contexto de origem.

Retomando a relação entre migração e motivações para realizar estudos no Brasil, os relatos da Júlia e da Isabel, nos localizam frente à dimensão sócio-política:

Vine a acompañar a mi marido que es médico y venía a hacer cirugía plástica. (...) sólo que cuando comenzó fue en la peor época de Colombia, cuando estaba en la peor época de violencia y ahí resolvimos... También la familia de él tuvo problemas allá...De seguridad, y ahí resolvimos dar un tiempo aquí, en eso nació el primer hijo, ya él tiene 19 años... o sea que ya... Y después en seguida llegó el otro hijo que fue así. (JULIA).

Yo en 1970 me fui a Bélgica porque mi marido había recibido una beca para estudiar en Lovaina en 1970. Y me fui por poquito tiempo, porque yo quería conocer el mundo. ¿Pero qué paso? que después me fui quedando más. Después en el 74, nos devolvimos a la Argentina, porque acabó la beca de mi marido y qué pasó, que vino el golpe militar. Era 1976. En el 76, y volvimos en un barco, todos huyendo de Argentina, llegamos todos a Barcelona... Yo como mujer inmigrante fue quizás el momento más sufrido. Porque la primera en el 70 fue tipo aventura, tipo contenta y la segunda vez me fui así un poco: " qué hago?" (ISABEL)

Julia e Isabel nos relatam como a realidade sócio-política mudou o curso dos seus projetos. Isto se relaciona com as fases de violência repressiva durante os golpes militares dos anos 60 e 80 no território latino-americano, época em que houve números

significativos de exílios e migrações forçadas convertidas em práticas políticas institucionais (RONIGER, 2010) e que também geraram instabilidade econômica produzindo também a emigração dentro e fora do continente (CERRUT; PARRADO, 2015).

Em termos das conjunturas políticas da Argentina e da Colômbia, podemos mencionar que a configuração política colombiana diante do cenário da época teve uma resolução diferente, nomeada por Sanín (2014) citado conforme Reina (2015) de “anomalia colombiana” onde democracia e repressão têm co-existido incomodamente. Os fatores que desencadearam a época da violência dos anos 50 até o recrudescimento com os grupos guerrilheiros e paramilitares dos anos noventa geraram um processo de deslocamento forçado interno, e em menor medida de emigração para países vizinhos. Nesse sentido, outros países submetidos a regimes militares ditatoriais como os sofridos pelos do bloco do cone sul tiveram fluxos de imigração e emigração mais específicos e destacados.

Até este ponto, podemos dizer que as realidades sócio-políticas dos países de origem, atravessaram as trajetórias migratórias da Julia e da Isabel e nessa medida implicou à primeira, permanecer no Brasil e, à segunda, emigrar novamente. No entanto, os relatos indicam que também o nascimento dos filhos reconfigurou os itinerários de migração. Vemos que em ambos os casos, a situação política dos países de origem e a organização familiar fez com que elas não só decidissem não-voltar, como também buscar outras configurações cotidianas à procura de *ajuda* para os cuidados dos filhos e dos afazeres domésticos.

Por fim, levantamos duas inquietudes: por um lado, parece que a história política de violência dos países latino-americanos se desconstrói quando olhamos sobre os fluxos mais recentes onde se outorga maior importância aos imigrantes tanto trabalhadores e trabalhadoras na sociedade de destino.

Algumas narrativas das mulheres migrantes também nos levam a questionar se, a sociedade que “inventa” o imigrante, preserva o estatuto de *estudante estrangeiro* para favorecer a *ilusão* da permanência *provisória*?

Por último, a categoria *vivências imigrando* articulou falas das mulheres imigrantes com as quais discorreremos sobre os desejos antes, na emigração, e depois, na imigração,

sobre as circunstâncias do processo migratório ancorado em condições políticas e sociais, não só econômicas, que se atravessam direta ou ineditamente nas trajetórias das mulheres migrantes.

Encontramos que as condições históricas dos países latino-americanos, diante do que lhes foi imposto, o projeto de *desenvolvimento* esteve acompanhado de aumento das desigualdades sociais e reestruturação das obrigações do Estado e, portanto houve uma maior restrição dos direitos à saúde e educação potencializando os motivos pessoais de melhorar as condições de vida e empreender o projeto de emigração.

Nesta categoria não estabelecemos o recorte direto sobre a presença dos trabalhos e atividades dos cuidados, e damos ênfase para esses outros aspectos. Nem por isso desconsideramos que as características das migrações intra-regionais deixem de ter uma parte na estrutura da organização social e familiar dos cuidados. Poderão ser discutidas as questões dos cuidados em determinados momentos das outras categorias construídas.

4.1.4. Você [Não] Parece Brasileira

Consideramos que a negação/afirmação de uma “identidade” entra em jogo em diferentes cenários narrados pelas mulheres migrantes que colaboraram na pesquisa. Para esta discussão, trazemos a expressão “*você virou brasileira/a*” ou “*já parece brasileira/o*”, que muitos de nós, imigrantes, temos escutado como uma forma de elogio ou de reconhecimento da *brasilidade* presente em nós. Segundo aponta Sovik (2009, p. 34) “No Brasil, o afeto é uma metáfora para a unidade nacional, para a maneira brasileira de lidar com a diferença interna”.

Ponderando sobre tal questão, nos interessamos por pensar o que está por trás dessa expressão, ou seja, o que se interpreta da estrangeiridade visível ou camuflada para o *outro*, a partir dos signos e marcas culturais, étnico-raciais e econômicas em intersecção. A confirmação de *parecer* ou *não parecer* se ativa por meio deste dispositivo/metáfora nomeado: “você [não] parece brasileira”, e que por meio dele refletimos sobre ser estrangeiro no Brasil e como opera dentro ou por fora as questões relativas ao trabalho e práticas dos cuidados.

Pudemos nos guiar pela abordagem de Benedict Anderson (1993) na sua análise sobre a comunidade nacional; pela categoria de Identidades culturais de HALL (2004) e; pela perspectiva de Grosfoguel (2007) sugerindo que o conceito de *nação* e a dupla consequência do racismo cultural são centrais para entender a cidadania, a identidade e os modos sociopolíticos de incorporação dos emigrantes.

Para analisar estas questões retomaremos principalmente as narrativas da Carmen (babá, peruana) e da Bianca (dançarina, afro-colombiana).

Quando indagamos por sua experiência morando no Rio de Janeiro, Carmen diz:

Acá en Río si no hablo paso por brasilera. Entonces yo no he sentido una discriminación así, cuando hablo me dicen “ha eres gringa” (risas), pero piensan que soy brasilera (...) Normalmente en la calle, trato de hablar lo menos posible, me da miedo la delincuencia, trato de hablar lo menos posible

Ao tempo em que interpreta dos outros que é vista como brasileira se-não-falar, ela condiciona seu comportamento nos espaços públicos a essa imagem exterior *emudecendo* para se proteger. Esse “não falar” representa a forma de evitar os riscos que vão além de ser identificada como diferente, eles são de segurança física também.

Se retomamos a proposta de Anibal Quijano (2007, p.115) sobre a classificação social, ele refere:

Desde a inserção da América no capitalismo mundial/moderno, as pessoas se classificam e são classificadas de acordo com três linhas diferentes, mas articuladas em uma estrutura global comum, pela colonialidade do poder: trabalho, gênero e raça [...] e ao redor destes eixos centrais: o controle da produção de recursos de sobrevivência social e o controle da reprodução biológica da espécie³⁴ (*tradução nossa*)

Percebemos que, se o idioma não é um fator determinante na estrutura da hierarquia social, como poderíamos, então, entender a produção subjetiva dessa ameaça expressa pela Carmen? Identificamos que nas identidades geoculturais da colonialidade, que acordo com Quijano (2007), formaram as categorias: “brancos”, “mestiços”, “índios”,

³⁴ Desde la inserción de América en el capitalismo mundial moderno / colonial, las gentes se clasifican y son clasificadas según tres líneas diferentes, pero articuladas en una estructura global común por la colonialidad del poder: trabajo, género y raza. La edad no llega a ser insertada de modo equivalente en las relaciones sociales de poder, pero sí en determinados ámbitos del poder. Y en torno de dos ejes centrales: el control de la producción de recursos de sobrevivencia social y el control de la reproducción biológica de la especie.

“negros” e outros, incorporando os pertencimentos culturais que Hall (2004, p.50) inscreve nas identidades nacionais (linguísticas, religiosas, etc.). A narrativa da Carmen indica esse caráter em que a “cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” .

Por outro lado, contrastamos o discurso que se organiza *sobre ela*, quando Carmen conta que a menina da família com a qual ela trabalha fez um desenho na escola e mostrou para ela:

en el colegio hicieron un dibujo a la familia, dibujó a papá, mamá, su hermano, el bebe y yo, a mi me pintó marron-marron, y me hizo los cachos así (risas).

No desenho feito pela menina (de nacionalidade espanhola), aparecem os três eixos de Quijano (2007) que determinam a classificação social (gênero, trabalho, raça): mulher-trabalhadora dos cuidados - imigrante-parda. O desenho como tal, nos parece uma notícia sobre essa identidade geocultural dentro da colonialidade, que é uma identidade para a qual converge a intersecção da estrutura da classificação social.

Estes relatos também levantam a questão apontada por Grosfoguel (2007,p.11) em relação às migrações coloniais “a forma particular em que os ‘discursos racistas’ se desenvolvem em cada metrópole, dependem das diferentes formações nacionais e experiências coloniais (tradução nossa) ” .

Para Hasenbalg apud Schucman (2010) por meio do mito da democracia racial:

Num certo sentido a sociedade brasileira criou o melhor dos dois mundos. Ao mesmo tempo que mantém a estrutura de privilégio branco e a subordinação não branca, evita a constituição da raça como princípio de identidade coletiva e ação política. A eficácia da ideologia racial dominante manifesta-se na ausência de conflito racial aberto e na desmobilização política dos negros, fazendo com que os componentes racistas do sistema permaneçam incontestados, sem necessidade de recorrer a um alto grau de coerção. (. 45)

Considerando que o mito da democracia racial encontra-se no escopo da construção nacional, o fato da Carmen “passar por brasileira” segundo o que ouve das pessoas, devido a suas características físicas: dando testemunho de cumprir com

(alguma) ideia de sujeito nacional; imagem criada a partir das políticas eugênicas da migração europeia como estratégia de povoamento do território brasileiro, que se estabeleceram e reproduzem até hoje um sistema com suas tecnologias de branqueamento da população.

Nesse sentido, sabemos que ‘a civilização europeia é uma espécie de ‘modelo identitário das elites nacionais’” (SODRÉ apud SOVIK, 2009, p. 18), e que a mestiçagem também oculta o privilégio branco, sendo a mídia o mecanismo mais efetivo, não exclusivo, para reproduzir esse modelo.

Outro dado que se desencadeia deste curto relato, trata do pressuposto de que, se ela “passa por brasileira” indica que não tem incorporado estratégias indetentárias para disputar o reconhecimento da localização como imigrante andina (por exemplo usando roupas, acessórios ou formas de levar o cabelo).

Identificamos também que Carmen usa a expressão “*gringa*”. Por sua vez, Bianca, também faz referência a esta forma comum de chamar ao estrangeiro no Brasil, para ela isto traz um sentimento de desconforto:

A mí el término gringa me duele, por lo que para los colombianos por lo menos significa, o para el resto de Latinoamérica. Cada vez me doy cuenta que los únicos que a todos los extranjeros le llaman gringos son los brasileiros (...) gringo es una cosa que me deja unas características que yo no soy.

Os processos históricos e políticos da América Latina nos anos 60 até os 90, mencionados se relacionam com a referência da Bianca. A estrutura dos regimes repressivos, esteve comandada pelos órgãos norte-americanos. Bianca resgata o fato de que ao ser chamado de *gringa* se impõe uma representação política com a qual não se identifica, ou seja, o problema vai além de gringa não corresponder a sua nacionalidade. Quando perguntada como era sua vida no Rio de Janeiro, como mulher negra, migrante, colombiana, levando em conta que já tinha morado em outros países, ela responde:

Yo como negra, a mí la gente cuando me ve por la calle me ve brasilera, total. yo abro la boca, y ya, la pared. Antes de que abra la boca siento que hay una complicidad en la mirada, en la energía y cuando yo abro la boca, cambia el gesto, cambia todo, soy una extranjera y me lo hacen sentir y me lo dejan re-claro [...] Vuelve otra vez esa cosa de que ‘como no hablas mi idioma’ y es que yo lo hablo, ‘pero como no lo pronuncias como tiene que ser’ o no sé qué es lo que

pasa, 'como culturalmente no nos vas a entender', no sé...hay un cierre, digamos que es como una pared transparente, que puedes ver a la otra, pero existe una pared...eso me pasa con las mujeres afro, eso no me pasa con las mujeres mayores. De eso si me he dado cuenta. (BIANCA)

Da mesma forma que Carmen Bianca também faz alusão a elementos da narrativa que associamos ao dispositivo/metáfora “você [nãø] parece brasileira”. Seguindo sua fala , primeiro a enxergam preta então ela é brasileira. Mas complementa,

mi papá es negro y mi mamá es blanca, y yo siempre viví con mi mamá y con la familia de mi mamá. Entonces, yo soy negra porque el otro me hace sentir negra. Pero yo no me siento negra, pero yo me siento un ser humano, pero yo no me siento negra. Y culturalmente, yo no soy negra porque yo crecí en una familia paísa de blancos entonces yo tengo cosas culturales de ellos que ha medida de mi vida, me he dado cuenta que ese tema cultural es una cosa que solo va hasta aquí, porque hay una cantidad de cosas que no representan el tema dentro del tema cultural que están dentro de mi y ahí viene como toda una búsqueda de la identidad afro, porque es muy extraño, porque es el otro, mi papá es chocoano, yo voy a chocó y yo soy blanca en Chocó, y a mí me dicen blanca en Chocó. Entonces es una cosa que me descoloca total, entonces es como ¿dónde putas estoy yo?, si allá soy negra y aquí soy blanca y entonces qué?

O ponto central de Stuart Hall (2006) acerca das identidades descentradas, é que as identidades hoje em dia se compreendem pelos pertencimentos culturais, religiosos, raciais, etc., e não mais como entidades. A identidade são posições, de acordo com o autor. O deslocamento subjetivo, vivenciado com uma carga afetiva gera um questionamento “onde estou eu, se lá sou negra, e aqui sou branca” significa “onde está minha identidade? ” Esta experiência se confronta novamente no contexto migratório, o qual produz: por um lado, *Bianca parece brasileira* porque é *negra* versus *Bianca* não parece *brasileira* quando *fala*; e por outro, o resultado que ela outorga a este ponto se traduz na presença de uma *parede transparente*.

entiendo que el carioca o la persona de aquí no es abierta, o la persona de aquí pasa un tiempo muy grande para que tu sientas que hay algo más, yo no tengo amigos de acá.

O sotaque se apresenta como signo que se acende quando a condição de imigrante passa pelo escâner da comunidade, mas ele revela só uma parte da identidade geocultural, uma parte de um discurso maior e mais complexo.

As intersecções de classe e raça configuram condições de imigração diferentes para a Bianca e a Carmen, dentro do mesmo contexto brasileiro e local. A produção do discurso sobre cada uma, deve ser entendida a partir do conhecimento das relações raciais organizadas no sistema de colonialidade do poder, que neste caso estabelece o racismo estrutural brasileiro para a perpetuação da hierarquia social, econômica e política da sociedade. Sobre a experiência de racismo Bianca alega que apesar das chances de diferenciação, o racismo ocorre :

así yo vaya bien vestida [y] hablando en español

Por outro lado, a interseccionalidade também se encontra nas diferenças econômicas e ocupacionais, já que a exclusão e discriminação social se dirigem pelo pertencimento racial da Bianca, apesar dela ter melhores condições que a própria Carmen. Finalmente, as complexidades que tentamos levantar sobre aspectos da migração e a localização social através do olhar da interseccionalidade, se fazem presentes nas próprias auto declarações raciais: Bianca “não se sente negra” e Carmen se acha “*canelita*”³⁵.

A este conjunto de reflexões sobre a migração e identidades geoculturais, na perspectiva de Hall (2006) e de Quijano (2007), se insere a experiência da Isabel, que diante da pergunta feita pela pesquisadora sobre seu pertencimento racial, surpresa responde:

aquí, racial? no no entiendo...allá eran mis amigos (los negros) aqui no, aqui no tuve un amigo negro, porque no habia ni uno en la universidad, tuve empleadas negras, dos, aquí en Brasil mi relación con los negros era... vivian en mi casa, me ayudaban, pero eran empleadas [...] nunca me coloqué esa cuestión, ¿vos como te consideras? (ISABEL).

De acordo com Cardoso (2011, p. 611)

a identidade racial branca é o lugar da classificação social a partir da premissa de que a branquitude não seria uma identidade marcada. Quando se trata da ideia do significado da branquitude, prepondera o pensamento de que o branco não possui raça ou etnia (CARDOSO, 2011, P. 611).

³⁵ Em países como Peru e Colômbia, entende-se canelita como uma expressão de pardo ou moreno.

Na narrativa da Isabel aparece a vinculação dessa relação racial e de classe que no contexto do Rio de Janeiro convergem na dinâmica entre empregada e trabalhadoras dos cuidados. De forma mais aprofundada, desenvolvemos na próxima categoria estas questões. No entanto, finalizamos com uma auto-reflexão;

A branquitude também se expressa na racialização do outro, inclusive quando supomos estar respeitando sua identidade cultural. Esse efeito não escapou a esta pesquisa. Se a Isabel se pergunta antes por seu pertencimento, porque a Bianca o afirma?

Para encerrar a análise desenvolvida, encontramos que os aspectos da migração e a identidade/subjetividade podem ser problematizados a través do que chamamos do dispositivo/metáfora você [não] parece brasileira. A reflexão que colocamos guarda relação com os objetivos sobre a perspectiva interseccional e as contribuições para os estudos migratórios desde os estudos decoloniais.

Tentamos defender um ponto importante, ou seja, de que na migração as tensões sobre quem são e quem não são excluídos, merecem atenção nos aspectos subjetivos e intersubjetivos das relações sociais. Tentamos contribuir com esses elementos a partir do campo da psicossociologia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das narrativas e das categorias descritas colocamos algumas ponderações e achados deste caminho percorrido. Antes, vale a pena lembrar que esta proposta de pesquisa problematiza o cuidado em função de duas acepções: como trabalho remunerado e como práticas sociais. Ao deslocar o discurso do trabalho para uma proposta de práticas do cuidado, levamos em consideração a ideia de que as práticas não diminuem o peso da desigualdade, porém questionamos que o gênero seja a única construção relevante e a perspectiva da divisão sexual seja a única visão para este entendimento.

Compreendemos a partir da análise feita no levantamento das correntes teóricas do primeiro e segundo capítulos, que o aporte dos estudos marxistas tem sido central para o desenvolvimento de uma crítica às relações de poder nas práticas e tarefas domésticas e cotidianas. Os estudos decoloniais nos permitem relacionar a experiência histórica do cuidado nas sociedades modernas/coloniais, articulando a hierarquia racial, o eurocentrismo e os modos de subjetivação na colonialidade, além das tensões do trabalho remunerado e não remunerado no sistema capitalista.

Sugerimos que a colonialidade do saber e do ser devem ser consideradas na gestão do cotidiano da vida, do imprescindível que fazemos para o convívio e bem-estar próprio e dos outros. Este aspecto, se ponderado, poderia contribuir para um caminho de discussão diferente.

Este processo de pesquisa se construiu na medida em que fomos nos aproximando do campo, através do encontro com as diferentes mulheres, com as quais fomos tecendo os caminhos e ampliando os entendimentos a respeito dos cuidados e da condição de imigração das participantes. Assim, construímos paulatinamente o objeto de pesquisa.

Presumimos que a diferença entre as imigrantes nos permitiu ter um panorama diverso de experiências. A riqueza das narrativas das trabalhadoras dos cuidados, das empregadoras e das migrantes que desenvolvem as práticas do cuidado de forma autônoma, ajudaram a identificar os afetos, as tensões entre a estrangeiridade e o ideal de comunidade nacional. Por outro lado, as intersecções dos marcadores sociais apresentam as formas como a colonialidade do poder se fazem presentes no cotidiano do cuidado de um grupo composto por dez mulheres provenientes de países latino-americanos no Rio de Janeiro.

Arriscamo-nos a sugerir que a colonialidade do poder não só explica a hierarquia de poder no trabalho dos cuidados, mas a atribuição das práticas sociais do cuidado como uma questão externa menos relevante para o desenvolvimento da vida. Como práticas sociais, os sentidos atribuídos ao cuidado estão marcados por uma lógica capital, ao mesmo tempo em que são uma alternativa de apoio e solidariedade necessários no contexto migratório.

As formas de reprodução social sofrem consequências que se diferenciam pela correspondência, ou oposição ao ideal nacional no país de destino. As participantes mostraram como surgem tensões entre as identidades geo culturais e a forma como o contexto da cidade atribui um lugar social, de pertencimento ou exclusão. Este senso de pertencimento é favorecido através da “comunidade imaginada” pelas características raciais e culturais da maioria das participantes.

A migração Sul-Sul de países latino-americanos pouco tem considerado os cuidados como práticas sociais, dando maior destaque ao papel do trabalho. Isto se relaciona com a noção do imigrante na esfera social e seu lugar como força de trabalho. É necessário questionar como os Estados dialogam com estas realidades. Também vale a pena indagar como a construção do ideal nacional está presente na circulação de conhecimentos e afetos no contexto do trabalho das imigrantes.

Do grupo de participantes, vimos como os trabalhos dos cuidados são desempenhados em dois casos (Geiza e Carmen) por mulheres de baixa escolaridade, imigrantes – a primeira veio de Pernambuco e a segunda do Peru- as quais apresentaram duas experiências onde as relações ocorrem com maior ou menor nível de agenciamento, autonomia e cujos afetos pelas próprias famílias onde trabalham estão mediados por circunstâncias socioculturais. Por exemplo, a diferença de Carmen trabalhar com uma família de espanhóis e se dedicar exclusivamente ao cuidado de uma das três crianças, além de não ter que realizar o trabalho doméstico de limpeza e preparação de alimentos, gera outras dinâmicas das práticas do cuidado.

de forma diversa, Geiza deve dar conta de ambas tarefas: o cuidado de pessoas e o trabalho doméstico. O sentido atribuído por Izabel por ter conseguido dar conta da família com o apoio de Geiza coloca em evidência como o trabalho reprodutivo serve para que as pessoas possam produzir mais e ter melhores condições de vida, mas, ao mesmo tempo, ocasiona desigualdades. No contexto da cidade pesquisada, estas desigualdades são um legado da época colonial incorporado às dinâmicas de vida de algumas das participantes. Em contraste, na experiência de imigração Sul-Sul da pesquisadora, o fato de ser branca, acadêmica, estrangeira, acarreta um estranhamento diante de outras babás não participantes da presente pesquisa.

Por outro lado, as distribuições apresentadas pelas participantes que não tem o apoio de uma empregada nos mostraram a importância das redes e da presença de pessoas ao redor substituindo o papel da família nuclear e extensa. Se o fator econômico na migração não permite contratar outra pessoa, as práticas dos cuidados no contexto migratório dependem da articulação com o tempo do trabalho e o apoio de pessoas próximas, colocando maiores dificuldades para a resolução do cotidiano.

As trajetórias de imigração destas mulheres indicam que em muitas ocasiões, as condições de acesso à educação superior nos países sul-americanos, compõem um panorama importante para pensar as migrações contemporâneas. Além do chamado “*brain drain*” identificamos que não contar com os meios socioeconômicos para estudos de pós-graduação nos países de origem e encontrá-los - cada vez mais restritivos - em países como o Brasil, compõe um grupo social de estudantes que também elegem ficar a partir das opções de estabelecer uma carreira acadêmica. Pesquisas que considerem

esta população, não como “estrangeiros em trânsito” podem levam a compreender os espaços interculturais construídos por estes imigrantes, que muitas vezes não se reconhecem como tal.

Finalmente, consideramos que a importância da participação na pesquisa das migrações reivindica o lugar de enunciação como ferramenta de análise da experiência migratória. Nessa medida, o lugar da pesquisadora enquanto imigrante e babá permitiu refletir sobre como a migração gera essas estratégias através dos trabalhos dos cuidados, mas também como podemos conhecer os diferentes caminhos que, dentro de um grupo de mulheres, criam essas alternativas.

Assim a visão das práticas dos cuidados também possui um caráter de agenciamento e de transformação dentro da lógica de opressão, configurando uma organização dos cuidados através das ferramentas das mulheres imigrantes no seu cotidiano.

Em última instância, entendemos essas práticas a partir de duas dimensões produto da análise das narrativas: uma dimensão afetiva e uma dimensão da interculturalidade.

A dimensão afetiva reflete intensidade, reações corporais e sensações que observamos nas relações das participantes com outras pessoas na prática e trabalho do cuidado. A dimensão afetiva envolve também as ambivalências e as contradições sobre sentimentos, expressos nas narrativas das relações de mulheres trabalhadoras e as patroas; ou entre o grupo das mesmas trabalhadoras.

A segunda dimensão trata-se mais de uma proposta que emerge da pesquisa e que não necessariamente esteve presente em todas as narrativas: a interculturalidade. A interculturalidade permite entender a complexidade da coexistência entre as diferenças, ressaltando o potencial articulador do encontro entre práticas culturais sobre os cuidados que o contexto migratório oferece. A interculturalidade remete à memória do fazer no cotidiano, às atividades e às tarefas do cuidado.

Permitimo-nos propor para futuros desenvolvimento da temática, aprofundar as dimensões encontradas, como um caminho que enriqueça a compreensão do cotidiano dos cuidados nas migrações Sul-Sul.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, Michael. *Etnografía y observación participante en investigación cualitativa*. Madrid: Ediciones Morata, 2012.

ARANGO, Luz Gabriela. El trabajo del cuidado: ¿servidumbre, profesión o ingeniería emocional? In: ARANGO, G., MOLINIER, P. *El cuidado como ética y como trabajo*. Medellín: La Carreta Editores, 2011.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico. Dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

ARRIAGADA, Irma; TODARO, Rosalba. *Cadenas globales de cuidados: El papel de las migrantes peruanas en la provisión de cuidados en Chile*. Santiago de Chile: ONU MUJERES, 2012.

BABÁS. Direção: Consuelo Lins. Produção: Consuelo Lins e Flávia Castro. Documentário, 20'. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BrhIXB4xxZo>. Acesso em 10 fev 2018.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edição 70, 1977.

BENEDICT, Anderson. Comunidades imaginadas. *Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. México: Editorial Fondo de Cultura Económica, 1993.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. Decolonialidade e interseccionalidade emancipadora: a organização política das trabalhadoras domésticas no Brasil. *Sociedade e Estado*, v. 30, n. 1, p. 147-163, 2015.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. Intersectionality and female domestic workers' unions in Brazil. In: *Women's Studies International Forum*. Pergamon, 2014. p. 72-80.

BILAC, Elisabete Dória. Trabalho e família: articulações possíveis. *Tempo Social*, vol. 26, n. 1, 2014

BOCAYUVA, Pedro Cláudio Cunca. A fronteira como método e como “lugar” de lutas segundo Sandro Mezzadra. *Lugar Comum*, 39, P. 45 – 67, 2013.

BRITES, Jurema. Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. *Cadernos pagu*, n. 29, 2007

BRITES, Jurema. Domestic service, affection and inequality: Elements of subalternity. In: *Women's Studies International Forum*. Pergamon, P. 63-71. 2014.

BRITES, Jurema; PIKANÇO, Felícia. O emprego doméstico no Brasil em números, tensões e contradições: alguns achados de pesquisas. *Revista Latino-americana de estudos do trabalho*, 19, p. 131-158, 2014.

BUCHENHORST. Ralph. Digresión sobre el extranjero: La contribución de Georg Simmel a la sociología de la migración. In: *Georg Simmel, un siglo después. Actualidad y perspectiva*. Buenos Aires: CLACSO, 2017, p. 121 – 132.

CALDERÓN, Javier; CARDONA, Diana Lopez. Orlando Fals Borda y la investigación acción participativa: aportes en el proceso de formación para la transformación. IN: Imen, Pablo; Frisch, Pablo; Stoppanil; Natalia, I Encuentro hacia una Pedagogía Emancipatoria en Nuestra América. Buenos Aires: Centro Cultural de la Cooperación Floreal Gorini, 2013

CAMPILLO, Fabiola. El trabajo doméstico no remunerado en la Economía. *Nómadas*, n. 12, p. 98-115, 2000.

CAMPILLO-CARRETE, Beatriz, et al. *South-South Migration: A review of the literature*. The Hague: International Institute of Social Studies of Erasmus University Rotterdam (ISS), 2013.

CARDOSO, Lourenço. O branco-objeto: O movimento negro situando a branquitude. *Instrumento-Revista de Estudo e Pesquisa em Educação*, v. 13, n. 1, 2011.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T, ARAUJO, D, TONHATI, T. A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. Relatório Anual 2017: Série Migrações. *Observatório das Migrações Internacionais*. Disponível em: <<http://obmigra.mte.gov.br/index.php/relatorio-anual>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

CERQUEIRA, Daniel et al.. *Atlas da violência 2017*. Brasília: IPEA, FBSP, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7956/1/Atlas%20da%20viol%C3%Aancia_2017.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2018.

CERRUTTI, Marcela; PARRADO, Emilio. Intraregional Migration in South America: Trends and a Research Agenda. *Annual Review of Sociology*, v. 41, p. 399-421, 2015.

CERTEAU, Michel de. *La invención de lo cotidiano: Artes de hacer*. Universidad Iberoamericana. Departamento de Historia Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Occidente: México DF, 1999.

COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE. *La matriz de la desigualdad social en América Latina*. Santiago: Naciones Unidas, Octubre de 2016. Disponível em: <http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/40668/4/S1600946_es.pdf>. Acesso em: 11 Jan. 2017.

COSTA, Samira Lima da; MENDES, Risalda. Redes sociais Territoriais: primeiras palavras. In: *Redes Sociais Territoriais*. (Org) Costa, Lima da, Samira e Mendes, Rosilda. São Paulo, 2014, Fap-Unifesp. P. 17 -33, 2014.

CURIEL, Ochy. Crítica poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista. *Nómadas (Col)*, n. 26, 2007.

DANIEL, Camila. As relações de gênero na experiência migratória de peruano/as no Rio de Janeiro. *Revista Ambivalências*, v. 1, n. 2, p. 54-72, 2013.

DEMO, Pedro. *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. Editora Atlas: São Paulo, 1995.

DESIDÉRIO, Edilma de Jesus. *Migração internacional com fins de estudo: o caso dos africanos do programa estudante-convênio de graduação em três universidades*

públicas no Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais) - Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2006.

DIAZ, Quiroga Natalia. Economía del cuidado. Reflexiones para un feminismo decolonial. In: MIÑOSO, Yuderkys Espinosa; CORREAL, Diana Gómez; MUÑOZ, Karina Ochoa (Ed.). *Tejiendo de otro modo: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala*. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2014.

DUTRA, Delia. *Mulheres migrantes peruanas em Brasília. O trabalho doméstico e a produção do espaço na cidade*. Tese (Doutorado em Sociologia) -Universidade de Brasília/UnB, Brasília, 2012

ELHAJJI, Mohammed. Comunidades diaspóricas e cidadania global: o papel do intercultural. *Esferas*, v. 1, n. 3, 2014.

ELHAJJI, Mohammed. Migrantes, uma minoria transacional em busca de cidadania universal. *INTERIN*, v. 22, n. 1, p. 203-220, 2017.

ELHAJJI, Mohammed; ESCUDERO, Camila. WEBDIÁSPORA: Migrações, TICs e memória coletiva. *Revista Observatório*, v. 2, n. 5, p. 334-363, 2016.

ENGEL, Cíntia; PEREIRA, Bruna CJ. A organização social do trabalho doméstico e de cuidado: considerações sobre gênero e raça. *Revista Punto Género*, n. 5, p. Pág. 4-24, 2015.

ESCOBAR, Arturo. *La invención del Tercer Mundo: construcción y deconstrucción del desarrollo*. Venezuela: Editorial el perro y la rana, 2007.

ESPINOSA-MIÑOSO, Yuderkys. Una crítica descolonial a la epistemología feminista crítica. *El cotidiano*, v. 29, n. 184, p. 7-12, 2014.

ESQUIVEL, Valeria. *El cuidado en los hogares y en las comunidades*. Informes de investigación de OXFAM. 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/260186250_El_cuidado_en_los_hogares_y_en_las_comunidades>. Acesso em: 01 fev. 2017.

ESTUPIÑÁN, Mary Luz. Acerca de la gobernanza y la gestión migratoria: Crítica del papel de la OIM en el gobierno de la migración internacional y regional. Serie Documentos de Trabajo, Red de Posgrados, 33; Buenos Aires: CLACSO, 2013.

EUFRÁSIO, Mário Antônio. A formação da Escola Sociológica de Chicago. *Plural* v. 2, p. 37-60, 1995.

FACUNDO, Angela. Estudar e pesquisar no exterior ou as distâncias que (des) constroem estrangeiros em duas experiências de formação na França e no Brasil. *Antropolítica. Revista Contemporânea de Antropologia*, v. 1, n. 40, 2016.

FACUNDO, Ángela. *Êxodos, refúgios e exílios colombianos no sul e sudeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2017

FAERMANN, Lindamar Alves. A Pesquisa Participante: Suas Contribuições no Âmbito das Ciências Sociais. *Revista Ciências Humanas*, v. 7, n. 1, 2014.

FALS BORDA, Orlando. Globalización y Segunda República. Cuadernos del Pensamiento crítico Latinoamericano. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. In: *Hacia el socialismo raizal y otros escritos*, Ediciones desde abajo, Capítulo III, pp.71-96, Bogotá, 2007.

FALS BORDA, Orlando; MORA-OSEJO, Luis Eduardo. La superación del eurocentrismo. Enriquecimiento del saber sistémico y endógeno sobre nuestro contexto tropical. *Polis. Revista Latinoamericana*, n. 7, 2004

FEDERICI, Silvia. *Revolución en punto cero: trabajo doméstico, reproducción y luchas feministas*. Madrid: Traficantes de sueños, 2013.

FOLBRE, Nancy. Measuring care: Gender, empowerment, and the care economy. *Journal of human development*, v. 7, n 2, 2006, p. 183-199.

GLOBO. "Entrada de imigrantes no Brasil caiu 23% em dois anos; 'efeito da crise política e econômica', diz estudo". *Jornal Globo*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/entrada-de-imigrantes-no-brasil-caiu-23-em-dois-anos-efeito-da-crise-politica-e-economica-diz-estudo.ghtml>> . Acesso em: 13 dez. 2017.

GOMEZ, Maria Eugenia; PEREZ-OROZCO, Amaia. Resolviendo la vida, renegociando los cuidados: Una lectura feminista de las prácticas de cuidados en Matagalpa. In: BOHIGAS, Edurne et al. *Las resistencias nuestras de cada día: subversiones cotidianas a las violencias simbólicas y materiales*. Managua: Universidad Centroamericana, 2016.

GROSFUGUEL, Ramón. Migrantes coloniales caribeños en los centros metropolitanos del sistema-mundo: los casos de Estados Unidos, Francia, los Países Bajos y el Reino Unido. *Documentos CIDOB. Migraciones*, n. 13, p. 1, 2007.

GROSFUGUEL, Ramón; MALDONADO-TORRES, Nelson. Los latinos, los migrantes y la descolonización del imperio estadounidense en el siglo XXI. *Tabula Rasa*, n. 9, 2008.

GUTIÉRREZ-RODRÍGUEZ, Encarnación Trabajo doméstico-trabajo afectivo: sobre heteronormatividad y la colonialidad del trabajo en el contexto de las políticas migratorias de la UE. *Revista de estudios sociales*, n. 45, p. 123-134, 2013.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós – modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HERRERA, Gioconda. Género y migración internacional en la experiencia latinoamericana. De la visibilización del campo a una presencia selectiva. *Política y sociedad*, v. 49, n. 1, p. 35, 2012.

HERRERA, Gioconda. Más allá de los cuidados. Revisitando la relación entre género, migración y desarrollo a partir de la experiencia de la migración andina. *E-DHC, Quaderns Electrònics sobre el Desenvolupament Humà i la Cooperació*, n. 1, p. 22-37, 2013.

HERRERA, Gioconda. Repensar el cuidado a través de la migración internacional: mercado laboral, Estado y familias transnacionales en Ecuador. *Cuadernos de Relaciones Laborales*, v. 30, n. 1, p. 139, 2012.

HIRATA, Helena et al. (Org.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo social*, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014

HIRATA, Helena. Teorias e práticas do care: estado sucinto da arte, dados de pesquisa e pontos em debate. Cuidado, trabalho e autonomia das mulheres. São Paulo: SOF, 2010, p. 42-56.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

HOCHSCHILD, Arlie. Las cadenas mundiales de afecto y asistencia y la plusvalía emocional. In: GIDDENS, A.; HUTTON, Will. (eds). *En el límite: La vida en el capitalismo global*, Kriterion Tusquets: Barcelona: 2001

IBGE. *Pretos ou pardos são 63,7% dos desocupados*. Agência Notícias IGBE, 2017, Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18013-pretos-ou-pardos-sao-63-7-dos-desocupados.html>>. Acesso em: 14 de dez. 2017.

IBGE. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. *Estudos & Pesquisas*, 26, Rio de Janeiro, 2009. 252p.

LEGERÉN, Andrés Davila. ¿Aquí, allí o en lontananza? Desplazamientos migratorios. Algunas consideraciones epistemológicas. In: *Retos epistemológicos de las migraciones transnacionales*. Anthropos, 2008. p. 31-54.

LEÓN BOLOGNA, Eduardo; FALCÓN, María del Carmen. Migración sur-sur: factores relacionales e inserción segmentada de la población boliviana y peruana en la ciudad de Córdoba, Argentina. *Estudios demográficos y urbanos*, v. 31, n. 3, p. 729-773, 2016.

LUGONES, María. Colonialidad y género. *Tabula rasa*, n. 9, p. 73-102, 2008.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

MAGLIANO, María José. Interseccionalidad y migraciones: potencialidades y desafíos. *Revista Estudos Feministas*, v. 23, n. 3, 2015.

MASSEY, Douglas S., et al. Theories of International Migration: A Review and Appraisal. *Population and Development Review*, 19, 3, 1993, pp. 431–466.

MEZZADRA, Sandro. Multidão e Migrações: a autonomia dos migrantes. *Eco-pós, Revista do Programa de Pós-graduação da escola de comunicação da UFRJ*, 15, 2, 2011

MORA-OSEJO, Luis Eduardo; BORDA, Orlando Fals. A superação do Eurocentrismo. Enriquecimento do saber sistêmico e endógeno sobre o nosso contexto tropical. IN: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004.

MUELLE, Camila Esguerra. Dislocación y borderland: Una mirada oblicua desde el feminismo descolonial al entramado migración, régimen heterosexual, (pos) colonialidad y globalización. *Universitas Humanistica*, v. 78, n. 78. 2014

NAWYN, Stephanie J. Migration in the Global South: Exploring New Theoretical Territory. *International Journal of Sociology*, 46, 2, 2016.

NAZARETH, Juliana. *Mulheres em Movimento: Trajetoria de Jovens nordestinas no Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

OJIMA, Ricardo et al. Migrações internacionais motivadas por estudo: uma análise sociodemográfica dos estudantes estrangeiros radicados no Brasil. *PerCursos*, v. 15, n. 28, p. 166-189, 2014.

OLIVEIRA, de Ribeiro Tadeu Antônio; LEMES, Aires Rodrigo. A inserção do imigrante no Rio de Janeiro: o que nos dizem os registros administrativos? *Coletivo Rede Migração Rio*. Rio de Janeiro: Associação Scalabrini a Serviço dos Migrantes, 2016.

ONU BRASIL. Chefe de Agência da ONU para Refugiados chega ao Brasil; crise na Venezuela está na pauta. Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/chefe-de-agencia-da-onu-para-refugiados-chega-ao-brasil-crise-na-venezuela-esta-na-pauta/>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

OIM. *Perfil Migratório do Brasil 2009*. Ministério do Trabalho e o Emprego, Brasil 2010. Disponível em: <<https://publications.iom.int/books/perfil-migratorio-do-brasil-2009>>. Acesso em: 4e jul. 2016.

OROZCO, Amaia Pérez, et al. Amenaza tormenta: la crisis de los cuidados y la reorganización del sistema económico. *Revista de economía crítica*, 2006, vol. 5, p. 7-37.

PARDO, Catalina Revollo. *Traduciendo los Testimonios de las Mujeres Víctimas del Desplazamiento en Colombia*. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

PARK, Robert E.; BURGESS, Ernest. Competição, Conflito, Acomodação e Assimilação. Tradução: Mauro Guilherme Pinheiro Koury. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 13, n. 38, 2014.

PEDONE, Claudia. Cadenas y redes migratorias: propuesta metodológica para el análisis diacrónico-temporal de los procesos migratorios. EMPIRIA. *Revista de Metodología de las Ciencias Sociales*, n. 19, 2010.

PÉREZ OROZCO, Amaia. Subversión feminista de la economía. Aportes para un debate sobre el conflicto capital-vida. España: Traficantes de sueños, 2014.

PÉREZ-OROZCO, Amaia. Miradas globales a la organización social de los cuidados en tiempos de crisis In: ¿qué está ocurriendo? INSTRAW, Documento de trabajo, v. 5, 2009.

PINHEIRO, Luana; MADSEN, Nina. As mulheres negras no trabalho doméstico remunerado. *Desafios do desenvolvimento*, 70, 8, 2011, p. 56.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder y Clasificación Social. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Perú indígena*, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992.

RAMOS, André de Carvalho; RIOS, Aurélio; CLÈVE, Clèmerson; et al. *Regulamento da nova Lei de Migração é contra legem e praeter legem*. Consultor Jurídico, São Paulo, v. 23 no 2017, 2017. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2017-nov-23/opiniaio-regulamento-lei-migracao-praetem-legem>> Acesso em: 02 fev. 2018.

REINA, Vargas Jennifer. Francisco Gutiérrez Sanín El orangután con sacoleva. Cien años de democracia y represión en Colombia (1910-2010). *Revista Estudios Socio-Jurídicos*, 17, 1, P. 229 – 235, 2015

RESTREPO, Eduardo. *Etnografía: alcances, técnicas y éticas*. Bogotá: Envió, 2016.

RICKLY, Aline. Nova Friburgo, RJ, ganha título oficial de 'Suíça brasileira'. *G1 –globo*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/regiao-serrana/noticia/nova-friburgo-rj-ganha-titulo-oficial-de-suica-brasileira.ghtml>>. Acesso em: 09 JAN 2017.

RONIGER, Luis. Exílio massivo, inclusão e exclusão política no século XX. Dados-*Revista de Ciências Sociais*, v. 53, n. 1, 2010.

SAYAD, Abdelmalek. *Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Racismo e antirracismo: a categoria raça em questão. *Revista Psicologia Política*, v. 10, n. 19, p. 41-55, 2010

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *Revista USP*, n. 53, p. 117-149, 2002.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 4, 12, P. 265 – 271, 2005

SORJ, Bila. Arenas de cuidado nas interseções entre gênero e classe social no Brasil. *Cadernos de pesquisa*, v. 43, n. 149, p. 478-491, 2013.

SORJ, Bila; FONTES, Adriana; MACHADO, Danielle Carusi. Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil. *Cadernos de pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 573-594, 2007.

SOVIK, Liv Rebecca. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

SUBUHANA, C. A experiência sociocultural de universitários da África Lusófona no Brasil: entremeando histórias. *Pro-Posições, Campinas*, v. 20, n. 1, p. 103-126, 2009

TEIXEIRA, Juliana Cristina. *As artes e práticas cotidianas de viver, cuidar, resistir e fazer das empregadas domésticas*. Tese (Doutorado em Administração) - Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2015

TELLES, Lorena Feres da Silva. *Libertas entre sobrados: contratos de trabalho doméstico em São Paulo na derrocada da escravidão*. Dissertação (Mestrado em Historia Social)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

TORNS, Teresa. El trabajo y el cuidado: cuestiones teórico-metodológicas desde la perspectiva de género. *EMPIRIA. Revista de Metodología de Ciencias Sociales*, 15, 2008, pp. 53-73

TRUJILLO CRISTOFFANINI, Macarena; CONTRERAS HERNÁNDEZ, Paola. Desde las epistemologías feministas a los feminismos decoloniales: Aportes a los estudios sobre migraciones. *Athenea digital: revista de pensamiento e investigación social*, 2017, vol. 17, no 1, p. 0145-162.

UNITED NATIONS, Department of Economic and Social Affairs, Population Division. *International Migration Report 2015: Highlights*, New York: UN, 2016

VEGA, Cristina; GUTIÉRREZ RODRÍGUEZ, Encarnación. Nuevas aproximaciones a la organización social del cuidado. Debates latinoamericanos Presentación del Dossier. *Íconos. Revista de Ciencias Sociales*, n. 50, 2014.

WALSH, Catherine. *Interculturalidad crítica y (de) colonialidad: ensayos desde Abya Yala*. Quito: Ediciones Abya Yala, 2012.

ZLOTNIK, H. *The Global Dimensions of Female Migration*. Migration Information Source, 2003. Disponível em:
<<http://www.migrationinformation.org/Feature/display.cfm?id=109>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

.ANEXO I**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, (*nome do sujeito da pesquisa, nacionalidade, idade, estado civil, profissão, endereço, Documento de identidade* _____), estou sendo convidado a participar de um estudo denominado “*Práticas e trabalhos do cuidado de um grupo mulheres migrantes latino-americanas no Rio De Janeiro*”, cujos objetivos são: *investigar as relações do cuidado de mulheres latino-americanas migrantes no Rio de Janeiro, consideradas como estratégias destinadas para pessoas dependentes fisicamente e/ou emocionalmente, tais como o cuidado de filhos/as ou pessoas idosas, que se desenvolvem no cotidiano, por meio da análise de redes sócias no âmbito migratório.*

Esta pesquisa surge da necessidade de compreender a profundidade as estratégias cotidianas para o sustento da vida que incluem necessidades básicas materiais e emocionais que se configuram diferencialmente no processo da migração; além de resaltar o caráter social, econômico e histórico do trabalho doméstico não remunerado exercido pelas mulheres, considera-se relevante analisar as experiências de migração no contexto do Rio de Janeiro. Levando em conta o aumento nos últimos vinte anos da migração inter-regional na América Latina e principalmente de mulheres, é importante ressaltar as qualidades dessas experiências a partir das interseções entre raça/etnia, classe e gênero.

A minha participação no referido estudo será no sentido de contribuir com minha experiência e trajetória como imigrante no Rio de Janeiro, por meio de depoimentos abertos que serão gravados pela pesquisadora, cuja informação será transcrita e analisada exclusivamente pelo equipe de pesquisa para fins acadêmicos.

Fui alertado/a de que, da pesquisa a se realizar, posso esperar alguns benefícios, tais como o reconhecimento de relações e redes que favorecem a socialização e participação social como migrante no Rio de Janeiro e a identificação de equipamentos e serviços básicos e as formas de acesso á população migrante.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Assim, se me incomodar ou decidir omitir alguma informação sobre meu status migratório, sobre minhas relações próximas ou dinâmicas pessoais, eu terei a opção de que sejam omitidas.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são: Ana Elizabeth León Gonzalez, Mestranda do programa de pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social- Eicos/UFRJ, o Prof. Orientador Claudio São Tiago Cavas, Programa Eicos/UFRJ a Co-orientadora Catalina Revollo Pardo, Programa Eios/UFRJ e com eles poderei manter contato pelos telefones 21-979563153 e pelo email analeongonzalezgrr@gmail.com

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas conseqüências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Ratifico que foi entregue uma copia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa (21) 3938-5167 ou mandar um *email* cep.cfch@gmail.com

Rio de Janeiro, ... de ... de 2017.

Nome e assinatura do sujeito da pesquisa

Nome(s) e assinatura(s) do(s) pesquisador(es) responsável(responsáveis)